

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO**

**Elvis Kleiber Fernandes de Carvalho**

**Tolerância Religiosa na Obra *Lenço-Relíquia*, de Stela Câmara Dubois**

Juiz de Fora

2022

**Elvis Kleiber Fernandes de Carvalho**

**Tolerância Religiosa na Obra *Lenço-Relíquia*, de Stela Câmara Dubois**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião. Área de Concentração Tradições Religiosas e Perspectivas de Diálogo.

Orientador: Prof. Dr. Edson Fernando de Almeida

Juiz de Fora

2022

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Carvalho, Elvis Kleiber Fernandes de.

Tolerância religiosa na obra Lenço-Relíquia, de Stela Câmara Dubois / Elvis Kleiber Fernandes de Carvalho. -- 2022.  
101 p. : il.

Orientador: Edson Fernando de Almeida

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciências Aplicadas à Saúde, 2022.

1. Lenço-Relíquia. 2. Tolerância religiosa. 3. Espaço autobiográfico. I. Almeida, Edson Fernando de, orient. II. Título.

**Elvis Kleiber Fernandes de Carvalho**

**Tolerância Religiosa na Obra *Lenço-Relíquia*, de Stela Câmara Dubois**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião. Área de Concentração Tradições Religiosas e Perspectivas de Diálogo.

Aprovada em 21 de julho de 2022.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Dr. Edson Fernando Almeida – Orientador  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Dra. Maria Cecília dos Santos Ribeiro Simões Rodrigues  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Dr. Claudio de Oliveira Ribeiro  
Universidade Federal de Juiz de Fora

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, a quem devo a fé, a vida e a certeza de sua temporalidade.

À minha esposa Diamantina e ao meu filho Ênedy, pelo constante encorajamento e amor.

À memória de meu pai, Thomaz Carvalho, que partiu durante a escrita da pesquisa, eternas saudades.

À minha mãe Niciene Xavier, pelo amor presente em todas as horas.

Ao professor Dr. Edson Fernando de Almeida, pelas constantes orientações e pelos incentivos na pesquisa.

Aos professores da pós-graduação da UFJF, que tanto contribuíram para a aquisição de novos saberes.

Ao padre Romildo Pires dos Santos, por transformar o diálogo e a convivência em rica aprendizagem.

Ao professor Dr. Manoel Bernardino de Santana Filho, pelo incentivo e pela amizade.

À professora Dra. Márcia Castro, por disponibilizar o acesso às pesquisas no acervo do *Jornal Batista*.

À professora Dra. Sonilda Sampaio, diretora do Colégio Taylor-Egídio, por viabilizar o acesso às pesquisas.

À bibliotecária Auristela, pelo envio de valioso material da professora Stela Câmara Dubois.

À professora Dra. Lígia Gomes, pelo auxílio na revisão textual.

Aos colegas de curso, que solidariamente se fizeram companheiros em vários desafios.

À Igreja Bíblica Congregacional do Rio de Janeiro, uma comunidade culturalmente acolhedora e plural.

Ao Seminário Teológico Congregacional do Rio de Janeiro, fonte de constante inspiração.

Aos meus alunos, irmãos de fé e amigos, verdadeiros encorajadores da tolerância e do amor.

## RESUMO

A obra *Lenço-Relíquia* é um romance publicado, em 1971, pela Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira (JUERP). Narra, no cenário da Segunda Guerra, a relação entre duas famílias com pertencas distintas. A literatura é de autoria da professora Stela Câmara Dubois e sua análise é feita através do mapeamento do espaço autobiográfico e das relações entre sua vida e a construção de personagens e discursos em torno da tolerância. A exposição da temática se inicia na apresentação das origens do Colégio Batista Taylor-Egídio, fundado em 1898, localizado na cidade de Jaguaquara, estado da Bahia. Esse, por ser pioneiro na educação religiosa com raízes protestantes, torna-se uma espécie de “laboratório pedagógico” ao longo de cinquenta anos de atuação da autora. Em sua metodologia, o estudo fundamenta-se no conceito de espaço autobiográfico criado por Philippe Lejeune, “o pacto autobiográfico” (2008). Tal escolha dá-se por representar uma maior identificação com o tipo de análise traçada na pesquisa. Recorre-se também ao desenvolvimento dos estudos sobre a tolerância nas pesquisas de Clodoaldo Mengelle Cardoso, “*Tolerância e seus limites*” (2003). Esses dois referenciais aproximam-se das informações extratextuais e características das personagens durante a análise da obra. Buscou-se, no reflexo entre autor e obra, a influência das escolhas narrativas de Stela Câmara Dubois e como essas se encontram correlacionadas aos elementos de sua vida e intenção artística. Na estruturação da pesquisa, destacam-se, no primeiro capítulo, a síntese do livro e a contextualização da vida e da obra da autora. No segundo capítulo, apresentam-se os conceitos sobre tolerância e espaço autobiográfico. No terceiro capítulo, mostram-se o mapeamento dos trechos da obra e a análise das personagens, correlacionando-os às informações extratextuais e aos resultados das evidências em torno da tolerância religiosa.

**Palavras-chave:** *Lenço-Relíquia*. Tolerância Religiosa. Espaço Autobiográfico.

## ABSTRACT

*Lenço-Reliquia* is a novel published by the religious education board and publications of the Brazilian Baptist Convention (JUERP) in 1971. It narrates, in the scenario of the second war, the relationship between two families with different belongings. The literature is authored by Professor Stela Câmara Dubois and its analysis is done through the mapping of the autobiographical space and the relationships between her life and the construction of characters and discourses around tolerance. The exhibition of the theme begins with the presentation of the origins of College Batista Taylor-Egídio founded in 1898, located in the city of Jaguaquara - Bahia. This, for being a pioneer in religious education with Protestant roots, becomes a kind of "pedagogical laboratory" over fifty years of work of the author. In its methodology, the study is based on the concept of autobiographical space created by Philippe Lejeune, "the autobiographical pact" (2008). This choice is given because it represents a greater identification with the type of analysis outlined in the research. The development of studies on tolerance is also used in Clodoaldo Mengelle Cardoso's research "Tolerance and its limits" (2003). These two references approach the extratextual information and characteristics of the characters during the analysis of the work. It was sought, in the reflection between author and work, the influence of Stela Câmara Dubois' narrative choices and how these are correlated to the elements of her life and artistic intention. In structuring the research, the first chapter highlights the synthesis of the book and the contextualization of the author's life and work. In the second chapter, the concepts of tolerance and autobiographical space are presented. The third chapter shows the mapping of excerpts from the work and the analysis of the characters, correlating with extratextual information and the results of the evidence around religious tolerance.

**Keywords:** Relic-Scarf. Religious Tolerance. Autobiographical space.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2. LUGAR DE ANUNCIAÇÃO: SÍNTESE DA OBRA <i>LENÇO-RELÍQUIA</i> .....</b>	<b>13</b>
2.1 <i>LENÇO-RELÍQUIA</i> EM FOCO.....	13
2.2 STELA CÂMARA DUBOIS, A VIDA NO CENÁRIO DE SUA OBRA .....	28
2.3 INSERÇÃO RELIGIOSA E ACADÊMICA EM UNIVERSO MASCULINO .....	39
<b>3. PERCURSO METODOLÓGICO: ESPAÇO AUTOBIOGRÁFICO E TOLERÂNCIA.....</b>	<b>47</b>
3.1 REFERENCIAIS TEÓRICOS E CONCEITUAÇÃO DOS MÉTODOS.....	48
3.2 INFORMAÇÕES EXTRATEXTUAIS EM DIÁLOGO COM A OBRA .....	59
<b>4. MAPEAMENTO E ANÁLISE DAS PERSONAGENS .....</b>	<b>65</b>
4.1 TOLERÂNCIA COMO CONTRAPONTO AO PIETISMO BATISTA .....	66
4.2 CORRELAÇÕES ENTRE PERSONAGENS E ESPAÇO AUTOBIOGRÁFICO .....	74
4.3 EVIDÊNCIAS DE TOLERÂNCIA RELIGIOSA.....	78
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>86</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>90</b>
<b>ANEXO A.....</b>	<b>92</b>
<b>ANEXO B.....</b>	<b>93</b>
<b>ANEXO C.....</b>	<b>94</b>
<b>ANEXO D.....</b>	<b>95</b>
<b>ANEXO E.....</b>	<b>96</b>
<b>ANEXO F.....</b>	<b>97</b>
<b>ANEXO G.....</b>	<b>98</b>
<b>ANEXO H.....</b>	<b>99</b>
<b>ANEXO I.....</b>	<b>100</b>
<b>ANEXO J.....</b>	<b>101</b>



## 1. INTRODUÇÃO

A pesquisa sobre a tolerância delimitada na análise da vida e da obra da professora Stela Câmara Dubois<sup>1</sup> nos coloca frente ao desafio da convivência pacífica com a diversidade fortemente polarizada pelo viés religioso e político. Tal contexto agravado pela pandemia da COVID-19 nos obrigou a conviver intensamente com discursos de ódio e sectarismo, difundidos na mídia e nas redes sociais. Apesar de nossa sociedade ser multicultural com expressões religiosas nas músicas, danças e símbolos sagrados, percebe-se a gigantesca distância entre as causas ideológicas, sejam elas sociais ou partidárias, e a promoção do diálogo entre os atores das diversas pertencas que as constituem e representam.

No reflexo do espaço autobiográfico, a análise das personagens de *Lenço-Relíquia* revela vários discursos em prol de uma tolerância para além da religiosa, essa realidade pode ser encontrada no cenário educacional do Colégio Batista Taylor-Egídio, sendo esse o primeiro colégio batista brasileiro, fundado em 1898, localizado na cidade de Jaguaquara, estado da Bahia. Por ser pioneiro na educação religiosa com raízes protestantes, possui diversas representações sociais com viés de construção da fraternidade, da igualdade e da justiça social.

Diante do crescimento dos discursos de intolerância, evidenciados sob o viés político e religioso, urge a necessidade de pesquisas em torno das artes e da literatura que discutam o papel que o autor ocupa na criação ficcional de suas personagens e a influência exercida em seus leitores, comunicando e unindo vários credos, símbolos e ritos, diante de uma proposta humanizadora e ecumênica em sua expressão artística – sendo isso uma das razões que motiva esta pesquisa.

O objeto dessa pesquisa é a reflexão dos símbolos representados na manifestação e no diálogo de diversos credos. Para isso, o ambiente religioso será o ponto de partida pela inserção da Igreja Batista através do viés educacional em solo brasileiro.

Para as características das práticas pedagógicas da professora Stela Câmara Dubois serem encontradas, exigiu-se nas pesquisas certo rigor que fornecesse elementos factíveis. Com esse objetivo, recorreu-se a fontes oficiais e documentos históricos produzidos na época, tanto pelos partícipes das atividades discentes quanto pelos atores que possuíam a responsabilidade de dirigir e orientar as atividades educacionais em que ela foi protagonista. Por ser a primeira

---

<sup>1</sup> Autora de *Lenço-Relíquia*, docente e diretora do Colégio Taylor-Egídio entre 1937 e 1986.

mulher brasileira a dirigir a mais antiga escola batista nacional, as práticas desenvolvidas por Stela Câmara Dubois representam, para as pesquisas sobre literatura e religião, um campo vasto de investigação sobre a formação cultural e sua influência no fenômeno religioso brasileiro. Nas pesquisas sobre o ambiente pedagógico do Colégio Batista Taylor-Egídio, foram encontradas semelhanças com o cenário e as narrativas criadas entre as personagens de *Lenço-Relíquia*. Tais evidências estabelecem estratégias que privilegiavam a musicalidade e a cultura folclórica como viés de diálogo e aproximação entre alunos, professores e sociedade em geral. Esse ambiente é retratado nas diversas experiências extratextuais da autora. A sintonia entre ficção e realidade é reforçada por meio dos documentos que retratam a realização de diversos festivais de teatro e de músicas ocorridos na culminância de projetos educacionais no Colégio Batista Taylor-Egídio, os quais valorizavam a pluralidade e a diversidade de expressões rítmicas e culturais. É importante salientar que, desde a verificação dessa espécie de “Pedagogia da Tolerância” até estendendo suas práticas aos dias atuais, o Colégio Batista Taylor-Egídio ainda mantém um vasto programa cultural que inclui saraus literários, apresentações de danças folclóricas, encenações teatrais e musicalidade com o objetivo de despertar uma convivência pacífica nos alunos para além da sala de aula. Essa característica pioneira encontra-se em sintonia em dois aspectos: primeiro, em relação à promoção e à preservação da pluralidade cultural nas tradições religiosas, preconizando a tendência do movimento *interfé* entre os diversos segmentos responsáveis pelas artes de cunho religioso no Brasil; segundo, em relação às pesquisas sobre a religiosidade, as quais precisam se voltar para a temática da tolerância como prevê os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) do Ensino Religioso, devido ao vínculo com as artes, as músicas, as danças e a diversidade de suas expressões.

Esse contexto já é observado em meio a um forte movimento que rompeu o crescimento da dramaturgia e da produção literária sob o viés religioso no Brasil. São diversas produções teatrais e cinematográficas cristãs alcançando maior visibilidade e produzindo, dessa forma, um diálogo não apenas artístico, mas também *interfé*. A expressão “*interfé*” se dá, portanto, de maneira mais ampla, pois indica “que as conversações e interações estão acontecendo entre pessoas que pertencem a credos, e não entre religiões em si, entre religiões como sistemas de crenças e práticas” (PUI-LAN, 2015, p. 21).

Uma evidente percepção da expansão desse nicho ocorreu em 2013 com a criação do Festival Internacional de Cinema Cristão (FICC). Esse se refere a um evento que passou a ser realizado anualmente no Rio de Janeiro. Tal iniciativa incentiva e premia atores e atrizes em várias categorias, movimentando a economia e aumentando a visibilidade das diversas produções de cunho religioso no país.

No campo da literatura cristã, também é evidente o crescimento desse mercado brasileiro. Foi lançada, em 2012, a Feira Literária Internacional Cristã (FLIC) – um evento que visa alcançar o público formador de opinião e que une as editoras e os autores para fomentar parcerias nacionais e internacionais em volta desse mercado. Não há como negar a influência midiática e social que as diversas manifestações das artes, literatura e indústria do entretenimento cristão passaram a ocupar no campo religioso no país.

Essa realidade demonstra a contemporaneidade do tema da tolerância religiosa pelo vínculo que ele apresenta com as artes. Estudos sobre cultura e tolerância religiosa ainda são poucos expressivos, o que ressalta a carência de pesquisas. Esse vínculo simbólico entre arte e religião pode ser observado nas expressões culturais, sob o olhar das manifestações religiosas na construção de valores.

Os elementos destacados por trás da criação das personagens da obra *Lenço-Relíquia* são comparados com os vínculos estabelecidos pelo viés artístico da autora. Conforme citado, essa observação do crescimento das artes, das músicas e das danças como expressão da cultura no Brasil parece dialogar mais facilmente com distintas pertencas, mesmo sendo estas apresentadas como objetos da devoção popular ou performadas em encenação, ou na literatura ficcional.

Na obra *Lenço-Relíquia*, busca-se comparar as informações extratextuais com a construção das narrativas em torno da tolerância. A partir de processos e diálogo interfé, constrói-se uma aproximação entre arte e religião. Ressalta-se que, para essa análise, são selecionados trechos em que o conceito de espaço autobiográfico aparece como viés correlacionado com as estratégias narrativas. Ao compararmos as informações extratextuais, verificam-se construções narrativas em prol da tolerância religiosa.

Por estratégias narrativas, entende-se o arcabouço ideológico escolhido por Stela Câmara Dubois para a criação das personagens que constituem características intencionais em seus discursos.

Dessa forma, compreende-se, pela análise do espaço autobiográfico, a relação entre as estratégias narrativas na construção das personagens da obra *Lenço-Relíquia* e seu engajamento ao promover a tolerância religiosa através das características presentes na obra.

Não foram encontrados registros de trabalhos acadêmicos de mestrado ou doutorado, na seara da Ciência da Religião, que abordassem a questão da tolerância religiosa sob o viés das práticas pedagógicas na primeira escola batista brasileira, a partir do texto *Lenço-Relíquia*, da professora Stela Câmara Dubois – o que sugere que esse é um objeto de pesquisa pouco

conhecido. Mesmo assim, tal análise não se restringe a pressuposições das práticas pedagógicas de Stela Câmara Dubois.

Com as limitações no acesso aos documentos catalogados no acervo da biblioteca do Colégio Batista Taylor-Egídio em decorrência da pandemia, foi necessário aguardar o envio das publicações pela bibliotecária. Nesses textos, há diversas informações sobre as práticas pedagógicas da professora Stela Câmara Dubois. Os mesmos, como se seguem, tornaram-se norteadores da análise de sua produção literária: *Lenço-Relíquia*; publicações do *Jornal Batista* de 1945; o site da Prefeitura de Jaguaquara; o site do Colégio Batista Taylor-Egídio; o Projeto de Pesquisa e Editoração do Livro do Centenário do Colégio Batista Taylor-Egídio, publicado em 1998; vídeos com discursos de diretores, professores e ex-alunos; fragmentos do livro *Poesias inéditas de Stela Câmara Dubois*; letras e partituras de músicas e peças teatrais; e CDs com músicas folclóricas de sua autoria. Destaca-se, na bibliografia utilizada, o contraponto feito da visão de Elter Dias Maciel,<sup>2</sup> que categoriza a obra *Lenço-Relíquia* como um romance cujo conteúdo atende à identidade batista e aos interesses ideológicos pietistas. A referida pesquisa não se utiliza da biografia da autora na releitura e na compreensão da obra, colocando em segundo plano o lugar de fala das personagens em relação ao espaço autobiográfico e à identidade e aos discursos produzidos. Aborda-se tal análise mais adiante.

A síntese de *Lenço-Relíquia* contextualiza a vida da autora, tendo como eixo estruturador o espaço autobiográfico. Os lugares descritos, as cidades e os bairros apresentam ao leitor o ambiente histórico, geográfico e religioso em que a obra foi escrita. Nesse panorama, encontram-se as lembranças de Stela Câmara Dubois, familiarizada com o viés da educação, principal elemento de expansão religiosa da época.

Apona-se ainda a maneira como os conceitos de espaço autobiográfico e de tolerância se estabelecem em seus fundamentos e dialogam na análise apresentada com o mapeamento das personagens e como são integralizados com as informações extratextuais.

Dessa forma, desenvolve-se a correlação entre as personagens, as memórias autobiográficas e os resultados provenientes da coleta de informações extratextuais nos documentos do Colégio Batista Taylor-Egídio para análise das personagens. Com esses dados, validam-se aproximações e correlações para os resultados propostos.

Faz-se necessário reconhecer que, como se trata de pesquisa exploratória, procura-se estabelecer maior familiaridade entre a obra e o conceito de tolerância, a fim de torná-la

---

<sup>2</sup> Autor de *O Drama da Conversão*, uma análise da ficção batista, CEDI – Centro Ecumênico de Documentação e Informação, Rio de Janeiro, 1988.

explícita em suas hipóteses. As linguagens e os textos analisados sob o viés do espaço autobiográfico tornam-se o principal elemento para a construção dos discursos em torno da tolerância religiosa.

Um importante elemento para a reconstrução da influência literária exercida por Stela Câmara Dubois está nas informações encontradas, além do que foi publicado pela JUERP e pelo *Jornal Batista*. Na pesquisa de Armando Barreto Rosa,<sup>3</sup> encontram-se fortes vínculos de amizades e diálogos interfé na promoção da tolerância religiosa. O texto foi escrito para a Academia Maçônica de Letras e apresenta a influência de Stela Câmara Dubois junto a diversas instituições e pessoas. Essas pesquisas coletadas nos fragmentos sobre seu engajamento retratam que, para além da figura religiosa de missionária batista, pode-se encontrar uma mulher com mente aberta e disposição para conviver com diferentes tradições de fé. Este é o alvo dessa pesquisa, as memórias de que se tem registro e que dialogam e se transformam em personagens na obra *Lenço-Relíquia*.

No final da pesquisa, apresentam-se a escolha e a análise das personagens identificadas como símbolos da tolerância religiosa no enredo, bem como os resultados comparativos que se contrapõem ao viés pietista das literaturas batistas. Nas considerações finais, buscam-se caminhos possíveis para a continuidade das pesquisas sobre tolerância religiosa e literatura.

---

<sup>3</sup> Autor de *Carlos Dubois, o Artista da Palavra*, Editora Dacosta, Salvador, 2000.

## 2. LUGAR DE ANUNCIAÇÃO: SÍNTESE DA OBRA *LENÇO-RELÍQUIA*

Ao buscar a síntese de uma literatura, considera-se necessário encontrar, no desenvolvimento da própria narrativa, elementos interpretativos que validem a construção da mensagem ou tema central. Tal pressuposto é apresentado por meio de citações diretas de cenas, discursos das personagens, lugares e memórias descritas no enredo de *Lenço-Relíquia*. Isso se torna necessário tanto para “contar” a síntese da história como para aproximar o leitor das construções narrativas utilizadas pela autora. Assim fazendo, recorre-se ao local de anúncio de suas personagens, traçando um paralelo com a militância pedagógica da professora Stela Câmara Dubois.

Apontam-se as personagens para auxiliar na percepção da “empatia” do pesquisador e dos leitores para com a obra, realizando distanciamentos e aproximações voltadas à vida da autora. Desta forma, compreendem-se melhor os diálogos entre suas personagens para além de sua religião. Os elementos ficcionais, como parte da descrição de suas memórias, não constituem uma biografia nos moldes tradicionais, sendo mapeados propositalmente em conformidade aos métodos escolhidos.

Na análise da obra, esses recursos ajudam-nos na interpretação dos diálogos através da intercambialidade presente na construção das personagens e nas vivências da autora em torno da Tolerância em sua pedagogia. Como pesquisadora da cultura e das artes, Stela Câmara Dubois utiliza-se dos ritmos, letras e folguedos folclóricos como método de aproximação e diálogo com outras pertenças. Portanto, busca-se identificar as pontes em torno da Tolerância Religiosa construídas através das personagens e da literatura ficcional de suas memórias. Essa reflexão nos remete à realidade contemporânea da presença cinematográfica e literária como já exposto, por meio das mais variadas manifestações das artes e cultura, quer seja no teatro e musicais ou no cinema e literatura pelo viés da religião.

### 2.1 *LENÇO-RELÍQUIA* EM FOCO

*Lenço-Relíquia* é uma novela com características de um romance, escrita por Stela Câmara Dubois, publicada em 1971 pela Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira no Rio de Janeiro (JUERP).

As publicações batistas surgiram em 1886 com o pastor Salomão Luiz Ginsburg, criador do periódico *As Boas Novas*, e com o missionário Batista Zachary Clay Taylor, os quais, juntos,

fundaram o primeiro *Jornal Batista* Brasileiro, chamado de *O Echo da Verdade*, que depois passou a chamar *A Nova Vida*.

Em janeiro de 1901, essas publicações se fundiram, dando origem ao *Jornal Batista*. Tanto o jornal quanto a editora tornaram-se os principais veículos de imprensa batista em circulação. *Lenço-Relíquia* retrata as capitais de Salvador, Rio de Janeiro e Recife. Salvador é a primeira cidade em que os batistas se instalaram como denominação no Brasil, em 15 de outubro de 1882. As outras duas representam o pioneirismo da primeira igreja protestante em língua portuguesa no Brasil, fundada em 19 de agosto de 1855 no Rio de Janeiro e em 19 de outubro de 1873 em Recife, com os Congregacionais.

Até a segunda metade do século XIX, a religião oficial no Brasil, representada pela Igreja Católica, controlava, quase que de forma hegemônica, o pensamento religioso da época, estabelecendo uma forte influência sobre diversos espaços e esferas públicas da sociedade, dentre os quais, os próprios veículos de comunicação.

A inserção de livros e periódicos ajudou na construção da atividade religiosa e artística, tornando-se, por parte das igrejas evangélicas, o principal instrumento para a divulgação de suas ideias e pensamentos, refutando as perseguições sofridas pelos católicos, conforme se retrata nas publicações do *Jornal Batista* de 1947.

Diante disso, boa parte dos documentos aqui pesquisados encontra-se publicada no acervo de memória histórica do Colégio Batista Taylor-Egídio e no *Jornal Batista*. A pandemia forçou a procura de informações, que antes eram obtidas *in loco*, com a pesquisa de campo, e que passaram a ser feitas pelos meios digitais. Isso foi possível graças ao acesso aos textos escritos através do portal do *Jornal Batista*, CDs e canções, não publicadas, de Stela Câmara Dubois, e que se tornaram imprescindíveis nesta pesquisa.

O romance se passa em Salvador (Bahia), em meados de 1944 e 1945, tendo a Segunda Guerra como pano de fundo histórico das narrativas. O material escrito e os documentos sobre sua produção são norteadores da análise da criação de suas personagens como elementos de aproximação sob o viés religioso.

De acordo com os artigos do *Jornal Batista* publicados em 1945, sobre os efeitos da Segunda Guerra, católicos e protestantes mantinham posturas críticas e contrárias ao diálogo e à construção da liberdade religiosa. Dessa maneira, passou-se a investigar, no contexto social, político e religioso, se este clima rival poderia ter influenciado na criação das personagens de *Lenço-Relíquia*.

A tríade fé, arte e cultura, encontrada nos documentos e produções do Colégio Batista Taylor-Egídio não aparece nas publicações do *Jornal Batista* em forma de notícias, ou

divulgação de seus eventos ou programações. Isso pode ser um indício de que, no Colégio Batista Taylor-Egídio, havia uma espécie de movimento pedagógico em prol do diálogo e da aproximação com outras pertenças, aspecto esse que não interessava, por questões ideológicas, à liderança nacional dos batistas.

São poucos os livros escritos por Stela Câmara Dubois e publicados pela JUERP em que se descobrem suas participações em concursos literários promovidos pela editora batista. Pseudônimos eram usados nas inscrições nacionais desses concursos, o que a deixava, independentemente dos resultados, sempre no anonimato. Ao contrário dessa realidade, nos documentos escritos e publicados, fora do círculo batista, fala-se da projeção de seu trabalho e de suas vivências e influências neles, e encontram-se pistas da verossimilhança desses elementos encontrados nas personagens de *Lenço-Relíquia* em relação ao seu engajamento em torno da tolerância religiosa.

Esse engajamento muito importa ao conceito de “local de anunciação” quando se observam as implicações entre os conceitos de espaço autobiográfico e tolerância abordada na obra *Lenço-Relíquia*, na medida em que “a articulação da diferença e da perspectiva da minoria é uma negociação complexa, em andamento, e que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica” (BHABHA, 1998, p. 21).

A negociação identitária possui aplicações na militância de Stela Câmara Dubois, em suas escolhas e estratégias narrativas, na construção da trama de *Lenço-Relíquia*.

O acesso ao poder político e o crescimento da conscientização da diversidade no ambiente educacional mostram-se como instrumento positivo para a formação do indivíduo. As diferenças sociais não são simplesmente dadas à experiência através de uma tradição cultural já autenticada. Elas representam signos da emergência da comunidade concebida como projeto, ao mesmo tempo em que mostra uma visão e uma construção que leva alguém para “além” de si, podendo retornar com um espírito de revisão e reconstrução às condições políticas do presente (BHABHA, 1998, p. 21-22).

Segundo Elter Dias Maciel (1988, pp. 7-8):

os batistas, desde os primórdios, possuíam um organismo encarregado de incentivar e publicar trabalhos produzidos pelos membros de suas congregações. A Junta de Educação Religiosa e Publicações (JUERP) promovia concursos periódicos para julgar, selecionar e divulgar os textos apresentados. Por esta razão, suas publicações representam, de maneira mais definida, a orientação oficial de sua denominação, o que oferece maior margem de segurança quanto às assertivas que resultam de suas análises (MACIEL, 1988, pp.7-8).



Tal premissa é utilizada na pesquisa *O Drama da Conversão*, análise da ficção batista do Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI), publicada no Rio de Janeiro em 1988. Nela, o autor cita a obra *Lenço-Relíquia* como um discurso que atende aos interesses proselitistas do pietismo batista brasileiro. Contrapondo-se a esta crítica, apresenta-se, na obra *Lenço-Relíquia*, um outro caminho hermenêutico pelo viés da tolerância religiosa.

Concordando com as possíveis razões que levaram a literatura de Stela Câmara Dubois a não ser conhecida entre os batistas, o *Jornal Batista*, em sua edição de 03 de janeiro de 1971, publicou o resultado de um concurso de literatura promovido pela JUERP, em que todos os 46 inscritos o fazem através de pseudônimos. De acordo com o periódico, uma das obras escolhidas para publicação é de Stela Câmara Dubois, o romance *Corina*, que contém informações extratextuais e verossimilhanças com a autora e suas personagens.

Desde sua fundação, o *Jornal Batista* teve como missão divulgar os valores e os interesses dos batistas, permitindo, através de suas publicações, a elaboração do pensamento da instituição. Sendo assim, foi realizada uma releitura das publicações do *Jornal Batista* de 1945, com o intuito de buscar as reações entre católicos e evangélicos ocorridas no período da Segunda Guerra. Observou-se que, de acordo com os artigos, há diversos discursos sobre um “inimigo” responsável por “batalhas espirituais”. Essas batalhas são frequentemente anunciadas para justificar a promoção de atitudes e discursos intolerantes e de ódio contra grupos religiosos distintos.

A partir dessa leitura, observaram-se notícias, artigos e questões pertinentes à Segunda Guerra para contextualizar como esse ambiente poderia influenciar a criação do enredo da obra *Lenço-Relíquia*. Resgataram-se desse contexto publicações do *Jornal Batista* buscando recriar o pano de fundo histórico veiculado em seu viés religioso.

Foram pesquisadas algumas publicações do *Jornal Batista*,<sup>4</sup> tendo como recorte o ano de 1945, por ser o período utilizado em *Lenço-Relíquia* para narrar os bastidores da atuação brasileira na Segunda Guerra. Nos artigos, nas matérias e nas publicações, encontraram-se diversos temas sobre intolerância religiosa e liberdade, através de discursos associados à Segunda Guerra, conforme também a obra demonstra retratar, no entanto com enfoques distintos.

Em 11 de janeiro de 1945, foi publicado, na edição ano XLV, página 3, um artigo de autoria de Ebenézer Gomes Cavalcanti, intitulado “Preconceito Antiprotestante no Brasil”. O

---

<sup>4</sup> Por optar por uma abordagem mais prática, cita-se o título do artigo, o mês de sua publicação e o número da edição com apenas um breve comentário. Os mesmos estarão na íntegra no anexo da pesquisa.

texto aponta para os privilégios sociais e políticos aferidos aos católicos. Segundo a matéria, em nenhum lugar do país se esconde a adesão, quase unânime, ao catolicismo. Algumas de suas autoridades agem como se as demais religiões não existissem, fossem apenas toleradas. O artigo ainda cita que, entre as razões do preconceito antiprotestante, existem causas históricas, políticas e religiosas.

Em 22 de fevereiro de 1945, foi publicado, na edição ano XLV, página 03, um artigo intitulado “Intolerância Católica”. O artigo comenta a censura feita aos católicos pelo editorial do jornal “Diário Carioca” do Rio de Janeiro, publicado em 6 de janeiro de 1945, em que colégios protestantes de Belo Horizonte são chamados de instituições heréticas.

Com o título “Unionismo Eclesiástico em Tempos de Guerra”, o artigo publicado em 12 de abril de 1945, na edição do Ano XLV, na página 15, traz um comentário, “Fé e Vida”, do Instituto de Cultura Religiosa de São Paulo, acerca do sermão de autoria do Reverendo Bentley Duncan, pregado em 1944. Nele, o pastor afirma:

Na guerra, os cristãos esqueceram-se das trincas teológicas. Batistas se ajoelharam com os episcopais para receberem a Santa Ceia das mãos de um Capelão Presbiteriano. Na guerra, católicos moribundos receberam assistência de pastores protestantes, jovens judeus balbuciaram suas últimas palavras aos ouvidos de um sacerdote católico, rabinos judeus carregavam crucifixos no momento em que encontraram um jovem Católico que estava moribundo e assim lhe trouxeram conforto em seus últimos momentos. Na guerra, os homens de diferentes crenças, vivem e prestam cultos juntamente e, às vezes, morrem juntos e juntos encontram uma sepultura em comum.

Interessante que, apesar desse texto expressar uma experiência contingenciada em tempos de guerras, o mesmo critica o valor e a presença da ação ecumênica dos capelães em pleno combate, uma clara demonstração de que esse discurso era rejeitado. Por outro lado, nas narrativas dos “pracinhas” rumo à guerra em *Lenço-Relíquia*, é visto um outro olhar.

Em 14 de junho de 1945, outro artigo escrito por Reynaldo Purim, intitulado “Perigos de considerar a democracia apenas como liberdade sem considerar suas finalidades práticas”, edição ano XLV, página 24, apresenta a preocupação pela influência de ideologias, regimes antidemocráticos ou extremistas que rondavam o país.

Ao longo do texto, algumas perguntas são feitas:

Será que uma ordem social com bases democráticas pode permitir em seu meio partidos antidemocráticos ou extremistas? Poderá permitir que indivíduos ou grupos façam propagandas de ideias que visam à destruição das suas instituições? Ou será que um regime democrático deve eliminar os elementos que põem em perigo a sua existência? (PURIM, 1945, S.P.).

Nota-se claramente que a democracia reconhece a liberdade do indivíduo em todas as fases da vida e, como a história é cíclica, as coincidências vão além da mera ficção literária.

Em 23 de agosto de 1945, foi publicado o artigo contradizendo a propaganda de liberdade religiosa na Rússia, pelo fato de confundirem adoração com religião e não permitirem a propaganda e o proselitismo religioso. Segundo o artigo, o principal argumento do governo russo é de que a propaganda religiosa poderia fomentar movimentos subversivos ao regime socialista. O artigo tem o título “Falta Liberdade Religiosa na Rússia Comunista” e está publicado na edição Ano XLV, página 34. Coincidentemente, esse mesmo regime, após 77 anos, mata civis na Ucrânia, demonstrando que a intolerância promove horrores brutais. O período de pós-pandemia será marcado pelos efeitos de consequências desastrosas, como, por exemplo, a guerra atual da Rússia invadindo a Ucrânia.

Em outro artigo publicado no dia 06 de setembro de 1945, na edição ano XLV, a página 36 anuncia: “Inquisição ao invés da liberdade religiosa na ordem social, dominada pela Igreja Católica”. No texto, há críticas de que a Igreja católica, mesmo difundindo a imagem de democrata e favorável à liberdade religiosa, mantém perseguição aos protestantes e influência política na contramão da tolerância religiosa.

Em 4 de outubro de 1945, na edição ano XLV, página 40, um artigo intitulado “A Liberdade Religiosa mantida pelos Batistas na Obra da Educação: Diferença entre liberdade Religiosa e Tolerância” analisa o tema sob o viés da educação promovida pelos batistas no Brasil. Segundo o artigo:

Há muita diferença entre a liberdade religiosa e a mera tolerância. A tolerância é uma concessão humana, a liberdade religiosa é um dom de Deus. A tolerância se reserva o direito da censura, a liberdade religiosa reconhece a voz incensurável da alma. A tolerância é concedida pela pressão, a liberdade religiosa surge de princípios.

A tolerância é remanescente da sociedade tribal, a liberdade religiosa é um preceito cristão baseado na dignidade e responsabilidade do homem. A tolerância procura limitar a liberdade aos atos do culto, a liberdade religiosa abrange o direito do homem de ensinar e pregar as doutrinas de sua fé. O conceito sociológico de paz, segundo Clodoaldo Meneguello Cardoso,<sup>5</sup> ganhou outros contornos e se transformou no que é chamado de tolerância.

---

<sup>5</sup> Autor de *Tolerância e seus Limites: um olhar Latino-Americano sobre Diversidade e Desigualdade*, São Paulo, Editora UNESP, 2003.

Todas essas publicações sugerem que o ambiente social, político e religioso da época era de beligerância entre católicos e protestantes em pleno contexto da guerra. Nesse mesmo período, Stela Câmara Dubois já estava na cidade de Jaguaquara-BA, dirigindo o Colégio Taylor-Egídio e, possivelmente, escrevendo, no anonimato, uma trajetória de mentalidade contrária a essa realidade.

Na obra *Lenço-Relíquia*, o ambiente de “guerra” propaga aproximação e diálogo entre os combatentes e entre as personagens de duas famílias “diferentes”, tornando pertinente a intenção da autora de que o último inimigo a ser vencido não seriam os alemães, mas sim a intolerância. Seguem vários trechos em que a narrativa da guerra se torna central na obra:

A Força Expedicionária Brasileira prepara-se, garbosa, para partir. Todos os estados do Brasil são representados por uma grandiosa mocidade que se orgulha da terra dadivosa do Cruzeiro do Sul. A Bahia deu grande número de voluntários, entre os quais a figura popular e querida do advogado Dr. Rogério Saldanha Acioli... Nos últimos dias de setembro de 1944, os pracinhas chegaram às Docas pela estrada de ferro, no mais absoluto silêncio. Elegantes na farda verde oliva, formando filas extensas, levando às mãos a ficha de vacinação e a caderneta de identidade. Penduradas ao pescoço, as placas metálicas e carregando, às costas, o saco de bagagem, vai subindo as pracinhas (DUBOIS, 1971, pp. 65-66).

Em vários diálogos transcritos pelo narrador, as personagens das pracinhas utilizam expressões de leveza, mesmo em um ambiente rumo à guerra. Essa característica de suavidade nas narrativas e de riqueza de detalhes aproxima a identidade literária da autora de suas memórias autobiográficas, que parecem dar ênfase, em suas descrições, à diversidade dos atores da guerra.

Com isso, demonstra-se que a verdadeira “guerra” é bem mais subjetiva e interior do que pode ser descrita. Seguem algumas expressões de suas personagens:

Quando o perfil majestoso da Guanabara mal se distingue, Rogério tenta fazer camaradagem com seu grupo. Aqui, à direita, está o engraçadíssimo Chico Bolachinha, da Paraíba do Norte, que trouxe uma “peixeira”, um violão e um cachimbo. À esquerda, Antônio fura-gringo, o contador de bravatas, sonso desde a vila militar, mas que, depois, fora tido como divulgador de “a cobra está fumando” (DUBOIS, 1971, p. 66).

A expressão “a cobra está fumando” citada na obra girava em torno de um pensamento corrente neste período que antecedeu a participação brasileira na Segunda Guerra, pois se dizia que era mais fácil uma cobra fumar do que o Brasil engajar-se na guerra. Isso demonstra o nível

de contextualização em que a autora procurou reproduzir, na fala de suas personagens, um ambiente contemporâneo.

Nos diversos discursos das personagens e das narrativas em torno da preparação para a guerra, encontra-se uma alternância entre discursos de fé, diversidade e inclusão aliados à diversão e à descontração – contrapondo com a linguagem e os discursos de ódio e intolerância da atualidade, comuns nos ataques nas mídias e nas redes sociais contra grupos minoritários.

(...) A luta é para estabilização da paz. Para isto, é preciso fé, “o tesouro dos tesouros”. Li certa vez que nada de belo, de grande, de durável, nada de humano se faz sem fé (...) (DUBOIS, 1971, p. 68).

(...) Sim, os fortes são mansos. Os fortes não esbravejam. Os fortes silenciam. Os fortes oram. Os fortes esperam (...) (DUBOIS, 1971, p. 69).

(...) Três dias de viagem, muito divertidos, com os “shows dos pracinhas, o teatro cômico, as orquestras de sambas”. Afinal, escuta-se pelos autofalantes: “Está à vista a ilha de Fernando de Noronha!” (...) (DUBOIS, 1971, p.70).

Esses discursos parecem provocar, propositalmente, um diálogo e uma interação multicultural em torno da tríade religião, arte e cultura. Essa temática se repete em diversos cenários em todo romance. Os locais de anúncio das personagens também expressam a aproximação da autora com as minorias de sua época.

(...) Deus é um aliado das minorias. Quem não vê que é das minorias extremamente pequenas que as grandes coisas da vida têm vindo (...) (DUBOIS, 1971, p.71).

(...) Após quinze dias de viagem, Nápoles é avistada. A desolação, a miséria reinante e a degradação moral, tudo quanto à guerra traz após si, eram contrastados com a beleza clássica do país berço da renascença (...) (DUBOIS, 1971, p.72).

(...) O pretinho-corneteiro compõe canções no seu saxofone, às vezes na sua corneta, nas horas de lazer. Os pracinhas apelidaram a metralhadora alemã de “Lurdinha”, porque acharam o barulho parecido com o das costureiras à máquina. Ao morteiro alemão, chamaram de “Valdemar”. A canção mais popular do pretinho corneteiro é um diálogo entre “Lurdinha e Valdemar”, que vão subindo o morro (...) (DUBOIS, 1971, p. 72).

(...) O Papagaio, o colecionador de rapaduras e anedotas, conta os casos mais extravagantes, e até o major do batalhão manda chamá-lo para ouvir-lhe a palavra jocosa e bem humorada (...) (DUBOIS, 1971, p. 72).

Assim, com esse jeito engraçado de retratar os bastidores da tropa rumo à guerra, o narrador segue descrevendo a convivência pacífica e a interação de várias personagens com

suas diversidades, mas que, juntas, estão seguindo para uma batalha, em que, ao mesmo tempo, mostram-se confiantes de que o inimigo comum se encontra dentro deles mesmos. O egoísmo, a indiferença, o ódio, a intolerância e a discriminação são os piores e mais algozes sentimentos a serem combatidos na humanidade.

Na contextualização da obra, os discursos que se tem documentado sobre o diálogo interfé na atuação docente e literária da professora Stela Câmara Dubois se aproximam dessa convivência pacífica. Apesar de não ser possível conhecer a maior parte de suas vivências, as consequências de suas amizades e relacionamentos mostram-se abrangentes, inclusivas e tolerantes.

Quando se aproximam os locais de anúncio das personagens de *Lenço-Relíquia*, encontram-se outras similaridades com o trajeto de como a autora se desenvolve como pesquisadora na docência do Colégio Taylor-Egídio. Por ser a mais antiga escola confessional do Brasil, o Colégio Taylor-Egídio é uma das mais antigas fontes de pesquisas sobre práticas pedagógicas entre colégios evangélicos brasileiros. Ele nasce com a guerra civil americana, no período de 1861 a 1865. Isso porque as experiências vividas por muitos cristãos norte-americanos, durante e após a referida guerra, fizeram com que esses pudessem ter reflexões mais profundas acerca do sentido da vida humana.

Tais reflexões influenciaram muitos batistas a dedicarem suas vidas às missões. De acordo com a história do colégio disponibilizada em site da própria instituição, registra-se:

Dentre as possibilidades de realização de missão, cristãos norte-americanos elegeram também o fazer educacional formal. Tais missionários foram a vários países difundindo a filosofia que encarnava a educação como arte, como ciência e, sobretudo, como um processo de vida, pela vida e para a vida... Uma visão global sobre o mundo; uma visão de sociedade; uma visão sobre a comunidade e uma visão sobre a pessoa em suas dimensões intra e inter-relacionais (ANDRADE, 1998, pp. 27-28).

A obra *Lenço-Relíquia* recebe esse título por causa de uma valsa com o mesmo nome, descrita como de autoria das personagens Rogério Acioli e Diva Resende. Ela, evangélica e ele, católico.

(...) Rogério vê, naquele ruflar de açucenas, somente um lenço, o “*Lenço-Relíquia*”, a valsa que ele e Diva prepararam e que os ligaram para sempre (...) (DUBOIS, 1971, p. 71).

(...) Mais adiante, um pequeno jornaleiro anuncia, aos gritos, os telegramas de última hora, intercalando, para a maior propaganda de sua folha: A guerra!... a guerra continua! (...) (DUBOIS, 1971, p. 21).

(...) Tenho uma ideia, doutor. Serei um voluntário da Força Expedicionária

Brasileira. Darei o resto de minha vida a uma obra de utilidade em favor da pátria. Batalhando, esquecerei... Tenho quarenta anos, boa saúde, espero que me aceitem (...) (DUBOIS, 1971, p. 27).

(...) Em letras gigantescas, dirão os jornais: “Mais um talento, mais uma grande esperança que a guerra consome (...) (DUBOIS, 1971, p. 28).

(...) E se o senhor voltar com vida? Se a guerra não o devorar? Terá de enfrentar o problema depois. Não voltarei sr. Advogado. Quero colocar-me na linha de frente. (...) (DUBOIS, 1971, p. 28).

(...) Morrerei pela pátria. Hei de morrer pelo Brasil! (...) (DUBOIS, 1971, p. 28).

(...) Dê-me agora, para amenizar a triste situação de um soldado que parte para a guerra, a sua resposta afirmativa (...) (DUBOIS, 1971, p. 57).

(...) Alistei-me como voluntário das Forças Expedicionárias, e esta resolução me veio em vista de mamãe querer obrigar-me a casar com Judite, a quem não amo (...) (DUBOIS, 1971, p. 61).

Todos esses diálogos em torno da representação da Segunda Guerra reportam o símbolo das memórias e dos ambientes em seus discursos contrários à realidade da intolerância e do fundamentalismo de uma crescente ala da sociedade. Muitos discursos misturam conceitos religiosos com ideologias políticas em favor da fé cristã e em defesa da família, fomentando o ódio e o sectarismo, nutridos por ideologias beligerantes. A obra *Lenço-Relíquia* parece não reforçar entre suas personagens discursos fundamentalistas em defesa desses valores. Ao contrário, as memórias de suas personagens simbolizam a diversidade na promoção do respeito, do diálogo e da inclusão.

Voltando à descrição do romance, o cenário de intrigas e disputas aparece em diversas narrativas das famílias Rezende e Saldanha, residentes em Salvador, capital da Bahia, mas pertencentes a realidades sociais e religiosas diferentes. A família Rezende, assumidamente evangélica, com características de classe média, é composta por dona Cacilda, viúva do Dr. Álvaro, e suas filhas, Diva Rezende e Clarinha.

Diva Rezende é professora de Filosofia, depois de formada vai trabalhar como voluntária na Cruz Vermelha, na cidade de Recife-PE, atendendo os militares ex-combatentes feridos na guerra. Durante todo enredo, ela convive com a antipatia e o desagrado de dona Selma Saldanha, que a considera pobre, uma espécie de suburbana, fazendo de tudo para que seu filho se case com a irmã de criação, Judite. Esta, por sua vez, é rica e herdeira de uma herança deixada pelo tio Leôncio, um ex-padre falecido e que sonhava que a sobrinha Judite se tornasse freira.

A família Saldanha Acioli é pertencente à classe alta e é comandada pela viúva Selma Saldanha, mãe de Rogério, recém-formado em direito, e sua irmã adotiva Judite, que também é professora de Filosofia e amiga de Diva Rezende.

Essas famílias simbolizam realidades opostas na diversidade social e nas distintas pertencas que representam, mas, ao mesmo tempo, entrelaçam-se durante toda a narrativa. A figura das mulheres como matriarcas e chefes de família também não se diferencia da grande maioria dos lares na atualidade.

As personagens com representação simbólica em contexto de inclusão e diversidade não se limitam aos integrantes dessas duas famílias como já apontamos nas narrativas do ambiente dos pracinhas rumo à guerra.

Ao longo dos capítulos, encontramos essa mesma característica em outras cenas como estratégia narrativa da obra. Tal contexto parece evidenciar as várias malhas sociais apontadas pelo viés do espaço autobiográfico e tão bem caracterizadas pela diversidade cultural pesquisada por Stela Câmara Dubois conforme será visto a seguir.

Como uma espécie de antítese, o título do primeiro capítulo de *Lenço-Relíquia* é designado por “Afinidades”. Isso parece desafiar o leitor a perceber que, ao contrário de ambientes, crenças e valores semelhantes e afins, as personagens irão revelar, em seus diálogos, suas próprias diversidades e possibilidades de diálogo e inclusão, à medida que a narrativa transcorre.

De acordo com a perspectiva do espaço autobiográfico, torna-se possível imaginar que a autora cria e elege suas personagens, construindo em seus diálogos a diversidade como referencial e utilizando, em seus discursos, um viés de aproximação, convivência e inclusão.

Essa face da trama no primeiro capítulo é revelada na expressão “amor impossível” e os sucessivos questionamentos que são levantados para justificá-lo. Tal linguagem, na perspectiva do pesquisador, realçam as diferenças que tanto contrastam a visão de mundo da autora e como as características próprias dos dogmas e da fé de seus contemporâneos.

As diferenças são apresentadas no início do capítulo, cujo título, como já citado, denomina-se “Afinidades”, conforme descrito a seguir:

Como pudera um amor impossível entrar de cheio em sua vida e dominá-la por completo? Impossível pelo ódio que a mãe de Rogério, intolerante e orgulhosa, transformava em barreira impossível pela disparidade financeira. Impossível, ainda, por questões religiosas, pois Diva e os seus abraçavam as doutrinas evangélicas que o Dr. Álvaro propagara até morrer. Contudo, se de um lado havia tantos impossíveis, do outro, as afinidades ligavam-nos como grilhões (DUBOIS, 1971, p. 7).



Essas “afinidades”, interpretadas à luz da facilidade com que a autora se aproximava de outras pertenças, pelo viés da cultura, permitem serem encontradas no uso de suas memórias autobiográficas, uma estratégia narrativa escolhida para construir os diálogos entre as personagens.

O pano de fundo da guerra e das desigualdades peculiares aos discursos de quem narra a trama apresenta-se como estrutura basilar na construção das personagens. Ele revela a diversidade e a tessitura das aproximações com que Stela Câmara Dubois pautou suas pesquisas pelo viés de um diálogo “interfé”. Essa é a realidade que a fez construir sua prática pedagógica.

Outros aspectos de inclusão e verossimilhança evidenciadas na síntese de *Lenço-Relíquia* são representados nas características topográficas dos respectivos bairros e cidades que representam os ambientes em que as personagens se encontram.

Esses locais se mostram diversos em suas representações e reais em sua existência, ao mesmo tempo em que desafiam a interpretação, puramente ficcional, das personagens pela inclusão social, mostrando-se próximos aos leitores da época.

Um exemplo relacionado a essa questão é a localização da casa da família Rezende, na Avenida Sete de Setembro, em Salvador-BA, que condiz com o mesmo bairro da cidade. Esses detalhes apontam para uma intenção prévia da autora na utilização da estratégia narrativa através dos ambientes que representam as personagens.

Essas características se constituem em importantes aspectos de demarcação social, presença da diversidade e inclusão na obra, fazendo com que, tanto a periferia quanto os bairros nobres, dialoguem e convivam pacificamente com suas diferenças: “A casa modesta que o Dr. Álvaro legara à família, apertada entre as casas da Avenida Sete, dava costas para o mar e toda se embelezava quando a janela se abria, propiciando à aragem marinha a opulência de sua liberdade (...)” (DUBOIS, 1971, p. 7).

Em toda a narrativa, os bairros citados se mostram tanto como símbolos de contraste, ressaltando a distância social das duas famílias, como de verossimilhança e familiaridade geográfica, que a autora enfatiza como elemento de aproximação. Enquanto a família Rezende mora em uma casa modesta, a família Saldanha vive em uma mansão, conforme descrito: “O palacete da viúva Saldanha Acioli, localizado na Barra Avenida (...)” (DUBOIS, 1971, p. 39). Isso pode ser indício de que as personagens criadas possuem um lugar de fala para além da estrutura ficcional.

Stela Câmara Dubois busca, na construção das personagens, suas próprias memórias, onde as cidades, os bairros e as ruas aproximam, por meio do diálogo, as personagens entre si

e com a autora, tanto em sua trajetória como para seus leitores. Várias dessas lembranças encontram-se citadas conforme descrito a seguir:

(...) Você terminará o curso de Filosofia este ano e aceitará um convite para lecionar, digamos, em um município próspero do interior da Bahia: Feira de Santana, Nazaré, Cachoeira, Jequié (...) (DUBOIS, 1971, p. 9).

(...) A ideia de Clarinha – fala D. Cacilda – é julgar a Bahia o melhor lugar do Brasil, o recanto mais belo do mundo... É o barrismo nascente (...) (DUBOIS, 1971, p.46).

(...) Você gosta da Bahia Clarinha? Oh! Se gosto!... Sou baiana mesmo!... A Bahia é o país mais rico do mundo! (...) (DUBOIS, 1971, p. 49).

(...) Ora... tem o petróleo do Lobato (...) (DUBOIS, 1971, p.49).

(...) Num dos hospitais do Recife, por exemplo (...) (DUBOIS, 1971, p.54).

(...) O cais do Rio de Janeiro está interditado (...) (DUBOIS, 1971, p. 65).

(...) Está à vista a ilha Fernando de Noronha (...) (DUBOIS, 1971, p. 70).

(...) era ainda acadêmico e fora passar uns dias na praia de Itapoã, onde a família veraneava. Ele, Diva e Clarinha, que haviam combinado um passeio, desciam uma rampa da duna que circunda a lagoa de Abaeté (...) (DUBOIS, 1971, p. 70).

(...) O teatro Guarani, na Praça Castro Alves, onde se vê a estátua dos poetas dos escravos (...) (DUBOIS, 1971, p. 121).

Ao compararmos os lugares de fala das personagens, bem como as verossimilhanças identitárias que esses lugares remetem à vida e à trajetória de Stela Câmara Dubois, percebe-se que, para além de ficcionais, as memórias autobiográficas não somente mostram as características geográficas e locais pertencentes às personagens criadas pela autora, mas também revelam muito sobre si, passando de um sentido que seria apenas literário para explorar campos conexos da autorrepresentação, como os lugares citados e descritos na obra.

Reconhece-se a interpretação dos discursos a partir dos elementos que constituem a construção das personagens, tornando possível entender o deslocamento da arte para a vida do autor e sua religiosidade como elo que permite alcançar o leitor em sua realidade, sonhos e esperanças.

Esse deslocamento torna dinâmica e envolvente a linguagem poética presente na literatura e nas músicas. Sendo a arte a mais antiga e abrangente forma de se comunicar com as divindades, ela reproduz, visivelmente, uma hermenêutica capaz de dar luz, cor e vida ao transcendente.

A autora utiliza-se desses elementos como símbolos de diálogos e como representação de sua própria identidade e estilo literário na construção e linguagem de suas personagens.

Portanto, o discurso de suas personagens não seria apenas uma sequência de frases e palavras que carregam um significado em si. O sentido não se limita em si mesmo, mas exerce seu poder como um instrumento que carrega a função de organização do imaginário social. Segundo Charaudeau (2006), o discurso político:

(...) está intrinsecamente ligado à organização da vida social como governo e como discussão, para o melhor e para o pior. Ele é, ao mesmo tempo, um lugar de engajamento do sujeito, de justificação de seu posicionamento e de influência do outro, cuja encenação varia segundo as circunstâncias de comunicação. Trata-se, no entanto, da produção de sentido por meio da referenciação dos símbolos, em direção às ideologias dominantes (CHARAUDEAU, 2006, p. 42).

Os sentidos presentes nos discursos ajudam a compreender as regularidades simbólicas e outros enunciados evocados por eles. Dessa forma, ressalta-se, na obra *Lenço-Relíquia*, o deslocamento entre religião e cultura naquele momento histórico, a fim de se averiguar o que é possível inferir no compartilhamento de símbolos, principalmente como a tolerância religiosa aparece e quais as influências que a autora exerce na criação de suas personagens em sintonia com suas práticas pedagógicas.

Nas diversas narrativas em *Lenço-Relíquia*, identifica-se a representação de práticas pedagógicas semelhantes às desenvolvidas no Colégio Batista Taylor-Egídio – nos relatos das memórias de Diva, Judite e Rogério, na inserção cultural através das músicas, dos ritmos e das encenações teatrais, nos lugares e entre lugares díspares e socialmente opostos. Em todos esses símbolos, buscam-se indícios da tolerância religiosa baseada no processo de diálogo interfé, tendo como pano de fundo a arte e a religião.

Do segundo ao quinto capítulo, narram-se os conchavos, as intrigas, as invenções e as descobertas que revelam o desejo de dona Selma casar seu filho Rogério Acioli com sua irmã adotiva Judite. Por outro lado, narra também como Diva Rezende é envolvida nesse ambiente de vaidades, riquezas e disputas pela manutenção da posição social e de interesses econômicos da família Acioli. Os preparativos do aniversário de Rogério são realizados de maneira excêntrica. Pela manhã, ao som de uma orquestra, acordando-o em ambiente repleto de flores, e, à noite, com um banquete para a alta sociedade.

A abundância produz, às vezes, iniciativas surpreendentes. No caso de que nos ocupamos, D. Selma não sabia como gastar utilmente o que lhe sobrava, e assim, contratou uma orquestra de violinos para, na alvorada radiosa,

despertar o filho, que ora contava o primeiro aniversário como advogado (DUBOIS, 1971, p. 15).

É nesse ambiente excludente que a personagem Diva Rezende é inserida. Apesar de sua origem humilde, luta contra o amor de Rogério, por saber que Judite, sua irmã adotiva e amiga de curso, ama-o e não é correspondida. Pelo viés da música e nos acordes do seu piano, Diva Rezende encontra a fórmula para se sentir ambientada e segura.

(...) Quero esquecer Rogério. Hei de esquecê-lo. Fomos colegas de ginásio e havia entre mim e Rogério fortes afinidades, razão porque vivíamos sempre a trocar ideias. Ele escrevia e eu compunha. E, nas festas do grêmio e do teatro Escolar, estávamos os dois. Fomos bons amigos, e por que, mamãe, não o seríamos sempre? (DUBOIS, 1971, p. 10).

Durante a narrativa, observam-se os interesses escusos de dona Selma e sua “intolerância” em diversos aspectos, incluindo a não aceitação implícita da tradição de fé de Diva Resende. Após partir para a guerra, desiludido pela recusa do amor de Diva Rezende, Rogério vive desde o reencontro com seu amigo e líder de seu pelotão, Arnaldo Saboia, várias experiências inclusivas entre seus pares combatentes. Isso o faz experimentar uma realidade social bem diferente da que estava acostumado. Sua fé e sua coragem são testadas, até ser ferido em combate para voltar da guerra mutilado e reencontrar Judite e Diva trabalhando como enfermeiras voluntárias em Recife.

Essas narrativas são reveladoras quanto aos segredos entre Rogério e Judite. Os repasses mensais de certa quantia à Diva Rezende eram como se estivesse fazendo uma doação. Acontece que esses recursos eram provenientes dos direitos autorais do livro “A Evolução da Raça”, que o pai de Diva Resende escreveu e fora roubado antes de sua morte por seu melhor amigo, um sociólogo por nome de Evaristo Soares. A obra foi posteriormente lançada como sendo de sua autoria.

(...) O doutor conheceu o advogado Álvaro Rezende, jornalista, homem de altruísmo a toda prova, que morreu na pobreza (DUBOIS, 1971, p. 25).

(...) O pai da senhorinha Diva Resende? (DUBOIS, 1971, p. 25).

(...) justamente. Fui seu melhor amigo. Faleceu com a cabeça nos meus braços, pedindo-me que tomasse conta da família (...) (DUBOIS, 1971, p. 25).

Esse é o segredo que é revelado no final e que desfaz as distâncias que existiam entre os dois. Rogério conhece o sr. Evaristo Soares, algoz de Diva Rezende, e lhe estende a mão em atitude de acolhimento e ajuda. Ao escrever algumas poesias, encontra nesse ato a coragem para

se restabelecer e novamente entrar no cenário de batalha pelo seu grande amor. As narrativas finais estabelecem, por meio do casamento, a realização de uma valsa que parecia improvável entre pessoas diferentes, com destinos distantes, mas unidas pela força da música, da poesia, do diálogo e do amor. Se a arte consegue unir povos, nada mais é tão difícil que não consiga fazer, para juntar, unir e apaziguar.

## 2.2 STELA CÂMARA DUBOIS, A VIDA NO CENÁRIO DE SUA OBRA

Durante a investigação sobre o tema tolerância em *Lenço-Relíquia*, algumas perguntas surgem: como era a vida de Stela Câmara Dubois e como desenvolveu sua obra? Existe verossimilhança entre sua vida e as personagens retratadas em *Lenço-Relíquia*? Qual é o eixo estruturador de suas personagens e a relação destes com as informações extratextuais? Na escrita dos trechos da obra, onde se evidenciam discursos favoráveis à tolerância religiosa? Todas essas perguntas apresentam-se como objeto pesquisado nos detalhes das memórias biográficas da autora comparados com suas personagens.

Na biografia de Stela Câmara Dubois, encontrada no acervo da biblioteca do Colégio Batista Taylor-Egídio, temos a maior parte de sua produção. No entanto, fora do contexto batista, destaca-se a pesquisa *Carlos Dubois, o artista da palavra* (2000), de Armando Barreto Rosa, que representa um reconhecimento público atribuído pela maçonaria à Stela Câmara Dubois e que, mais adiante, percebe-se muito mais profundamente sua relação com outras pertenças.

Sendo o objeto da pesquisa a tolerância religiosa delimitada na obra *Lenço-Relíquia*, percebe-se a necessidade da releitura da trajetória de Stela Câmara Dubois, fazendo comparação dos discursos de suas personagens pelo viés da diversidade, ampliando o universo pesquisado através das memórias autobiográficas e das informações extratextuais.

Ao descrever quem foi Stela Câmara Dubois para além dos holofotes das publicações batistas, comparamos outras fontes que apontam evidências de sua aproximação, ora dialogando com outras pertenças, ora interagindo através da literatura em uma espécie de comunicação interfé. Isso ajuda a entender como se deu sua inserção no ambiente religioso e acadêmico em um universo marcado pela supremacia masculina, a fim de se verificar o alcance da comunicação de sua obra para além do contexto de sua religião.

Dessa forma, é traçado um paralelo de aproximação entre sua trajetória, a criação de suas personagens e as tensões no diálogo com outras pertenças, a fim de esclarecer a relação de

propósito de seu engajamento com a tolerância religiosa.

Stela Câmara Dubois nasceu em primeiro de abril de 1905, no município de Nazaré da Mata, em Pernambuco. Pesquisas biográficas mostram que a habilidade musical adquirida por ela foi fruto da influência musical que seus pais exerceram em sua trajetória. Já na infância, desfrutava de um ambiente de musicalidade e ritmos. Seu pai, José Paulino Raposo da Câmara, era oficial músico, tocava pistão na banda da escola militar do exército em Fortaleza, sendo natural do Rio Grande do Norte. Sua mãe chamava-se Emília Galvão e era natural de Pernambuco, com grande afeição por música como soprano e organista. Foi cantando na igreja que ela atraiu a atenção de seu José Paulino, até que se casaram e tiveram dezoito filhos, dos quais apenas nove sobreviveram.

Nesse contexto, observa-se que, já em suas origens, Stela Câmara Dubois foi motivada a despertar seus talentos musicais e artísticos por influência de seus pais que já eram envolvidos com a música. Pesquisas mostram que eles investiram nos estudos musicais para todos os filhos. Mas coube à dona Emília iniciar Stela Dubois no canto e, posteriormente, nos primeiros passos até tocar um instrumento musical:

Falei da minha mãe, com quem comecei o estudo do solfejo. Tínhamos órgão em casa, como declarei. Depois veio um piano. A chegada do rei dos instrumentos foi uma festa. A primeira professora de piano foi uma amiga de mamãe, D. Léa Alves, que vinha duas tardes por semana, dar aulas aos cinco primeiros filhos: Stela, Eli, Carmen, Alina e Helcias. Os outros eram muito pequenos ainda (ICHTER, 1967, p. 16).

Antes dos cinco anos, Stela Câmara Dubois lia e escrevia seus primeiros versos com o incentivo de seu pai, José Paulino, e juntamente com a sua mãe, que lhe ensinou a tocar piano e a cantar.

A família se mudou para um sítio, em Recife, com melhores condições para os filhos. As pesquisas apontam que, nesse local, Stela Câmara Dubois viveu na companhia de seus irmãos, desfrutando de um ambiente com muitas árvores frutíferas, banhos em riacho e brincadeiras – tudo que as crianças precisam para um bom desenvolvimento cognitivo e emocional.

Ela estudou no Colégio Americano Agnes Erskine para meninas, onde aprendeu a língua inglesa. cursou o ensino secundário no Colégio Americano Batista, também em Recife.

Em sua juventude, Stela Câmara Dubois cursou técnica vocal, com a professora francesa Vera Janacópulos, e harmonia e regência, com o maestro Ernani Braga, diretor e fundador do Conservatório Pernambucano de Música de Recife, onde se especializou em canto.

As informações extratextuais apontam a familiaridade de Stela Câmara Dubois com as artes musicais, as técnicas de canto, a harmonia, os ritmos e a instrumentalidade. Dessas experiências, decorre-se a leitura abrangente de sua cosmovisão, apresentando a música como elemento constitutivo da fé que abraçou. Ela se expressa através da música, cantando sua natureza humana e artística. Esse argumento encontra-se em concordância com estudos sobre religião e canções populares.

Essa relação ambígua entre canções populares e o mundo religioso oferece pistas para o aprofundamento teórico-reflexivo nas diferentes linhas de pesquisa em ciências da religião. Para quem trabalha com campo religioso, canções populares agregam valiosas informações sobre religiosidade popular e as relações estabelecidas entre movimentos religiosos e outras dimensões da esfera cultural brasileira (CALVANI, 2015, p. 31).

A influência da presença musical percebe-se em toda obra *Lenço-Relíquia*. As cidades de Recife e Salvador retratam os ambientes das narrativas. A música é representada tanto nos lares das personagens quanto nas festas, nas lembranças retratadas em suas memórias e também no trajeto dos pracinhas rumo à guerra. A familiaridade é tamanha que músicas como “Os amores do poeta” de Schumann ou valsas de Chopin são citadas, sugerindo total proximidade entre a obra e a formação musical da autora. Essa percepção é constatada nos estudos que relacionam o fenômeno religioso à música, e a relação que esta possui quando executada. Então,

A música, por ser uma forma de arte que se manifesta e logo desaparece, tem seu registro fixado apenas na memória de quem a ouve e, ainda assim, de modo muito fragmentário. Obviamente, caso domine técnicas musicais, o pesquisador poderá registrar a lembrança da audição em uma partitura, anotando cuidadosamente o ritmo, compasso, linha melódica, pausas e alternâncias. Porém, isso não significa reproduzir o fenômeno auditivo. A música só se torna fenômeno quando executada (CALVANI, 2015, p. 31).

Esse fenômeno retratado na música demonstra inspirar Stela Câmara Dubois a comunicar seus conhecimentos, raízes e identidade sob a perspectiva da criação de suas personagens e a relação destes com a música. A começar pelo título da obra, *Lenço-Relíquia*, que é uma valsa de composição das personagens Diva e Rogério, seguindo toda sequência entre os diálogos e a apresentação das personagens pelo narrador, a musicalidade é constante e parece proposital conforme sugerem alguns trechos:

(...) Lenço-Relíquia, leve, esgarçado, de odor delicado, sabendo a jasmim... Porque dar tanto valor a um simples pedaço de seda, porque me ofereceste essa relíquia! Porque ela me veio de tuas mãos (...) (DUBOIS, 1971, p. 8).

(...) Diva percorre os dedos pelo teclado e arrancam os acordes de um *lieder* de Schubert, *L'Éloge des L'Armes* (...) (DUBOIS, 1971, p. 11).

(...) Nele guardei as lágrimas de dor, nele expressei as queixas desse amor (...) (DUBOIS, 1971, p. 11).

(...) E assim contratou uma orquestra de violinos para, na alvorada radiosa, despertar o filho, que ora contava o primeiro aniversário como advogado – A música está excelente! (...) (DUBOIS, 1971, p. 15).

(...) Rogério aprecia imensamente a música, tem voz e canta e eu... não posso cantar! (...) (DUBOIS, 1971, p. 19).

(...) A hora da arte, os talentos e as vocações aparecem. Uns declamam, outros cantam... Diva anuncia: “*Quand mon oeil plonge dans tes yeux*”, Dos amores do Poeta, de Schumann. A pronúncia francesa nos lábios da amada tem uma dolência e uma blandícia que surpreendem Rogério (...) (DUBOIS, 1971, p. 41).

As narrativas que retratam a musicalidade da autora vão além do universo das personagens adultos, estão também presentes na figura infanto-juvenil como Clarinha, personagem irmã de Diva. Ela vive dançando e cantando folgedos populares. Essa característica também fornece aos leitores a percepção de que há aproximação e familiaridade no conhecimento e na sonoridade da música clássica com a popular, conforme trechos descritos a seguir:

(...) Diva percorre os dedos pelo teclado e arrancam os acordes de um dos *lieder* de Schubert, *L'Eloge des l'Armes* (...) (DUBOIS, 1971, p. 11).

(...) Toque a valsa “*Lenço-Relíquia*” (...) não, é muito banal (...) Prefiro para essa ocasião, uma de Chopin”. Diva anuncia: “*Quand mon oeil plonge dans tes yeux*”, Dos Amores do poeta, de Shumann (DUBOIS, 1971, p. 41).

(...) Sou a baiana do acarajé. Logo, bem cedo, já estou de pé! Oi, sinhozinho, venha comprar, você comendo, logo há de gostar, há de gostar! (...) (DUBOIS, 1971, p. 46).

(...) Linda boneca, toda de massa, beleza e graça, como ninguém (...) Seu traje é leve, bordado a sonho. Rosto risonho, que mimo tem! (...) (DUBOIS, 1971, p. 59).

Antes de completar 15 anos, Stela Câmara Dubois precisou ajudar a família e foi auxiliar da Secretaria do Colégio Americano Batista enquanto cursava o secundário. Trabalhava como datilógrafa e traduzia textos do inglês para o português, para o diretor do colégio, Dr. Muiheard.

Concluiu o curso de Ciências Contábeis em 1922 e começou a fazer composições musicais, nas quais escrevia seus próprios versos. Em 1926, participou da Assembleia da



Convenção Batista, através da qual despertou para uma vida em prol da dedicação missionária. Lá também conheceu a missionária americana Rosalee Appleby, que se tornou sua amiga e parceira, com a qual escreveu as obras: *A vida vitoriosa*, *Melodias na alvorada* e *Asas resplandecentes*.

Como escritora, Stela Câmara Dubois é autora de diversos livros: *Ouro, incenso e mirra* (1958), *O vento sopra onde quer* (1966), *Ramalhete de Mirra* (1967), *Lenço-Relíquia* (1971) e *Corina* (1987). Contudo, a maioria de sua produção é composta por músicas, poesias e canções não publicadas. A partir do acesso às suas canções e peças folclóricas, é possível traçar um paralelo mais abrangente entre sua identidade e a influência exercida na construção de suas personagens.

Esses textos, partituras e canções encontravam-se no acervo da biblioteca do Colégio Taylor-Egídio e houve autorização para o acesso a eles, conforme já relatado. Esse material é de suma importância para aprofundar esta pesquisa e conhecer sua produção literária e musical e, conseqüentemente, pode-se aferir alguma relação entre a obra *Lenço-Relíquia* e o espaço autobiográfico na construção das personagens.

A trajetória estudantil de Stela Câmara Dubois foi forjada no ambiente acadêmico de um colégio religioso de identidade batista. Entretanto, as pesquisas de sua biografia mostram que, desde sua infância, tanto sua vó quanto seu pai exerceram influência em sua experiência de fé:

Estas influências de fé e apego à palavra de Deus assinalaram a minha vida de tal modo que desejei por eu mesma ter a experiência pessoal com o Senhor, àquela que meus pais e minha avó tiveram. E a ocasião veio, aos meus dez anos. Foi uma experiência forte e inabalável, da qual nunca retrocedi, nem mesmo na adolescência, idade perigosa para todas as pessoas (ANDRADE, 1998).

Essa realidade em torno de uma influência ancestral na experiência de fé da família aparece em diversos relatos de sua biografia e na de seu esposo, como também nas personagens em *Lenço-Relíquia*. Isto ficará evidente no mapeamento das narrativas em que será discutido o espaço autobiográfico e as suas conexões correlacionadas com as informações extratextuais.

Nesse sentido, verifica-se como se dava o movimento que operava a construção das narrativas, podendo, por elas, encontrar pistas sobre a aproximação da autora com a cultura popular, ritmos e mitos de outras pertencas.

Algumas citações encontradas em torno de sua personalidade em outras publicações, fora do ambiente batista, descrevem Stela Câmara Dubois como uma mulher que sabia conviver

com a presença e liderança masculina. Um exemplo desses relatos é a publicação da Armando Barreto Rosa a respeito de sua interação com católicos e maçons, em que se percebem características que fazem entender que, mesmo em um universo masculino, ela parece ser protagonista de sua própria trajetória, palmilhando seus próprios caminhos, sonhos e escolhas.

Stela Câmara Dubois conheceu seu esposo, Carlos Dubois, em Recife, como professor de francês no Colégio Americano Batista. Natural de Araucária, no estado do Paraná, ele nasceu em 6 de março de 1909, terceiro filho de um casal de imigrantes franceses. Seu pai, João Xavier Dubois, casou, em 1900, com Margarida Voulet, vinte anos mais nova que ele. Era engenheiro responsável pela construção da ferrovia São Paulo - Rio Grande do Sul.

Eles moraram por algum tempo em dois vagões de trem usados como cozinha e dormitório. À medida que a estrada de ferro avançava, a “casa” também se deslocava. Devido a essa vida nômade, Carlos Dubois foi alfabetizado pela própria mãe, que também lhe dava orientação religiosa católica, ensinando-lhe algumas orações em francês.

Por causa do trabalho de seu pai, as mudanças eram constantes. Mudou-se para Ponta Grossa, no Paraná, onde havia o colégio São Luiz, de origem católica, e uma pequena escola dirigida por um pastor batista. Nos documentos pesquisados, não há explicações sobre os motivos que levaram Carlos Dubois a estudar nessa pequena escola e não no colégio católico. O dono da escola era o professor Abraão José de Oliveira, pastor protestante, negro, que exerceu forte influência sobre suas convicções de fé, chegando a batizá-lo aos 15 anos. Aos dezessete anos, Carlos Dubois foi estudar no Colégio Batista do Rio de Janeiro, dava aulas de francês e vendia livros no cais do porto para ajudar suas despesas. Após cumprir os ciclos de estudos, seguiu para Recife, para estudar Teologia no Seminário Batista do Norte, tornando-se bacharel e mestre em Teologia e licenciado em Filosofia.

Essas características explicam algumas semelhanças na formação religiosa e secular de ambos e ajudam a reconstruir a identidade que Stela Câmara Dubois assumiu como protagonista de suas escolhas e estratégias narrativas ao lado de um pastor que, embora dotado de inegável liderança, não se deixou levar pelo sectarismo:

Recife já era uma cidade sedutora e oferecia tudo que o jovem casal de intelectuais gostava. Ela, uma apaixonada pelas artes e pela cultura de um modo geral, era uma assídua frequentadora dos teatros, concertos e óperas. Ele acompanhava, com vivo interesse, os fatos políticos e participava dos eventos literários da velha Mauriceia (BARRETO, 2000, p. 58).

Carlos e Stela ficaram noivos e se casaram em 12 de dezembro de 1934. A cerimônia religiosa foi oficiada pelo pastor batista Mungumba Sobrinho. Em 1936, nasceu René, o primeiro filho do casal.

O casal permaneceu envolvido com as atividades no Colégio Americano Batista em Recife. Tempos depois, receberam o convite do missionário Maxcy Gregg White para conhecerem a Bahia e os desafios missionários da igreja batista. Carlos Dubois se interessou e logo partiu para conhecer Jaguaquara, cidade do interior da Bahia, cujo nome significa “Toca da Onça”. Lá chegando, entendeu que havia muitas perspectivas para o avanço do trabalho missionário aliado ao Colégio Taylor-Egídio, que já havia sido transferido de Salvador para lá.

Chegaram à pequena cidade de Jaguaquara em 7 de dezembro de 1937, em um contexto de animosidade entre católicos e protestantes.

Como havia muita “pendenga” religiosa na época, tentava-se separar a sociedade em classes, também por religião. Certa vez o vigário mandou voltar um enterro, porque o defunto era protestante. O intendente da época chamado de Guilherme Silva fez valer os direitos da constituição e o morto repousou no cemitério da cidade, conforme a lei estabelecida (ANDRADE, 1988, p. 91).

Uma importante característica desse contexto é a representação do casal no tocante à formação que possuíam e ao pertencimento e à identidade com a igreja Batista. Embora eles fossem recém-chegados em Jaguaquara em 1937, Stela Câmara Dubois e Carlos Dubois, como diretores frente ao Colégio Taylor-Egídio, estavam preparados a desenvolverem diálogo com outras pertenças pelo viés cultural.

Essa é uma realidade evidente na representação das personagens Dr. Álvaro Resende e dona Cacilda e o imaginário real na vida da professora Stela Câmara Dubois, em que aparece toda essa influência musical que seus pais motivaram em sua trajetória. Seu pai, José Paulino Raposo da Câmara, era oficial do exército, natural do Rio Grande do Norte. Sua mãe, Emília Galvão da Câmara, natural de Pernambuco. Ele tocava pistão na Banda de Música da Escola Militar de Fortaleza.

Em diversos aspectos, a análise do espaço autobiográfico parece associar sua própria trajetória ao enredo do livro. Mostra-se ainda que o significado e a relevância de sua identidade religiosa afloram ao se observar que a personagem pai de Diva, Dr. Álvaro Resende, chefe de família e cristão, faleceu sem lançar o livro de sua autoria “A Evolução da Raça”. Algumas representações dessa personagem são descritas com as seguintes narrativas:

(...) Dr. Álvaro legara a família uma casa modesta, apertada entre as casas da Avenida Sete (DUBOIS, 1971, p. 7).

(...) Diva e os seus abraçavam as doutrinas evangélicas, que o Dr. Álvaro propagará até morrer (DUBOIS, 1971, p. 8).

(...) É engano, Diva. Os divertimentos só lhe ativarão as mágoas, seu pai não cessava de admoestar-me contra as ilusões do mundanismo (DUBOIS, 1971, p. 10).

(...) a mãe afasta-se, enxugando os olhos, recorda-se das vezes que tocara para o esposo aquela peça... Recorda o marido no leito de morte, depois de uma vida agitada de advocacia em benefício do próximo, quando aos quarenta e dois anos foi vitimado por um câncer. E vem à tona os seus últimos conselhos, os derradeiros pedidos e, por fim: “Meu livro será publicado e, creio, dará a vocês um pecúlio (DUBOIS, 1971, p.11).

(...) Esse livro, que era para Álvaro o seu mundo, esse livro... desapareceu (DUBOIS, 1971, p. 11).

(...) O doutor conheceu o advogado Álvaro Resende, jornalista, homem de altruísmo a toda prova, que morreu na pobreza (DUBOIS, 1971, p. 25).

O engajamento de Stela e Carlos Dubois, no município de Jaguaquara, fez surgir, na companhia de vários amigos não evangélicos, grandes conquistas para a cidade. Algumas dessas amizades descritas por Armando Barreto Rosa, é com o comerciante católico Sinézio Bomfim Souza. Segundo ele, “graças à atuação deles, fundaram a Cooperativa Agrícola Mista de Bateia e, mais tarde, com a ajuda do pastor Carlos Dubois, tornou-se presidente do Conselho dos Produtores de Cacau sediado na cidade de Itabuna” (ROSA, 2000, p. 62).

Comparando algumas narrativas do livro com os dados biográficos de Stela Câmara Dubois, constatam-se algumas semelhanças na representação simbólica das suas personagens. Um exemplo é o pai da personagem Diva, Dr. Álvaro, que notadamente possui semelhança com o Sr. José Paulino Raposo da Câmara, pai da autora, tendo exercido forte influência em sua vida.

Encontra-se em tais semelhanças e na força simbólica do pai da personagem Diva Resende, Dr. Álvaro Resende, a representação do patriarcado que impõe sua convicção de fé em plena demonstração do que ocorria na época. Os estudos sobre esse tema servem para aprofundar a questão nas Ciências da Religião.

O símbolo da figura masculina na personagem de Dr. Álvaro Resende é uma das representações que retrata a viva influência familiar na religiosidade por sucessivas gerações. Por outro lado, essa imagem patriarcal e dominadora no enredo é suavizada pelos traços de inteligência, bondade, profissionalismo que são incorporados à personagem. “É engano, Diva.

Os divertimentos só lhe ataviariam as mágoas. Seu pai não cessava de admoestar-me contra as ilusões do mundanismo.” (DUBOIS, 1971, p. 10).

Outro detalhe sobre o enredo é que ele descreve um livro escrito pela personagem Dr. Álvaro Rezende, mas publicado como sendo de autoria de outra pessoa. Acerca disso, não se sabe ao certo até que ponto esse livro pode ter existido na vida do pai da autora. A linguagem e os referenciais acerca dele também podem ter sido adaptados. O certo é que, em se tratando da obra *Lenço-Relíquia*, havia uma expectativa por parte de Stela Câmara Dubois de que seu pai visse o lançamento do livro. Isso fica evidente na dedicatória, em memória, que ela faz com a expressão: “... A memória do meu querido pai, o livro que ele tanto quis ver” (DUBOIS, 1971, p. 5).

Seria a obra *Lenço-Relíquia* um manuscrito que retrata a trajetória de José Paulino Raposo da Câmara e sua esposa Emília Galvão? Parte do livro poderia ter sido escrita pelo pai da autora quando era militar? Qual seria o interesse que ele nutria na publicação desse romance? O que se percebe, à medida que avança na pesquisa, são as verossimilhanças entre as personagens e a vida da autora.

Pesquisas sobre a vida da professora Stela Câmara Dubois mostram não ser possível dissociar sua produção literária da história do Colégio Batista Taylor-Egídio. Esse local se tornou laboratório para o desenvolvimento de uma espécie de “pedagogia da tolerância”. Sua paixão pela cultura popular encontra-se impregnada nos textos, nas personagens, nas canções e em sua prática docente. Essa realidade é norteadora na criação das personagens de *Lenço-Relíquia*.

Passa-se a conhecer o Colégio Batista Taylor-Egídio durante a participação em um congresso pedagógico, em 2009, na cidade de Jaguaquara-BA. Lá se ouvem a musicalidade e a riqueza rítmica de algumas canções folclóricas executadas no teatro do colégio e de composição de uma de suas ex-diretoras, a professora Stela Câmara Dubois.

Ao longo de quinze anos trabalhados com a educação na cidade de Salvador, Bahia, sua riqueza e multiculturalidade em cada detalhe de sua religiosidade popular já eram conhecidas. No entanto, como explicar canções com ritmos africanos e letras folclóricas, assimiladas na pedagogia de uma escola de confessionalidade batista e que sua fundação remonta a um período marcado pela intolerância e fundamentalismo religioso? Essa pergunta perdurava como se algo precisasse ser descoberto.

Sendo o Colégio Batista Taylor-Egídio o mais antigo colégio batista do Brasil, isso o torna uma das mais antigas fontes de pesquisas sobre práticas pedagógicas entre colégios evangélicos brasileiros, porém, nesta pesquisa, é proposto um corte histórico a partir da transição entre a

liderança de missionários americanos frente ao Colégio Americano Taylor-Egídio e os métodos e pedagogia de Stela Câmara Dubois. Tanto ela quanto seu esposo são protagonistas de uma proposta de educação para além da confessionalidade batista. É como se a arte, a música e a literatura formassem um corpo prático, metodológico e simbólico de diálogo e inclusão na vida de tantos atores não batistas naquele colégio. Pode-se considerar que, em sua premissa acerca da educação, o primeiro casal de brasileiros a dirigirem o Colégio Batista Taylor-Egídio implantou um modo diferente de comunicar a fé pelo viés da desconstrução da intolerância. De acordo com a história do colégio, disponibilizada no site da instituição, lê-se:

Dentre as possibilidades de realização de missão, cristãos norte-americanos elegeram, também, o fazer educacional formal. Foram a vários países difundindo a filosofia que encarnava a educação como arte, como ciência e, sobretudo, como um processo de vida, pela vida e para a vida (...) uma visão global sobre o mundo; uma visão de sociedade; uma visão sobre a comunidade e uma visão sobre a pessoa em suas dimensões intra e inter-relacionais (ANDRADE, 1998, p. 27-28).

Nos registros pesquisados, algumas descrições de seu início revelam como era o cenário religioso quanto à liberdade de cultos e ritos. As citações a seguir são extraídas do livro *Colégio Taylor-Egídio 100 anos*, publicado em 1998 e organizado por Dária Glaucia Vaz de Andrade em comemoração ao seu centenário.

Alugaram um salão para os cultos. A princípio ficava vazio, pois era grande a oposição da Igreja chamada oficial. Infelizmente, não havia, como hoje, nenhuma tolerância ou liberdade de consciência e de religião, culpa também de nossa colonização estritamente católico-romana. As ideias do Positivismo do livre exame, de que o homem tem direito de escolha política ou religiosa, ainda eram fracas no Brasil (GLÁUCIA 1988, p. 20).

Em outro fragmento, a autora destaca que:

Em 1884, sofrem grande perseguição e foram proibidos de pregar, realizar batismos e casamentos, crescendo uma grande intolerância religiosa. Até ali as perseguições eram feitas pela palavra escrita ou dos púlpitos das igrejas romanas. Agora algumas autoridades usam e abusam do poder para agradarem algum político ou a igreja dominante (GLÁUCIA, 1988, p. 22).

Esse pano de fundo histórico aponta para duas realidades: primeiro, o clima beligerante que havia na sociedade não muito diferente da atual. Também chamam a atenção os discursos em torno da ideologia de poder político da época. Explicitamente, a história se mostra cíclica, nada há de mais parecido na contemporaneidade.

Em 19 de maio de 1898 é fundado o Colégio Americano Egídio, em Salvador-BA, na Rua do Hospício. Crabtree, citado por Andrade (1988, p. 64), comenta sobre o assunto no seu livro *A História dos Batistas no Brasil* (1882 – 1906) e narra a história do evento. “A mobília foi encomendada e consiste em cadeiras das mais aperfeiçoadas, com assento de graduação, cartas geográficas e históricas, mapas dissecantes, e em caixas com cilindros movidos por molas, terra e lua, pedras de giz em cores etc.”

O Colégio Americano Egídio era uma escola bem equipada e considerada “moderna” para época. Iniciou com 4 professores, 11 alunos matriculados, chegando a 70 alunos no final de seu primeiro ano. É de chamar a atenção na história da educação, em contexto religioso, o quanto esta última sempre conviveu com expressões de intolerância em sua missão social. Permanece na atualidade a educação sendo um poderoso antídoto contra o racismo, o preconceito e a intolerância. Apesar de não saber ao certo as razões do hiato em sua continuidade, o fato é que suas atividades foram interrompidas até se transferir para a cidade de Jaguaquara/BA.

Em Jaguaquara, o colégio passa a ser chamado de Taylor-Egídio em homenagem ao capitão Egídio, doador do terreno em que a escola foi construída. Toda a produção cultural do Colégio Batista Taylor-Egídio, desde sua fundação, parece dialogar com a sociedade, tanto na esfera pública e social (escola) quanto na esfera religiosa (igreja), extrapolando os limites da tolerância religiosa pelo viés da cultura e da pedagogia.

É importante lembrar, mais uma vez, acerca do distanciamento entre protestantes e católicos, sendo estes representantes de um poder legitimador que validava socialmente as práticas educacionais consideradas relevantes.

Só a partir das leituras dos textos de Stela Câmara Dubois e dos métodos usados nas aulas, é que ela se identifica como principal mentora de uma espécie de “pedagogia da tolerância”. Seu perfil como escritora, teatróloga, poetisa e musicista apresenta traços de um engajamento ativista e influência exercida para além da docência no referido colégio, alcançando a sociedade da época. Aquela primeira curiosidade sobre a musicalidade africana em um colégio confessional tornou-se o ponto de partida para a presente pesquisa.

Passa-se a entender que foi neste ambiente que se deu a produção e a utilização dos textos da professora Stela Câmara Dubois. Dessa maneira, percebe-se que, não apenas por questões históricas no pioneirismo da própria instituição, mas também pela força simbólica, sua prática pedagógica pode ter influenciado gerações, resistindo ao tempo, dialogando com manifestações folclóricas e culturais de outras pertenças e promovendo tolerância sob o viés da educação.

Embora haja uma escassez de pesquisas em que mulheres sejam porta-vozes do tema tolerância, foi investigado no ambiente educacional o protagonismo de uma mulher nordestina. Encontra-se em seus escritos não publicados, catalogados no acervo da biblioteca do Colégio Batista Taylor-Egídio, um rico conteúdo que fala por meio de versos, poesias e canções, da construção simbólica entre fé e cultura popular, trazendo, em sua linguagem multicultural, indícios de promoção à tolerância religiosa.

A realidade parece fazer acreditar que o machismo, o sexismo, a misoginia e a discriminação são frutos da intolerância que ganhou força com a polarização. Minimizar a polarização ideológica e racial contra grupos minoritários, alvos da rivalidade entre diversas pertencas e tradições religiosas, é uma das tarefas relevantes da educação e do ensino em que a escola se insere. A partir dos documentos pesquisados, entendem-se as múltiplas possibilidades com que se pode lidar em busca da promoção da igualdade, solidariedade e fraternidade entre as pessoas no ambiente acadêmico.

Essa realidade merece especial atenção, visto que, para o pesquisador, o ambiente educacional é um eficaz veículo de formação de opinião. Dessa forma, algo deve justificar o fato de haver um crescente envolvimento na apresentação de canções, poesias e textos literários como será visto no capítulo adiante.

### 2.3 INSERÇÃO RELIGIOSA E ACADÊMICA EM UNIVERSO MASCULINO

A história aponta para o fato de que a presença feminina na educação e a religião estão atreladas. Por meio de ambas, impérios se formaram e foram destruídos, civilizações construídas e consolidadas, tradições surgiram, adaptaram e se transformaram culturas e costumes, porém a religião permaneceu através da presença feminina, exercendo sua influência na forma e no modo como se desenvolve a aprendizagem. A linguagem, os ritmos, as canções e as manifestações de fé caminham juntas na transmissão das diversas tradições religiosas, com a velocidade e a força de sua herança.

Na velocidade contrária, a presença feminina nas tradições religiosas permanece ofuscada do ponto de vista histórico, sem que lhe seja conferido o devido protagonismo que lhe pertence. Com Stela Câmara Dubois não é diferente, e este fato aponta para um interesse nas pesquisas sobre o tema da tolerância. Seu método e sua produção literária causaram impacto diretamente na vida social das pessoas, para além do fazer pedagógico do Colégio Batista Taylor-Egídio e da história do município de Jaguaquara, estendendo-se em diálogo reconhecidamente com outras pertencas.



Stela Câmara Dubois e seu marido, Carlos Dubois, chegaram a Jaguaquara em 7 de dezembro de 1937, com a missão principal de dirigirem o Colégio Taylor-Egídio. Após o período em que o colégio permaneceu fechado, foi finalmente transferido de Salvador para Jaguaquara. Armando Barreto Rosa lembra que, nessa época, o colégio “não passava de uma decadente escola primária com apenas 36 alunos, funcionando na antiga sede de uma fazenda” (ROSA, 2000, p. 35).

Nesse período, trabalhava na Bahia um casal de missionários americanos, o pastor Maxcy Gregg White e sua esposa Kate White. Ele foi diretor do Colégio Americano Egídio e sua esposa, como educadora, fundou em Salvador uma escola de artes domésticas, a qual recebeu seu nome e que também era ligada ao Colégio Americano Egídio. Foi o pastor quem, após conhecer Stela e Carlos Dubois trabalhando no Colégio Batista em Recife, convidou-os para assumirem o desafio na nova fase do Colégio Batista Taylor-Egídio.

Ainda segundo Daria Gláucia Vaz de Andrade, organizadora da publicação alusiva ao centenário do Colégio Batista Taylor-Egídio,

os primeiros missionários batistas traziam a bandeira da democracia e do progresso científico (...) sem os ranços de preconceito de cor, sexo ou religião. Esbarravam, todavia, numa intolerância tacanha e medieval, como toda intolerância. Inúmeros foram os problemas enfrentados pelos missionários e suas famílias, ao longo de muitos anos. Ora em perseguição, ora por doenças, dificuldades com assimilação da língua, saudades dos parentes e da terra distante. Eram chamados de “estrangeiros” e “invasores”. A religião certa, a boa era a católica e as demais eram alienígenas e, por isso, não deveria ter atenção de ninguém (GLÁUCIA, 1988, p. 22).

Por outro lado, a própria ideologia por trás do surgimento dos colégios protestantes batistas fez da aristocracia o alvo principal de sua influência. Esse movimento não alcançou adesão de todos os pastores protestantes da época, prova disso é a ata de uma convenção batista realizada no Nordeste em 1923, em que se registra a oposição de um grupo de pastores:

A educação segue a evangelização e não a evangelização a educação. Ademais, a experiência nos ensina que as grandes quantias derivadas da evangelização e despendidas nas construções de grandes colégios prejudicam a causa e retardam o seu progresso. A pátria brasileira jamais será evangelizada pelos colégios (CRABTREE, 1962, p. 61).

Esse método utilizado pelos batistas na implantação de suas igrejas e na divulgação do evangelho sempre se apresentou controverso. As escolas protestantes deveriam oferecer ao aluno a oportunidade de amadurecimento da personalidade pela compreensão de si mesmo e

aceitação dos outros por meio da valorização de práticas libertadoras que recriassem novos conceitos sociais capazes de propor mudanças. A educação brasileira, a partir da colonização, foi organizada de acordo com padrões europeus, com forte presença masculina, embora estivesse muito aquém desses mesmos padrões.

Em seu ambiente de formação e trabalho, Stela Câmara Dubois dividia responsabilidades entre a direção da escola e as pesquisas para suas aulas. Isso lhe permitiu trabalhar ao lado de outros homens, professores e acadêmicos. Sua presença e suas ideias se consubstanciavam através do que escrevia, administrava e cantava. De acordo com relatos, a construção de suas poesias, novelas e cânticos folclóricos evidencia aproximação, escuta e diálogos em espaços predominantemente masculinos.

Um testemunho desse protagonismo registrado por Armando Barreto Rosa descreve Stela Câmara Dubois como mentora de estudos e pesquisas históricas na cidade, auxiliando na redação dos textos e dos sermões de seu esposo. “Ela redigia com maestria, traduzia do francês e do inglês com desembaraço, pesquisava, datilografava com rara destreza (...)” (ROSA, 2000, p. 71).

Ela é autora do hino do município de Jaguaquara e, em sua homenagem, existe na cidade uma rua com seu nome, além de uma escola municipal, em Jequié-BA, e um distrito em via de se tornar município emancipado com seu nome. A prefeitura de Jaguaquara sancionou a Lei 693, de 15 de junho de 2007, que institui 28 de agosto como data comemorativa do distrito Stela Câmara Dubois, uma data que registra a memória do seu engajamento em prol das conquistas em torno da história, cultura, liberdade religiosa e contribuição social conforme documento anexo.

Em 2018, durante as comemorações de aniversário do Colégio Taylor-Egídio, um vídeo<sup>6</sup> apresenta o professor René Dubois, ex-professor e filho de Stela Câmara Dubois, comentando uma apresentação musical infantil. Na filmagem, René registra as memórias de sua mãe realizando as pesquisas sobre o folclore e trazendo as canções para serem aprendidas. Na transcrição do seu vídeo, ouve-se:

Se envolveu em resgatar, essa beleza do folclore da região. Consegui resgatar isso, quase em uma época final do folclore autêntico de nossas matas. Logo depois, começou a era do rádio, e o rádio passou a chegar a todos os recantos, e a música que vinha pelo rádio, música popular, música erudita etc..., passou a contaminar a pureza do folclore que era feito com a poesia do homem do campo, do trabalhador da roça. Eu me lembro como mamãe valorizava esses

---

<sup>6</sup> Vídeo de autoria da Auristela, bibliotecária do Colégio Taylor- Egídio, 2018.

versos ingênuos das pessoas simples da roça. Assistir à minha mãe, à noite, à luz de fífó, também chamado de bibiano, com aquele papelzinho na mão, vendo o pessoal da casa de farinha, mexendo farinha e cantando. Vendo na roça aquele pessoal colhendo cacau e cantando músicas. Gente derrubando matas para fazer roças e cantando aquelas músicas, e mamãe muito jovem entusiasmada escrevendo aquela coisa, para ao chegar a casa colocar as notas e escrever direito as melodias para tocar no piano. Anotava aquela beleza de versos ingênuos da gente da roça cantando, aquelas coisas simples mais cheias de poesias e de muita beleza. Aquilo foi resgatado naquela época e tanto tempo depois, eu vejo que não morreu aquele trabalho resgatado por ela. Assistir muitas vezes ela ensaiar as músicas neste salão nobre. Ala feminina do lado de lá, ala masculina do lado de cá, as vozes repartidas diferentes, quem era soprano na frente e quem era contralto ficava atrás, e ela ensinava cada voz, depois a quatro vozes. A mensagem que ficou nessa encenação onde se falou de liberdade, a abolição da escravatura que ocorreu naquela época remota, mas que precisa ser lutada até hoje, para que se continue abolindo a escravatura que ainda existe neste terceiro milênio. A liberdade é o espaço maior em que reside o homem, e é preciso incorporá-lo ao seu existir. Essa mensagem foi dita aqui hoje, nessa encenação através dessas crianças (2018, transcrição nossa).

Nesse relato, obtém-se importante informação extratextual que evidencia que Stela Câmara Dubois desenvolve um método de aproximação, pesquisa e elaboração das músicas, valorizando a diversidade cultural e a promoção da inclusão ensinadas no Colégio Batista Taylor-Egídio.

Outro referencial para compreender sua influência por trás de sua inserção social são as inúmeras instituições em que ela e seu esposo fundaram e se filiaram. Dentre elas, destacam-se: Sociedade Beneficente Taylor-Egídio, Maternidade Maria José de Souza Santos, Cooperativa Agrícola Mista, Sindicato Rural de Jaguaquara, Loja Maçônica Luz do Oriente, Lyons Club de Jaguaquara, Conselho Estadual de Educação, o Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino Particular da Bahia, Conselho Consultivo dos Produtores de Cacau, Sindicato dos Jornalistas do Interior, União dos Municípios do Sudoeste do Estado da Bahia, Liga Brasileira de Radioamadores, entre outras.

Sua produção literária circulava no Colégio Taylor-Egídio e dialogava com a sociedade, tanto na esfera pública e social (escola), quanto na esfera religiosa (igreja), extrapolando os limites da tolerância religiosa pelo viés da cultura e da pedagogia.

É importante enfatizar que as diversas publicações do *Jornal Batista*, em 1945, expõem mais que um distanciamento entre protestantes e católicos. Vê-se um clima de muita rivalidade, sendo a igreja católica representante de um poder legitimador que validava socialmente as práticas educacionais consideradas relevantes.

Outro ambiente, não menos importante, retratado na criação das narrativas e das personagens de *Lenço-Relíquia*, refletindo a influência musical, é o religioso. Os discursos de suas personagens dialogam com diversas manifestações de fé em uma linguagem leve e repleta de símbolos e mitos da religiosidade nordestina. Alguns trechos do livro mostram como essa linguagem alcança certa diversidade, tanto no campo musical como no religioso.

Encontram-se, em *Lenço-Relíquia*, alguns símbolos dos ambientes retratados, sobretudo na figura de personagens em contato com diversas tradições religiosas como:

(...) Lá fora os pedestres, encantados com a expressão musical, param, de ouvidos à escuta (DUBOIS, 1971, p. 8).

(...) Quando sua mãe faleceu, viúva riquíssima sem parentes, a não ser um irmão padre, o seu tio Leôncio (DUBOIS, 1971, p. 16).

(...) Quanta música pelo rádio se pode ouvir! (...) ontem mesmo, quanta música bonita ouvimos pela BBC de Londres (DUBOIS, 1971, p. 19).

(...) Dizem os apreciadores da quiromancia que estão traçadas nas mãos as linhas do destino (DUBOIS, 1971, p. 21).

(...) O desejo de meu tio Leôncio era que eu fosse freira. Sim. Parece-me, vejo a linha desse destino na palma da mão direita (DUBOIS, 1971, p. 22).

(...) Se eu tivesse o dom das fadas, faria com que ficasse sempre pequenina assim (DUBOIS, 1971, p. 59).

(...) É o anjo quem o quer (DUBOIS, 1971, p. 63).

(...) E, puxando sob o travesseiro uma bíblia, abriu-a no livro de Isaías, e pediu ao amigo (DUBOIS, 1971, p. 68).

Ao pesquisar os vínculos entre o Colégio Batista Taylor-Egídio e outras pertenças, encontram-se na maçonaria relevantes informações sobre como Stela Câmara Dubois e seu esposo caminhavam com católicos e maçons no trabalho desenvolvido por eles.

A abordagem do professor Armando Barreto Rosa é de quem viveu no Colégio Taylor-Egídio e olha para trás, recolhendo imagens que não se perdem e remanescem plenas de luz e calor na sua narrativa. Imagens que, por certo, hão de resistir ao passar do inexorável tempo (...) temos certeza de que a Academia Maçônica de Letras da Bahia acolherá o livro do professor Armando como relevante obra de estreia, como o despontar suave das alvoradas, prenúncio de outras grandes realizações (ROSA, 2000, p. 7).

Objetiva-se, com o livro *Carlos Dubois*, o artista da palavra, uma biografia para tornar-se patrono de uma das cadeiras da Academia Maçônica de Letras da Bahia. Isso é registrado

pelas memórias de um ex-professor do Colégio Batista Taylor-Egídio, relatando uma convivência pacífica e promotora de tolerância religiosa:

Preferi um patrono cujo nome não consta nos compêndios e, tampouco, seus feitos não tiveram lamentavelmente, repercussão internacional ou mesmo nacional. Não precisarei de nenhuma literatura convencional para descrever a biografia de meu patrono, porque eu mesmo tive o privilégio de testemunhar, pelo menos em parte, a trajetória desse maçom que atendia pelo nome de Carlos Dubois (ROSA, 2000, p. 17).

Essa é uma das informações extratextuais mais relevantes sobre Stela Câmara Dubois em torno da tolerância religiosa, tendo em vista o contexto conservador que a própria denominação batista possuía em torno de suas doutrinas e suas instituições de ensino, como já mencionados. Algumas informações desse texto revelam que o Colégio Batista Taylor-Egídio, quando sob a direção de Stela Câmara Dubois e seu esposo, acolheu atores de diversas pertencas promovendo no fazer pedagógico um diálogo interfé.

Segundo Armando Barreto Rosa, ao relatar sua trajetória de como se tornou professor do Colégio Batista Taylor-Egídio, e contar que, em 1968, ensinava química no Colégio Estadual Alberto Torres, no município de Cruz das Almas-BA, e era aluno do curso de Agronomia da Universidade Federal da Bahia: “Fiquei impedido de continuar estudando na Universidade Federal e também de trabalhar em qualquer órgão público. Fui impedido por causa de minha atividade política. A ditadura entendeu que eu era nocivo à sociedade”. Naquela época, a fama de subversivo era muito pesada, afirma o professor: “Como estudante universitário, em Cruz das Almas, a minha vida era uma agitação só, participativo, engajado, como dizíamos na época, gostava de viver e fazia com intensidade” (ROSA, 2000, p. 22). Ainda segundo o autor, “(...) estudava, ensinava, participava ativamente da política estudantil e estava presente em todas as festas, como todo jovem de minha idade. Não tinha vida espiritual bem cuidada e não sabia nada de maçonaria, apesar de meu pai ser maçom” (ROSA, 2000, p. 28).

Ele descreve que um amigo, de nome Lourival José dos Santos, sabendo de sua necessidade de emprego, convidou-o para ir a Jaguaquara conhecer o Colégio Batista Taylor-Egídio. Para Armando Barreto Rosa, suas expectativas de ser contratado eram mínimas: “Confesso que viajei somente para não fazer desfeita ao amigo que tentava me ajudar, pois não nutria nenhuma esperança de um colégio religioso aceitar um jovem, sem ligações com a Igreja batista e, acima de tudo, cassado, como subversivo” (ROSA, 2000, p. 23).

A entrevista seguiu e, contrariando suas expectativas, os diretores não tinham exatamente o perfil que ele imaginava:

Mesmo sem jamais ter ido a Jaguaquara ou ter conversado pessoalmente com qualquer dirigente daquele colégio, imaginava seus diretores da mesma forma como sempre via os “crentes”: reacionários, intransigentes e cúmplices da ditadura. Ser crente, para mim, naquela época, era até pejorativo (ROSA, 2000, p. 23).

Finalmente, sobre sua contratação como professor do Colégio Batista Taylor-Egídio, Armando Barreto Rosa descreve:

Recebi um telegrama de Dubois, solicitando que me apresentasse para iniciar o trabalho que havia pleiteado. Fui tomado por uma onda de felicidade e, sem perda de tempo, parti no dia seguinte. Fiquei sabendo depois que a decisão de me contratar custou muita discussão e consultas (ROSA, 2000, p. 28).

Essa trajetória de diálogo e tolerância religiosa também se mostrava evidente na presença de alguns professores e auxiliares da direção e coordenação do colégio, sendo eles de pertencas distintas: “Fiquei sabendo que o professor Mário Moreira e que Valter Miranda, o diretor de disciplina, também eram maçons” (ROSA, 2000, p. 31).

A presença desses atores, no fazer pedagógico e entre os amigos de Stela Câmara Dubois, demonstra sua visão de mundo fortemente influenciada pela liberdade e tolerância religiosa. Outro aspecto documentado por Armando Barreto Rosa consiste na diversidade de engajamentos sociais que o casal Carlos e Stela Dubois se fazia presente:

Não importava se os ciclos sociais fossem formados de pessoas de religiões diferentes, tivessem adversários políticos ou ainda fossem constituídos de homens e mulheres humildes. Eles não deixavam de participar de qualquer campanha, com fins humanitários, pois não eram políticos radicais ou religiosos fanáticos (ROSA, 2000, p. 93).

Ele também conta que deve sua iniciação na maçonaria ao seu grande influenciador, pastor Carlos Dubois:

A maçonaria foi também um dos caminhos orgulhosamente palmilhado pelo pastor Carlos Dubois. Sem o preconceito mesquinho que apequena alguns religiosos católicos e também evangélicos, porque ele acreditava que esta instituição é como a igreja, um caminho pelo qual podia aspergir a paz, a justiça, a fraternidade (...), o amor (ROSA, 2000, p. 93).

Nas publicações do *Jornal Batista*, não é encontrada essa informação, mas o engajamento com a maçonaria encontra-se documentalmente registrado. Rosa fez questão de citar a fonte:

Um dos raros trabalhos escritos deixados pelo professor Carlos foi uma conferência realizada em 22 de janeiro de 1979, por ocasião das comemorações do Jubileu de Ouro da Loja União Beneficente, na cidade de Jequié. Nessa peça de oratória, ele explica, de forma magistral, a sua condição de pastor evangélico e maçom. Pelo conteúdo e pelo caráter didático desse pronunciamento, a sua transcrição torna-se impositiva. Nesse raro documento, os maçons encontrarão fundados argumentos para mostrar aquelas pessoas que, por sectarismo ou desinformação, veem na maçonaria uma instituição com práticas contrárias à sua igreja (católica ou evangélica) (ROSA, 2000, p. 94).

### 3. PERCURSO METODOLÓGICO: ESPAÇO AUTOBIOGRÁFICO E TOLERÂNCIA

A fim de fundamentar a investigação dos métodos de construção das personagens de *Lenço-Relíquia*, lança-se mão de referenciais que explicam a relação entre os símbolos e narrativas dos discursos, através dos conceitos de espaço autobiográfico e de tolerância. Para essa tarefa, escolhemos algumas pesquisas sobre tais temas.

Em seu aspecto descritivo, o romance *Lenço-Relíquia*, para além da realidade ficcional, possui um pano de fundo contextualizado com a contemporaneidade presente nos discursos das suas personagens. Assim sendo, lê-se a obra e identifica-se, através da diversidade de sua narrativa, o engajamento dos diferentes discursos que reforçam a intenção de Stela Câmara Dubois em se aproximar de outras culturas e pertencas.

É com esse olhar que se recorre aos diálogos entre personagens e à intenção por trás da construção de narrativas e discursos, relacionando o espaço autobiográfico e as conexões extratextuais da vida e da obra da autora.

Utiliza-se a teoria do espaço autobiográfico de autoria de Philippe Lejeune, partindo dos problemas pertinentes aos estudos da produção autobiográfica francesa. No início de seus estudos, Philippe Lejeune desenvolveu o conceito de autobiografia, embora passasse a carregar incertezas e ambiguidades.

Utiliza-se a expressão “memórias”, para melhor significado da tomada de consciência de si, em vez da palavra “existência”. Ao contar e tornar pública a história da própria personalidade, tanto o estilo literário como o modo de escrever e ler não se tornam isolados, mas se constituem em um sistema natural de expressão pessoal no uso das palavras sobre si mesmo. A questão teórica do pacto autobiográfico conduz a diversas possibilidades de um texto a outro, passando a ocupar posições diversas.

Essa junção entre a ficção e os elementos da vida e a ambiência da autora é caracterizada pelo que Philippe Lejeune, em seu texto *O pacto autobiográfico* (2008), chama de “espaço autobiográfico”. A autobiografia é um discurso literário em que um relato de vida se encontra centrado na história de uma ou mais personagens em uma ou várias narrativas.

Junto ao espaço autobiográfico, o percurso metodológico investiga a objetividade do conceito de tolerância para melhor aplicar as discussões em torno dos resultados. Para isso, lança-se mão da pesquisa “Tolerância e seus Limites”, de Clodoaldo Meneguello Cardoso, em que se pretende apresentar os fundamentos conceituais baseados na ética da identidade.



Com essa realidade, procura-se preparar as crianças no ambiente educacional para conviver com a diversidade, estabelecendo um ideal de unidade universal baseada na verdade da cultura ocidental.

### 3.1 REFERENCIAIS TEÓRICOS E CONCEITUAÇÃO DOS MÉTODOS

Os estudos autobiográficos se apresentam como um campo vasto, indo dos literários até os culturais. Na obra de Philippe Lejeune, o conceito de pacto autobiográfico foi usado como instrumento de validação e classificação, sendo: “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular, a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p. 14).

No entanto, cabe dizer que as primeiras ideias sobre esse conceito foram refutadas de acordo com os interesses de quem pretendesse expor. Os argumentos do método eram tidos como insuficientes e limitados, não havendo, para alguns, correspondência conceitual entre a definição do método e a obra em estudo. Essas desconfiças se davam, sobretudo pela falta de atenção às próprias reformulações conceituais feitas por Philippe Lejeune. O pacto autobiográfico, como sua principal teoria, possui pontos conflitantes, especialmente na maneira em que tais contradições foram interpretadas como normativas e concretas, embora se apresentassem ambíguas e mutáveis.

Em sua biografia, verifica-se que Philippe Lejeune reescreve seus textos na intenção de melhor explicar sua teoria. Desta forma, passa a readequar suas ideias e construir, junto aos seus leitores, uma teoria, crítica e análise por meio da autobiografia. Seus escritos se caracterizam como críticas literárias.

Com o objetivo de aproximar o método aos recentes estudos sobre memórias biográficas, busca-se o percurso histórico das pesquisas autobiográficas no Brasil. Segundo Elizeu Clementino de Souza (2020), da Universidade Estadual da Bahia (UNEB), com o movimento das histórias de vidas em formação, surge um grupo de pesquisa na Universidade de São Paulo, FEUSP, chamado GEDOMGE (Grupo de estudo, docência, memória e gênero), coordenado pela professora Denise Barbara Catani, o qual trabalha a disposição da formação a partir das relações de memória e gênero. Surgem referências a vários trabalhos de “biografização” de experiências educativas dentro do conceito de recordações.

As lembranças se constituem em memórias formadas por meio de experiências, as quais, quando formadoras, transformam-se em memórias norteadoras dessas mesmas lembranças, causando sentido e impacto em nossa reconfiguração identitária.

O conceito de “experiências educativas” passa a ser pesquisado como elemento fundamental para o trabalho da memória no campo da formação. Vários congressos ocorreram como reflexão e construção do método autobiográfico em diversas áreas de pesquisas.

Diante disso, em 2004, houve o primeiro Congresso Internacional de Pesquisas Autobiográficas (CIPA), realizado na PUC do Rio Grande do Sul, sob a coordenação da professora Maria Helena Menna Barreto Abrahão, com o tema: “Aventura autobiográfica, teoria e empiria”. Naquela época, as pesquisas autobiográficas no campo da educação se consolidavam e constituíam como um marco.

Em 2006, ocorre o segundo CIPA, na cidade de Salvador-BA, cujo tema foi: “Tempos, narrativas e ficções: as invenções de si”, onde se discutiram as relações entre memórias, tempo, invenções e escritas.

Em 2008, realiza-se a terceira edição do CIPA, na UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte), sob a coordenação da professora Maria da Conceição Passegge, com o tema: “Pesquisa autobiográfica: formação, territórios e saberes”. Neste, discutiu-se como se compreendem, no território da formação, os campos e os domínios da pesquisa autobiográfica.

Em 2010, a quarta edição do CIPA aconteceu na USP (Universidade de São Paulo), pela FEUSP (Faculdade de Educação), cujo tema foi: “Artes de viver, conhecer e formar”. Neste congresso, além dessa abordagem, foi realizada uma roda de conversa com especialistas que narraram suas experiências e trajetórias de vida relacionadas com o cotidiano das aprendizagens e suas escolhas profissionais. Dentre os participantes desse painel, havia um maestro, um ceramista, um professor, um repórter e um biógrafo.

Todos esses congressos contribuíram para a consolidação e os avanços das pesquisas e, conseqüentemente, para o emprego das memórias autobiográficas em diversas áreas da crítica literária e da análise e produção dos textos.

Em 2012, o quinto CIPA foi realizado em Porto Alegre, com o tema: “Pesquisa autobiográfica e os territórios dos saberes das pesquisas”. Em 2014, o sexto CIPA ocorreu no Rio de Janeiro, cujo tema discorreu sobre: “Entre o público e o privado: modos de viver, guardar e narrar”. Essa temática foi bastante propícia, pois, nesse período, discutia-se a legitimidade das biografias autorizadas e não autorizadas. Essa discussão era motivada por uma pesquisa feita por Paulo César de Araújo, professor do curso de História da PUC-Rio, autor de um livro sobre a biografia não autorizada do cantor Roberto Carlos. Tal publicação, após ser lançada, foi retirada de circulação, resultando no cerceamento da obra e de vários processos em seu desfavor. Após julgamento do supremo, a liminar que intencionava proibir biografias não autorizadas foi finalmente derrubada.

Em 2016, aconteceu, na Universidade Federal de Mato Grosso, o sétimo CIPA, com o tema: “Narrativas autobiográficas: conhecimentos, experiências e sentidos”, em que se discutiu quais são os saberes construídos nos trabalhos autobiográficos e quais os sentidos que são rememorados.

O oitavo congresso do CIPA foi realizado na UNICID (Universidade Cidade de São Paulo), abordando o tema: “Pesquisa (Auto) biográfica, mobilidades e incertezas: novos arranjos sociais e refigurações identitárias”, em São Paulo. Em 2020, a Universidade de Brasília (UNB) acolheu o nono congresso do CIPA, com o tema: “Narrativas em tempos incertos: democracia, memórias, utopias”.

As construções epistemológicas em torno das memórias autobiográficas no Brasil remetem a um sólido campo de pesquisa em pleno desenvolvimento. Com esse percurso metodológico, assegura-se razoável fundamentação no método aplicado na pesquisa ora apresentada. Na consubstanciação entre autoria e obra, a escolha metodológica para a análise de *Lenço-Relíquia* reflete a adequação entre as memórias autobiográficas e o seu reflexo na construção das próprias escolhas narrativas. Enquanto na autobiografia existe o compromisso do autor com algo que foi vivido por ele, na autoficção o autor se inclina mais para uma narrativa ficcional, como em um romance.

Destacam-se três dimensões fundamentais na análise das memórias autobiográficas. Primeiro, os aspectos narrativos que apontam para a verossimilhança entre locais, episódios e personagens com os fatos reais. Segundo, a correlação da vida e das memórias de Stela Câmara Dubois com suas personagens. Nestas, observa-se a relação de verossimilhanças com as informações extratextuais, em que se identificam detalhes de seu engajamento em torno da tolerância religiosa. Terceiro, as experiências do pesquisador, na reconstituição das suas próprias memórias, encontrando diversos pontos de identificação com a obra, como se segue.

Para esse terceiro aspecto, registram-se a identificação e as experiências do pesquisador reconhecidas com a trajetória da autora como protagonista da pluralidade de suas personagens e escolhas narrativas, coincidindo com aspectos de sua própria caminhada.

Essa realidade, provavelmente, pode retroalimentar as memórias de cada leitor. Embora não haja características de uma autoficção, o romance *Lenço-Relíquia* constitui-se uma pesquisa categorizada como literatura autobiográfica.

Para descrever a vivência do pacto autobiográfico, recorre-se às informações de como o método integraliza a identificação do pesquisador com a autora e a obra pesquisada. Dentre as memórias desse vínculo, pode ser destacado o fato de esse ter nascido no estado de Pernambuco e, coincidentemente na infância, ter sido aluno do Conservatório Pernambucano

de Música, aprendendo a tocar violão e tornando-se apreciador da MPB (Música Popular Brasileira). Mesmo em um lar cristão, conviveu com a pluralidade de músicas e folguedos juninos como diversão juvenil, em um período que isso não era bem-visto nem aceito pela grande maioria dos cristãos evangélicos da época.

A experiência de ser aluno e fazer parte da banda marcial do colégio Externato São José, no bairro de Afogados, em Recife-PE, fez com que tocasse na missa de primeira comunhão, nesse mesmo educandário. O gosto pela música sacra e popular caminhava junto à sua confissão de fé. Casou-se com uma moça de tradição católica e que se tornou evangélica. Permaneceu por nove anos a serviço da Força Aérea Brasileira, da qual também se acentuam as lembranças e identificação com as personagens dos pracinhas.

Os primeiros estudos teológicos ocorreram no Seminário Teológico Congregacional de Recife-PE, local em que a docência se iniciou após a graduação. Quando seminarista, estagiou na Igreja Congregacional, em Afogados, e no Exército de Salvação. Nesta última, conheceu o Dr. Maruilson Menezes de Souza, teólogo e dirigente da paróquia do bairro da Torre, em Recife, e um dos líderes do CONIC (Conselho Nacional de Igrejas Cristãs).

Dessas experiências, surge sua participação nos diversos encontros da entidade, aproximando-se do movimento ecumênico de Igrejas Cristãs.

Outro elo de identificação é a passagem do pesquisador pela Bahia, residindo por quinze anos na capital (Salvador), estudando e exercendo a docência no mesmo contexto cultural de Stela Câmara Dubois, passando a conhecer a história da cidade, sua geografia, suas belezas naturais e diversidades, que tanto o influenciaram a pesquisar a tolerância religiosa.

A Bahia é um estado de múltiplas tradições culturais e religiosas que se abraçam e dialogam em uma convivência pacífica. Como professor, ensinou Teologia Bíblica e Ética no Seminário Presbiteriano Francis Schneider, onde fez vários amigos.

Ao dirigir a Igreja Congregacional da Federação em Salvador, desenvolveu sólida amizade com o Padre Romildo Pires dos Santos, capelão do hospital Santa Isabel e, na época, pároco da Paróquia São Braz, no bairro da Federação. Fato marcante, contou-lhe o Padre acerca da fundação das duas igrejas, a Congregacional e a Paróquia São Brás. Os dois grupos usavam seguidamente o mesmo espaço de cultos em horários consecutivos nas dependências do Colégio Mário Costa. Ambos se ajudavam mutuamente nas atividades de arrumação do salão. Com esse relato, inicia-se uma longa e sólida amizade.

No ano de 2014, passou a morar no Rio de Janeiro. Exerceu a docência no SETECERJ (Seminário Teológico do Estado do Rio de Janeiro), sendo posteriormente designado como diretor do Seminário Teológico Congregacional, em Pedra de Guaratiba-RJ. Durante esse

tempo, dirigiu uma igreja no bairro do Rio Comprido (região central) e, em 2018, desenvolveu o projeto “Cuidado e Prevenção Emocional”, em torno da Comunidade dos Prazeres.

Todos esses aspectos aproximam o olhar e a familiaridade do pesquisador da biografia pesquisada e dos vínculos criados entre personagens da obra e sua autora. Fecham-se, com tais características, as condições em que se estabelece, nas diversas memórias, um pacto autobiográfico. Em todas essas similaridades, a análise do texto literário não ocorre apenas com o deslocamento entre o crítico e a obra, mas também entre identidades, discursos e críticas. O lugar do sujeito na crítica torna-se o principal meio de interpretação da criação e dos discursos das personagens de *Lenço-Relíquia*.

Diante do senso comum de que na ficção se conta melhor a verdade, justamente por não se ter o compromisso com ela a não ser pela verossimilhança, e de que na autobiografia não se encontra tanto os recursos elaborados da ficção, o conceito de espaço autobiográfico representa a junção dessa problemática que surge nos gêneros literários.

Segundo Lejeune (2008), seria a justaposição dessas duas questões que configuraria o que ele chama de espaço autobiográfico:

Não se trata mais de saber qual deles, a autobiografia ou o romance, seria o mais verdadeiro. Nem um nem outro: à autobiografia faltariam a complexidade, a ambiguidade etc., ao romance, a exatidão. Seria então um ou outro? Melhor: um em relação ao outro. O que é revelador é o espaço no qual se inscrevem as duas categorias de textos, que não pode ser reduzido a nenhuma delas. Esse efeito de relevo obtido por esse processo é a criação, para o leitor, de um “espaço autobiográfico (LEJEUNE, 2008, p. 43).

Tal conceito demonstra a complexidade de uma análise literária que resgata informações associadas à figura do escritor e aos impactos disso em sua obra, sem desconsiderar esta como ficção autônoma. O espaço autobiográfico apresenta-se como fenômeno de leitura somente para os leitores que estabelecerem algum tipo de pacto com as informações extratextuais (LEJEUNE, 1971).

Essa justaposição não resolve por completo os problemas encontrados entre a autobiografia e o romance, pois podem estabelecer vários níveis de relação. Ainda, segundo Lejeune (2008), essa mescla não se estabelece somente no texto, mas sim em conjunto com a sua relação estabelecida de fora, extratextual:

(...) pois tal relação só poderia ser de semelhança e nada provaria. Ela tampouco está fundamentada na análise interna do funcionamento do texto, da estrutura ou dos aspectos do texto publicado, mas sim em uma análise, empreendida a partir de um enfoque global da publicação, do contrato

implícito ou explícito proposto pelo autor ao leitor, contrato que determina o modo de leitura do texto, parece-nos defini-lo como autobiografia (LEJEUNE, 2008, p. 45).

Dessa forma, utiliza-se o espaço autobiográfico para aproximar o leitor do tipo de interpretação feita ao longo da pesquisa. Essa leitura resgata a importância do local de enunciação como construção narrativa que Stela Câmara Dubois se utiliza na escrita e que mais se aproxima da ficção do que, propriamente, da biografia como forma padronizada que conhecemos.

Grande parte dos documentos pesquisados sobre Stela Câmara Dubois remete à sua influência na construção das personagens de sua obra *Lenço-Relíquia*, estabelecendo, através da diversidade, uma intenção comunicativa por trás de seu próprio engajamento em torno do diálogo e da tolerância.

A seleção e posterior análise das personagens que aparecerão no terceiro capítulo foram escolhas norteadas de acordo com a identificação das mesmas com o espaço autobiográfico e as informações extratextuais. Busca-se discutir os resultados desse mapeamento à luz do conceito de tolerância religiosa e de espaço autobiográfico (LEJEUNE, 1971). Longe de esgotar essa análise, buscam-se caminhos que incentivem novas pesquisas sobre tolerância e literatura em seus limites e possibilidades.

Sendo a religião uma das formas mais poderosas de expressão humana, ela é capaz de materializar crenças, convicções e ideologias, formando consciência e credulidade, e também obscurecendo as mentes e anulando opiniões. A religião é capaz tanto de libertar e emancipar, quanto de oprimir e alienar. Em sua mimese, ela imita e reproduz a realidade, fazendo-se testemunha da complexidade do mundo real.

*Lenço-Relíquia* apresenta, na forma de romance, a arte vital para aproximar desiguais. Nesse sentido, a arte desempenha uma ação semelhante à dos fenômenos religiosos ao submeter seus objetos, mais lúdicos, a uma transformação catártica que invade e toca o imaterial humano em uma salutar experiência de transformação e purificação.

Para melhor compreender o conceito de tolerância, utiliza-se a pesquisa de Clodoaldo Meneguello Cardoso (2003), a qual se torna central na abordagem e na relação entre estratégias narrativas de *Lenço-Relíquia* e na forma em que se construiu um caminho de engajamento na promoção da tolerância no ambiente escolar.

A contemporaneidade do atual cenário político brasileiro mostra-se um campo de polarização religiosa, alimentado por ideologia intolerante. De um lado, líderes religiosos fundamentalistas e parlamentares de extrema-direita, aliados ao atual governo, tentam

demonizar a representação das minorias subalternizadas. Do outro lado, lideranças sociais e órgãos não governamentais, aliados aos partidos de esquerda, apresentam-se como representantes da classe trabalhadora e dos movimentos sociais.

A contemporaneidade das pesquisas sobre tolerância aponta a política e a educação como dois pilares fundamentais para o diálogo e a promoção da igualdade, o que incide diretamente na construção dos discursos religiosos na esfera política.

Sobre o tema “tolerância”, Clodoaldo Meneguello Cardoso fundamenta, na carta da tolerância do médico e filósofo inglês John Locke (1632-1704), publicada em 1689, uma clara compreensão entre os limites da vida religiosa em relação aos direitos da sociedade civil, conforme se pode ler um trecho a seguir:

Ao estabelecer estas bases para a Tolerância, Locke distinguiu as diversas relações sociais existentes a sua época: a) Tolerância da igreja para com seus membros; b) Tolerância entre os indivíduos na sociedade civil, “nenhum indivíduo deve atacar ou prejudicar de qualquer maneira a outrem nos seus bens civis porque professa outra religião ou forma de culto”; c) nenhuma igreja pode ter jurisdição sobre a outra, nem mesmo quando o magistrado civil pertencer a uma delas; d) Tolerância dos membros da hierarquia da igreja para com a comunidade. A autoridade dos bispos, padres, presbíteros e ministros não devem ultrapassar os limites da igreja; e) Deveres dos magistrados e tolerância. Locke argumenta que não cabe ao magistrado o cuidado com a salvação das almas, mas somente com os bens civis (LOCKE, 1973, p. 18).

De acordo com o percurso apresentado no desenvolvimento de diversos Congressos Internacionais de Pesquisas Autobiográficas (CIPA), pretende-se verificar também como no Brasil as pesquisas avançam sobre o conceito de tolerância e suas transformações.

De início, de acordo com Clodoaldo Meneguello: “O conceito de tolerância está longe de ter um significado homogêneo. Pelo contrário, sua complexidade e pluralidade de sentidos reclamam, por si só, um espírito de tolerância ao abordá-lo e um cuidado especial na sua aplicação” (CARDOSO, 2003, p. 153).

Nos aspectos teóricos, a história da tolerância caracteriza-se pela categorização da identidade, diversidade e desigualdade. Acerca da identidade, as razões se enquadram de ordem teológica e metafísica. Sendo o ser humano uma unidade, a razão última de sua existência encontra-se no ser e não nos entes. Dessa forma, a tolerância é legitimada no fato de que todos os seres humanos pertencem a uma mesma essência humana e, sendo assim, possuem a mesma dignidade e merecem, igualmente, o mesmo respeito (CARDOSO, 2003).

De acordo com a ética cristã, ser tolerante é praticar o amor ao próximo. A ideia de que somos todos irmãos nos identifica como seres humanos criados como filhos de Deus. Isso nos

confere um valor que se expressa em atos fraternais, solidários e humanitários. Portanto, a tolerância, no aspecto da identidade, baseia-se no dever moral em que o respeito e a dignidade humana repousam (CARDOSO, 2003).

Essa identidade humana se apresenta para além dos dogmas religiosos e encontra na racionalidade seu valor moral. A história do humanismo passou a conceber o homem como uma natureza criativa, com novas descobertas e novos mundos a serem explorados, mesmo que os princípios humanistas de igualdade universal, respeito e diversidade não tenham se estabelecido. A influência da cultura europeia norteadora da noção de uma racionalidade supostamente superior passa a ideologizar um modelo para todos os seres humanos. (CARDOSO, 2003). Com essa premissa, todas as demais culturas passaram a representar um modelo inferior de racionalidade que se consubstanciava nos atos expansionista e exploradores do colonizador europeu.

Dessa forma, nem o conceito de essência comum aos seres humanos, nem a presença dos dogmas que pregavam a igualdade entre os homens como filhos e filhas de Deus, foram suficientes para se chegar à universalidade no conceito de tolerância como se pretendida.

A cultura europeia ocidental cristã, ao se colocar como modelo universal de superioridade, adotou posturas etnocêntricas para universalizar verdades particulares tidas como absolutas. A identidade e igualdade, sendo assim concebidas, impedem o diálogo intercultural. No lugar da tolerância para com a diversidade cultural, predominam a imposição, o confronto e a dominação (CARDOSO 2003, p. 156).

Considera-se que a brasilidade contrária à influência estrangeira dos missionários fundadores do Colégio Batista Taylor-Egídio foi inaugurada por Stela Câmara Dubois e seu esposo, Carlos, com um novo período de implantação e de consolidação da identidade cultural brasileira no fazer pedagógico da instituição.

Sobre a categoria da diversidade, o viés da tolerância se estabelece no desafio da liberdade que permite ao indivíduo participar e se identificar como sujeito protagonista dos movimentos de construção cultural. Tal liberdade é, antes de tudo, uma conquista política.

A tolerância reclama para si a responsabilidade de exigir um contrato de convivência social que o livre exercício da liberdade desperta no indivíduo a importância de assumir sua própria diversidade como uma identidade política e social.

(...) a teoria da democracia moderna tem na base o reconhecimento da diversidade humana enquanto valor inalienável. E, para garantir a permanência da diversidade, a sociedade estabelece regras de tolerância, isso



é, acordo de convivência expressam os interesses comuns a partir dos interesses individuais (CARDOSO 2003, p. 158).

Quando se percebe que nem a identidade, nem a diversidade conseguem construir patamares culturais seguros e universais, descobre-se que a desigualdade força a imposição pragmática ao exercício da tolerância. O argumento para isso é que, mesmo sendo de uma mesma essência, mas culturalmente distintos, cada indivíduo encontra-se aprisionado em sua própria realidade cultural, não podendo estabelecer um julgamento universal para criar critérios que decidam o que é tolerável e o que é intolerável.

Portanto, é na universalidade conferida às desigualdades humanas que se busca um fundamento comum que seja capaz de conduzir a humanidade a virtudes em torno da tolerância.

Esse é o viés presente na construção das personagens de *Lenço-Relíquia*: a desigualdade entre personagens e situações divergentes que se contrapõem e dialogam mutuamente. Essas desigualdades refletem, através das memórias autobiográficas, os diversos professores, funcionários e amigos, com suas pertenças, que trabalhavam ao lado de Stela Câmara Dubois, dentro e fora do Colégio Taylor-Egídio.

A seguir, traça-se um panorama do desenvolvimento histórico dos diversos congressos internacionais realizados em torno da tolerância.

Algumas iniciativas de abrangência mundial em torno da tolerância se estabeleceram a partir da criação, em 16 de novembro de 1942, da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) em Londres. Essa instituição logo se alinhou à ONU (Organização das Nações Unidas) em busca da paz internacional e da prosperidade do bem comum como fruto da cooperação entre as nações.

Em outubro de 1993, ocorreu, em Moscou, o XIX Congresso Mundial de Filosofia, sob a responsabilidade da divisão de Filosofia e Ética da UNESCO, com o tema: “A Tolerância Hoje”. O Congresso trouxe contribuições, partindo do diagnóstico estabelecido mundialmente, e acrescentou o texto que passou a compor a “Declaração dos Princípios sobre Tolerância”.

As discussões seguiram na perspectiva de que o conceito sobre a teoria e a prática da tolerância precisava avançar. Esse avanço partiu do sentido tradicional, passivo e fraco, que o termo “tolerância” representava, para a necessidade de uma concepção conceitual “ativa” e “forte”.

No primeiro sentido, tolerar significa “permitir”, “suportar” determinadas situações não previstas nas leis ou que vão contra elas, a fim de evitar o confronto. No segundo, a tolerância supõe desacordo, “longe de exigir que cada um renuncie às suas convicções e suas crenças, ela

reconhece, ao contrário, a existência de um sistema de pensamento incompatível com os universos intelectuais ou espirituais inconciliáveis” (CARDOSO 2003, p. 118).

Ainda em 1993, surge outro importante documento redigido pela UNESCO, em que se estabelecem as bases e diretrizes para a construção do diálogo entre indivíduos e grupos com posições e culturas diferentes, elaborando a distinção entre enfrentamento e violência, entre tolerância e verdade, e os limites da própria tolerância. Algumas diretrizes básicas foram estabelecidas como:

A tolerância não é uma atitude de neutralidade ou de indiferença, mas uma posição resoluta que estabelece o seu limite, o intolerável. Os homens de religião devem proclamar mensagens ecumênicas. Aos intelectuais, concerne o papel de renovar os fundamentos da tolerância e de questionar se ela pode ser concebida sob uma forma universal (CARDOSO 2003, p. 101).

Nos anos seguintes (1994 e 1995), em vários continentes, realizaram-se conferências regionais, ocorridas nas cidades de Istambul, Moscou, Nova Délhi, Cartago, Sienna, Seul e Rio de Janeiro, formalizando recomendações às práticas dos agentes sociais e governantes.

No Brasil, ocorreu de 12 a 16 de setembro de 1994, no Rio de Janeiro, a “Conferência sobre Tolerância na América Latina e Caribe”, organizada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, inserida no programa de Filosofia da Cultura e Desenvolvimento no Brasil e na América Latina. A má distribuição de renda e a corrupção são problemas apontados como fatores agravantes do descrédito e da fragilidade das democracias; em contrapartida, em todo mundo, acirraram-se diversos conflitos entre povos e etnias, em sua grande maioria influenciados por questões político-religiosas. Tais conflitos, associados aos níveis alarmantes de pobreza, aceleraram a escalada de violência de maneira assustadora.

Em busca de respostas em face dessa realidade, o ano de 1995 foi consagrado, pela ONU, como o “Ano Internacional da Tolerância”. Com as várias conferências regionais, foi mobilizada, a partir da UNESCO, uma vasta programação em que se acreditava em que tal iniciativa se construiria uma proposta de educação a partir da reflexão do tema no cotidiano das escolas. O objetivo principal da educação para a tolerância é o apreço e o respeito à dignidade e a integridade de todas as pessoas.

É esse o fundamento principal de toda teoria dos direitos humanos e da democracia. A educação para a tolerância busca evitar que se forme, nas novas gerações, a atitude de superioridade de um grupo, de uma crença ou de um determinado modo de vida em relação aos demais. O exercício da tolerância deve começar no cotidiano da escola (CARDOSO 2003, p. 109).

Na construção da obra *Lenço-Relíquia*, as memórias autobiográficas estabelecem vários diálogos em torno da diversidade e do diálogo. Mas é no ambiente do Colégio Batista Taylor-Egídio, como primeira escola batista brasileira, que se estabelece uma espécie de “laboratório pedagógico” em prol da tolerância.

Como fruto do engajamento dessa temática, em 16 de novembro de 1995, na cidade de Paris, ocorreu a 28ª Conferência Geral da UNESCO, ocasião em que foi aprovada a Declaração dos Princípios sobre Tolerância. Esse documento propõe duas frentes de atuação, sendo uma de cunho político e outra educacional. Nesta última, enfatizou-se a criação de novos programas de educação que estabeleceu “o preparo das futuras gerações que vivam em sociedade cambiante e multicultural, sendo a tolerância o novo nome dado à paz” (UNESCO, 1993b, p. 2).

As desigualdades sociais geram altos índices de pobreza com crescentes conflitos de cunho religioso, tornando-se as principais causas de mortes e vulnerabilidades entre os povos, mantendo, através da escalada da intolerância, uma situação deplorável. Sobre essa realidade, a UNESCO ainda sinaliza aspectos políticos relevantes que devem ser combatidos, entre eles: “altos índices de impunidades, falta de canais de participação política, forte cisão entre Estado e sociedade civil, enfraquecimento da sociedade civil por meios repressivos, manutenção de privilégios por parte de certos grupos em detrimento das majorias, desequilíbrio da distribuição da riqueza” (UNESCO, 1999c, p. 2).

Dessa maneira, busca-se encontrar, através desses métodos, sólida base para as análises das personagens. A seguir, apresentam-se conexões entre informações extratextuais da vida de Stela Câmara Dubois que dialogam diretamente com as personagens de *Lenço-Relíquia*.

No percurso literário, são descritas as cenas que exibem a identidade presente na diversidade e na desigualdade. A valorização da diversidade pelo viés da tolerância pode se tornar um efeito causador da atenção dos leitores. Nas diversas atuações de Stela Câmara Dubois, sua participação e engajamento social encontram-se não só no formato, mas também na quantidade de personagens e “figurantes” como vínculos entre os desiguais.

Nas informações extratextuais, encontra-se a ênfase musical das cenas e das letras transcritas nos textos, quase levando o leitor a cantar os versos, mesmo que desconheça a melodia poética. Tudo isso remete ao poder inclusivo da música em toda sua diversidade. As semelhanças apontadas na constituição de outras personagens, como exemplificado no romance *Corina*, também evidenciará uma estratégia narrativa que privilegia a tolerância religiosa.

### 3.2 INFORMAÇÕES EXTRATEXTUAIS EM DIÁLOGO COM A OBRA

Muito se pensa sobre a contribuição das memórias autobiográficas para a interpretação das personagens. Como as informações extratextuais sobre a vida e a obra de Stela Câmara Dubois encontram-se difundidas dentro e fora da denominação batista, elas apontam para o aspecto positivo de um engajamento para além de sua própria convicção de fé.

Esse reflexo é constatado na diversidade e na variedade de personagens na obra *Lenço-Relíquia*. Ao todo, são cerca de 22 personagens entre narrativas e figurantes. Essa diversificação comunicativa de cenários e falas torna a obra extremamente inclusiva. Seguem alguns exemplos dessa diversidade:

(...) O empregado entra, trazendo na salva um cartão de visitas. Rogério lê: “Evaristo Soares (DUBOIS, 1971, p. 24).

(...) espera alguém... é o comentário das moças presentes, cada qual ostentando maior luxo (DUBOIS, 1971, p. 40).

(...) Magnífico! exclama, a movimentar o “lorgnon”, um velho cônsul (DUBOIS, 1971, p. 41).

(...)vamos aclamá-los, pede a senhora de um desembargador (DUBOIS, 1971, p. 41).

(...)Naquela noite, ouviu-se, pelo microfone de bordo, a voz compassada e amiga do presidente, numa palavra vibrante de encorajamento aos soldados do Brasil (DUBOIS, 1971, p. 66).

(...)Aqui, à direita, está o engraçadíssimo Chico Bolachinha, da Paraíba do Norte, que trouxe uma “peixeira”, um violão e um cachimbo (DUBOIS, 1971, p. 66).

(...)à esquerda, Antônio “Fura-Gringo”, o contador de bravatas, sonso desde a vila militar (DUBOIS, 1971, p. 66).

(...) Coitada!... é pobre, mantém a casa...E quem sabe as dificuldades por que passa (DUBOIS, 1971, p. 67).

(...)O pretinho corneteiro compõe canções no seu saxofone, às vezes na sua corneta, nas horas de lazer (DUBOIS, 1971, p. 72).

(...) O diretor acaba de dar ordens para que nada falte aos soldados enfermos (DUBOIS, 1971, p. 78).

(...)O enfermeiro-chefe, com um recado da parte do Dr. Portela, bate à porta” (DUBOIS, 1971, p. 83).

(...)Ao tocar a campainha, aparece a empregada (DUBOIS, 1971, p. 109).

Outra ênfase da obra são as diversas cenas descrevendo poesias e musicais que fazem das narrativas um ambiente de pura alegria. A presença da música é efusiva e se torna um elemento facilitador na convivência entre os desiguais. Com essa estrutura, as personagens trazem, em sua pluralidade, a música como promotora da tolerância. São várias as cenas de festas, canções, músicas e poesias registradas na obra *Lenço-Relíquia*. Seguem descrições de algumas músicas e poesias:

*Lenço-Relíquia*, leve, esgarçado, de odor delicado, sabendo a jasmim  
(DUBOIS, 1971, p. 8).

Tão breve, tão leve, passei... Encantos e prantos te dei, paraste e olhaste, bem vi... Calado, magoado, parti... Sou caro... não paro... vê bem! Que avances, não canses, convém. Na grama, exclama a Cecém: Um instante! O errante! Vem, vem! Poeira ligeira se ergueu! Fumaça que passa sou eu! (DUBOIS, 1971, p. 12).

Sou a baiana do acarajé! Logo bem cedo já estou de pé! Oi, sinhôzinho, venha comprar, você comendo, logo há de gostar, há de gostar! (DUBOIS, 1971, p. 46).

Quando o soldado cumpriu o dever, tudo o que escuta lhe acende o prazer, Volta, contente, com a alma a cantar! Como se nunca aprendera a chorar! Quando o soldado se põe a marchar, ao som dos hinos que a pátria lhe deu, leva no peito, qual flama a brilhar, essa coragem que o enriqueceu! Soldado! Oh! Soldado! Se vieste mutilado, o triunfo te osculou! O teu nome agora honrado tem o brilho sublimado, pois à glória se igualou! (DUBOIS, 1971, p. 88).

Fico esperando pacientemente, como o lavrador espera, dias e dias morosos, chuva, sol, estiagem, arrebol. Depois... sonhos martirizantes, conjeturas incessantes, uma doida ansiedade de ver, de ajuntar a desejada colheita... O lavrador aspira, mais que a vida, que a plantinha nascida produza aos milhões... Mas é preciso esperar persistentemente, olhar a chuva, o sol, estiagem, o arredor. Depois... o sonho que martiriza e cansa!... Essa louca vontade de esquecer o martelar contínuo da esperança... Um dia, como um romper de alegria estonteante, vem à tona, pujante, a realidade! A sementinha fez o milagre da prosperidade (DUBOIS, 1971, p. 98).

Amor é também uma semente, e a delonga paciente, o seu fanal (...) Faz-se mister que ele cresça e germine, encha os celeiros, domine! Quantas vezes, porém, lá no esconso da terra, o caruncho que a terra a semente matou!... O lavrador, confiante, (como o poeta distante) esperara... esperara. E o sonho bom de sonho nunca passara. Na minha solidão, que a mata verde acende, espero... Mesmo que a semente se fane, desapareça, que na minh'alma cresça o sonho imenso!... E, no meu devaneio, desde o infinito sul ao infinito norte, hei de vê-lo subir!... Medonhamente um sonho, indecifrável como a própria morte! (DUBOIS, 1971, p. 99)

Aquele momento, ansioso, temido, qual sonho sentido, solene, passou... Batendo, ofegante, o coração triste, dir-se-ia, persiste no mal que o prostrou...

Os olhos, porém, janelas abertas, confessam, alertas, segredos... não sei... Enlevo, ironia colhi do sorriso, do teu rosto em flor... E a planta humilhada carpia, crestada, do sol o fulgor... Aquele momento, ansioso, temido, ficara esculpido na plena razão! Que passem montanhas, distâncias medonhas, o tempo, afinal. Imagem querida, com as formas da vida, meu estro imortal, tu, sim, ficarás nas asas reais desta inspiração (DUBOIS, 1971, p. 101).

Liberdade, ó bem-aventurada, o teu berço achou no céu morada. É perene a tua luz, refulgindo até na cruz, oh! Desdobra a tua auréola de ouro sobre nós! Quando, um dia, tu chegaste, forte, dos escravos extinguindo a sorte, então, sobre a negra dor, aspergiste o teu amor. Oh! Do além vieste, e não se cale a tua voz! Hodiernamente és tão querida, que por ti, oh! quantos dão a vida! Sim, num trono assentarás, e, a sorrir, desfrutarás esta universal e intensa Glorificação! (DUBOIS, 1971, p. 133).

Este luar claras, amenas, acariciantes... Em dilúculos de ouro flamejantes. Eilo a cair, quais pétalas vadias... E, engalanando a terra de alegrias. Lembrou-se mais dos corações amantes... Luar!... Tinge de luz estes instantes, eternizando os passageiros dias! Teus olhos, meu amor, o teu sorriso, traçaram, na saudade, o paraíso, de uma beleza doce de pasmar... A tua mão, vibrando, falou tanto, E o simples até logo fez o encanto, que a lua quis, sozinha, refratar (DUBOIS, 1971, p. 146).

Na musicalidade e nas poesias dos discursos de suas personagens, as memórias autobiográficas refletem diversas frentes de engajamento e amizades de Stela Câmara Dubois. Essas memórias são registradas na ambiência das publicações batistas e fora dela, através dos variados laços que nutria para além de sua religiosidade.

Através dos registros das pesquisas literárias, a publicação do romance *Corina*,<sup>7</sup> utiliza-se, de igual forma, as memórias autobiográficas de Stela Câmara Dubois, dando vida, movimento e cor às personagens. A verossimilhança das narrativas acompanha a mesma fórmula literária encontrada em *Lenço-Relíquia*, utilizando o espaço autobiográfico como viés de construção de suas personagens, mesclando ficção com a geografia, os lugares, os bairros e as experiências vividas, e que aparecem estruturadas nas construções de suas narrativas e nos discursos de suas personagens. Segue um desses textos, semelhante ao estilo de *Lenço-Relíquia*: “Adeus, Meu Recife!... À beira do Capibaribe, debruçando-se na amurada, Corina contempla o espelho das águas, que parece enfeitado de mil facetas coloridas. Em seu coração dilacerado há um misto de venturas e desilusões, que se sucedem num ritmo galopante” (DUBOIS, 1987, p. 9).

Conforme já dito, Pernambuco é a terra natal e Recife, o berço da formação musical e acadêmica de Stela Câmara Dubois. O que em *Lenço-Relíquia* representava apenas a cidade onde se encontrava o hospital, atendendo os feridos de guerra, aqui, a cidade aparece novamente

<sup>7</sup> Romance escrito por Stela Câmara Dubois, Ed. JUERP, Rio de Janeiro, 1987.

como um dos lugares centrais da narrativa. Ainda sobre o reflexo das memórias autobiográficas, aparecem o rio Capibaribe, o teatro Santa Isabel, a rua da Aurora. Outras cidades como Itabuna, Rio de Janeiro e Brasília também são citadas.

O ano de 1960 principia a correr velozmente. Dois acontecimentos de relevância estão previstos: a inauguração de Brasília, a Capital da Esperança, a 21 de abril, e o Congresso Batista Mundial, de 26 de junho a 3 de julho, na cidade do Rio de Janeiro (DUBOIS, 1987, p. 21).

Acabo de encontrar, finalmente, após vários meses de pesquisa, o paradeiro de D. Corina. Escreve-me o investigador Vasconcelos achar-se ela no Estado da Bahia, numa fazenda por nome "Soledó", nos arredores da cidade de Itabuna, a tão falada Capital do Cacau (DUBOIS, 1987, p. 59).

Lúcia, que há muito deseja rever os recantos pitorescos do Rio, dá um palpite: Vamos, papai, à Cascatinha da Tijuca, no Alto da Boa Vista ou ao Pão de Açúcar. Faremos um piquenique em qualquer lugar bonito. Boa ideia, Lúcia. Ficaremos recanteados, em contato com a natureza, para acordar de um sonho. A realidade é tão bela que se diria a ficção (DUBOIS, 1987, p. 147).

Uma outra narrativa apresenta a imagem dos detalhes de sua formação musical, tanto do nome e local da escola, quanto de seus professores e técnicas por eles usadas.

Corina continua a rememorar a sua carreira musical, iniciada aos pés de mestres devotados, no Conservatório Pernambucano de Música, fundado pelo maestro Ernani Braga. Professores, compositores e artistas competentíssimos, vindos de vários pontos do país e do estrangeiro, ministravam cursos complementares e davam concertos. E ela se lembra das classes especiais, de vinte e trinta alunos dos mais vocacionados, e a mestra à frente - imponente figura dos que triunfam na vida - a explicar sobre a respiração, larga, rápida e silenciosa, como base do canto. Depois de outros e variados ensinamentos sobre a impostação da voz, o ataque do som, a articulação, seguiam-se as práticas, o que para ela, era o melhor: as vocalizações e as peças. A mestra dava, então, oportunidade para os alunos mais adiantados fazerem os acompanhamentos ao piano (DUBOIS, 1987, pp. 10-11).

De acordo com o site da escola,<sup>8</sup>

Foram nove anos sob a direção de Ernani Braga, e o conservatório rapidamente afirmou-se como um dos mais importantes agentes da cultura em Pernambuco. As concorridas audições no Teatro de Santa Isabel eram o ponto de encontro dos amantes da boa Música, e os talentos que surgiam ocuparam um espaço importante no cenário Pernambucano nas décadas seguintes (DUBOIS, 1987, p. 11).

---

<sup>8</sup> Conservatório Pernambucano de Música. Disponível em [www.conservatorio.pe.gov.br/historico](http://www.conservatorio.pe.gov.br/historico).

O desfile das recordações continua. Lembra da Sociedade de Cultura Musical de que seu venerado pai fora um dos sócios-fundadores e onde ressaltavam personalidades da música de classe. Por intermédio dessa entidade, vieram a Recife os maiores artistas do mundo: Iturbi, Souza Lima, Madalena Tagliaferro, Vera Janacopulos, Madeleine de Grey, Tomaz Téran, Guiomar Novais, Bidu Saião, o Coro Ucrainiano, a Orquestra Sinfônica Brasileira e a "prata da casa" (DUBOIS, 1987, p. 14).

Outra identificação literária encontrada nas narrativas extratextuais, no romance *Corina*, são as diversas pertenças mencionadas entre as personagens. Isso torna-se um viés de aproximação em prol da tolerância, convidando o leitor, por meio desses diálogos, a se aproximar de outras possibilidades para desenvolver sua espiritualidade.

Oh! E se eu fosse ao padre Bento, o bom velhinho que oficiou a cerimônia de nosso casamento? Certa vez o ouvi, num sermão dominical, discorrendo sobre a divindade de nosso Senhor com tanta convicção que todos que o ouviam ficaram abalados (DUBOIS, 1987, p. 15).

A senhora é da macumba? Não. Não crê no feitiço? Nos passes? No candomblé? Na mãe-d'água? Também não. Nem no mau-olhado? Na coisa-feita? Nas figas? No horóscopo? (DUBOIS, 1987, p. 31).

Tenho, porém, uma prima, tenente do Exército de Salvação que poderia, pelo menos por alguns minutos, travar uma palestra com ele. Ela é capaz de fazê-lo atento, julgo eu (DUBOIS, 1987, p. 55).

Isso não é coisa de protestantismo? Indaga apreensiva, D. Hortênsia. É, sim. Mas hoje isto não é mais problema. O papa desfez as separações. Ele chama os protestantes de irmãos em Cristo". Não está boa a situação? A intransigente D. Hortênsia dá de ombros: Para mim, não. Acho que nunca haverá uniões religiosas. Também não creio numa união absoluta, mas haverá melhor vivência, sem as rivalidades do passado. Bem, isso é certo (DUBOIS, 1987, p. 56).

Todos esses diálogos trazem, nas memórias, informações extratextuais retratando diversas experiências de Stela Câmara Dubois em torno de um pluralismo religioso em suas vivências musicais e pedagógicas. Os discursos reproduzidos pelas personagens de *Corina* também se assemelham e reproduzem as diferenças religiosas das famílias Saldanha e Rezende em *Lenço-Relíquia*, porém mantém a aproximação e o diálogo entre as diferentes identidades religiosas.

Diva Rezende, ao mesmo tempo que é alvo do repúdio de dona Selma, torna-se confidente do amor de Judite por Rogério, seu irmão adotivo. Judite sabe que ele não a quer, embora dona Selma insista no casamento deles. Nesse triângulo amoroso, as diferentes convicções de fé não se mostram como empecilho entre eles.

(...) Poderia fazer algo em seu benefício, colega? (DUBOIS, 1971, p. 54).



Não sei, as vezes penso no convento (...) (DUBOIS, 1971, p. 54).

Por que no convento? (DUBOIS, 1971, p. 54).

Foi o último desejo de meu tio Leôncio (DUBOIS, 1971, p. 54).

Entendo, Judite, que os encargos religiosos devem ser vocacionados. Jamais aceitos, nunca, porém, por questões secundárias (DUBOIS, 1971, p. 54).

Enquanto Judite cogita ir para um convento, sendo dissuadida disso por Diva, Rogério segue para guerra, para se esquivar do casamento com Judite. Diva torna-se confiante dos dois, sugerindo o ingresso delas duas como voluntárias na Cruz Vermelha, ao mesmo tempo renunciando o amor de Rogério.

Alistei-me como voluntário às Forças Expedicionárias, e esta resolução me veio em vista de mamãe querer obrigar-me a casar com Judite, a quem não amo (DUBOIS, 1971, p. 61).

Diga-me, Diva, diga-me, você não me ama? Será crível que não me aceite? A sua irmã adotiva o ama, Dr. Rogério, e ela é minha amiga (DUBOIS, 1971, p. 61).

A ausência de conversão na trama foge do olhar proselitista com que alguns romances da época são retratados. Em *Lenço-Relíquia*, as personagens são construídas a partir de discursos que se voltam para a aproximação e diálogo entre desiguais. Nos discursos entre as diferentes personagens diferentes, não se evidencia qualquer relação de conversão como intenção da autora.

#### 4. MAPEAMENTO E ANÁLISE DAS PERSONAGENS

Na atualidade, o romance contemporâneo apresenta uma espécie de atemporalidade nas narrativas. As descrições fogem da abordagem linear e progressiva do tempo e dos eventos narrados. O narrador não precisa contar a história pelo parâmetro da viagem do tempo, da história, da memória e do passado. O enredo já não se prende a uma referência temporal. Isso não quer dizer que o leitor não observa que o tempo passa, ele percebe a passagem do tempo de maneira sutil, sem datas, sem sucessão histórica, sem exposição do tempo cronológico. Assim, com mais liberdade subjetiva, o tempo apresenta-se de maneira velada. Ao contrário disso, *Lenço-Relíquia* é um romance de narrativas circunscritas a lugares, eventos e memórias que se passam no tempo e em períodos específicos da história. Apresenta-se, dessa maneira, um enredo com intrigas, disputas de poder e aproximações entre as personagens, em determinado tempo histórico, sendo a guerra um elemento constitutivo simbólico na construção da narrativa.

Para análise de *Lenço-Relíquia*, foram escolhidos, como parâmetros concatenados com os objetivos da pesquisa, personagens que se contrapõem entre si. Esse conjunto de discursos se desloca no tempo e na disputa de valores e interesses marcados por territórios centrais e marginais. Segundo Umberto Eco,<sup>9</sup> “a narrativa literária possui dois tempos, o tempo do discurso e o tempo da história. O tempo do discurso é o plano da expressão linguística que estabelece o tamanho do texto. E o tempo da história é o que conta o conteúdo da história”. Em *Lenço-Relíquia*, as personagens escolhidas estão diretamente ligadas ao evento da guerra, dentro da cronologia entre 1944 e 1945, como um recorte cujo viés suscita a necessidade de tolerância religiosa.

Portanto, elege-se a guerra como episódio para além de um conflito sangrento. Em sua construção ficcional, as oposições e os combates vão além da participação dos pracinhas na Segunda Guerra. Fala-se, em todo momento, de contrastes e embates de opiniões, de interesses e posições contrárias que promovem discordância, podendo acirrar o rompimento de relações. A luta de classes e a dominação pelo poder tornam o diálogo e a música um elo de aproximação.

Segundo a Folha de São Paulo, publicada em 16 de fevereiro de 2022, existe atualmente no mundo, além da guerra entre Rússia e a Ucrânia, cerca de 30 conflitos ativos, incluindo conflitos armados entre forças do governo, entre forças do governo e rebeldes e entre rebeldes.

---

<sup>9</sup> ECO, Umberto, *Em narrativas*, Provocare – NAMI, São Paulo, Universidade de Sorocaba, 2017.

Desta forma, a atualidade do tema estabelece uma relação articulada entre o tempo e o enredo, o tempo e a construção das personagens e o tempo e os conflitos atuais. Esse contexto confere ao romance *Lenço-Relíquia* uma literatura cuja mensagem atualiza a necessidade da tolerância ser replicada pela literatura e pelas artes.

Suas personagens estão em constante diálogo, desafiando reflexões no modo como interagem e participam dos eventos. Assim sendo, o foco narrativo da tolerância religiosa e o símbolo das guerras pelo poder entre eles tornam-se elementos centrais e basilares na análise em questão.

As personagens escolhidas para análise são: Dona Selma Saldanha, Diva Rezende, Rogério Acioli, Sr. Evaristo Soares, Arnaldo Saboia e os pracinhas. Tal escolha deve-se pelo fato de estarem envolvidos no simbolismo da guerra, com diversas narrativas em torno deles.

Os diálogos também representam o fluxo da consciência que dialoga com as memórias e entre si. Essa técnica atribui às personagens um dinâmico fluxo de ideias, sentimentos, memórias, emoções, dúvidas e esperanças que, em todo tempo, remetem a um estado de pensar.

De acordo com Luiz Antonio de Assis Brasil (2019),<sup>10</sup> “(...) o que acontece no fluxo de consciência é uma radicalização do monólogo interior, que dá a ideia de que o leitor está dentro do puro ato de pensar da personagem, durante o qual as ideias vêm à mente de forma errante”. Algumas narrativas escolhidas seguirão em diálogo com o fluxo da consciência de suas personagens. Estabelece-se, no jeito de cada um deles, nos diálogos entre a memória e seus discursos e as informações extratextuais, uma hermenêutica literária em prol da tolerância. Fazendo isso, atribui-se maior força às memórias autobiográficas em contínuo diálogo com as personagens.

#### 4.1 TOLERÂNCIA COMO CONTRAPONTO AO PIETISMO BATISTA

Utiliza-se, na análise da tolerância religiosa e na correlação entre as personagens e o espaço autobiográfico, quatro elementos comparativos usados por Elter Dias Maciel como parâmetro em sua pesquisa *O Drama da Conversão: Análise da Ficção Batista* (1988). São eles: Individualismo Conservador, Estrangeirismo, Moralismo e Conversão. Esses mesmos elementos são usados como contraponto além do que já se tem afirmado.

---

<sup>10</sup> BRASIL, Luiz Antônio de Assis, *Escrever Ficção: Um manual de Criação Literária*, Companhia das Letras, São Paulo, 2019.

Observa-se, na opinião de Elter Dias Maciel, um determinismo que impõe, à construção das personagens, objetivos voltados para uma intenção proselitista nas publicações batistas.

Quanto a *Lenço-Relíquia*, de Stela Câmara Dubois, que se apresenta ora como uma opereta norte-americana, ora como conto de fadas, as personagens ou são ricas ou candidatas à riqueza através de herança. A trama que é muito apropriada para dar espaço à visão dicotômica pietista se apresenta como veículo das intenções proselitistas, trabalhada de forma fantástica e primária (MACIEL, 1988, p. 95).

Para Maciel, *Lenço-Relíquia* serve apenas como um instrumento do pietismo batista que se enquadra em referenciais como Individualismo Conservador, Estrangeirismo, Moralismo e Conversão.

Na análise e nos discursos das personagens, bem como em suas representações, estabelece-se um novo olhar que discute a construção da narrativa e seu objeto para além do pietismo batista. Isso se faz no resgate das memórias e das informações extratextuais, correlacionando o engajamento da autora com a tolerância religiosa nas entrelinhas dos discursos. Cada personagem é situado no texto apresentando diversos diálogos como contraponto.

As personagens Selma Saldanha e Diva Rezende são representações simbólicas dos vários discursos em torno do que parece inconciliável. Na síntese do romance, essa realidade é exposta e, nesta pesquisa, reaparece como elemento central na construção das personagens e nas memórias do espaço autobiográfico como justificativas necessárias à tolerância.

Dona Selma Saldanha não gosta de pobre nem de evangélico. Ela faz tudo para evitar a aproximação entre seu filho Rogério e Diva Rezende, mostrando-se sempre implacável quando se trata de riqueza e poder, principais elementos causadores da intolerância.

Essa relação simbólica, ao longo da narrativa, pode servir de comparativo da realidade entre católicos e evangélicos no contexto em que o romance foi escrito em seus aspectos políticos e econômicos. Essa é a razão porque se segue, na análise da construção das personagens, a premissa de que, para aproximá-las, com realidades e contextos tidos como “impossíveis”, Stela Câmara Dubois utiliza o elemento da tolerância religiosa como meio capaz de mediar tal convivência.

Contudo, não só as duas. Em outras narrativas, verifica-se que outras personagens também convivem com o movimento de diversidade e aproximação. O ser diferente mostra-se como elemento constitutivo. Essa fórmula de aproximar os desiguais, colocando-os em diálogo,

faz de *Lenço-Relíquia* um texto em prol da tolerância religiosa. Dona Selma Saldanha e Diva Rezende protagonizam os símbolos dessa relação antagônica, mas, ao mesmo tempo, possível.

De acordo com as narrativas e discursos dessa representação, percebe-se essa intenção em diversos momentos:

Como pudera um amor impossível entrar de cheio na sua vida e dominá-la por completo? Impossível, pelo ódio que a mãe de Rogério, intolerante e orgulhosa, transformava em barreira, impossível, pela disparidade financeira, impossível, ainda, por questões religiosas, pois Diva e os seus abraçavam as doutrinas evangélicas que o Dr. Álvaro propagara até morrer (DUBOIS, 1971, p. 8).

Nesse trecho, é a mãe de Diva Rezende, Dona Cacilda, que descreve o abismo entre as famílias e as características de Dona Selma.

Como tenho pena de você, filha! Somos pobres, e ele é muito rico. A mãe, orgulhosíssima, e você sabe muito bem a fama que corre a respeito de seu pedantismo (DUBOIS, 1971, p. 9)

Aqui, Dona Selma emite uma opinião sobre Diva Rezende:

Imagino como não vai ficar orgulhosa aquela “ninguenzinha” (DUBOIS, 1971, p. 34).

O materialismo de Dona Selma fica bem evidente:

Secundário, Rogério? Secundário, o dinheiro? Não, o dinheiro é a coisa principal neste mundo. Sempre corri atrás dele... e correrei sempre (DUBOIS, 1971, p. 35).

Quando se compara mãe e filha adotiva, a docilidade de Judite é um contraste comparado à Dona Selma.

Diferem, entretanto, muito uma da outra. A mãe conservada, bonita, elegante, não sabe nem pode esconder o excesso de vaidade que a afasta das verdadeiras amizades. Essa vaidade tão exagerada produz nela uma antipatia tamanha (DUBOIS, 1971, p. 40).

Na trama, é evidente que Dona Selma Saldanha aproveita todas as oportunidades para humilhar Diva, não poupando palavras para demonstrar seu descontentamento com o possível relacionamento entre ela e seu filho Rogério Acioli:

D. Selma fala, gesticulando, quando eles passam: meu filho há de casar-se com uma moça rica... Diva compreende que a indireta vem justamente para ela (DUBOIS, 1971, p. 42).

Não compreendo como uma pessoa que não aprecia a dança ousa comparecer a uma festa dançante (DUBOIS, 1971, p. 42).

Ao retornar da festa de aniversário de Rogério, Dona Cacilda percebe algo diferente em Diva:

Diva, por que está assim, tão calada? (DUBOIS, 1971, p. 43).  
 Nada, mamãe. Arrependi-me de ter ido... Mas o convite de Judite foi insistente, e, ainda mais, veio buscar-me ela mesma, sabe? Estou resolvida a mudar-me, definitivamente, para o interior. Iremos brevemente (DUBOIS, 1971, p. 43).  
 A luta com dona Selma começou? (DUBOIS, 1971, p. 43).  
 Sim (DUBOIS, 1971, p. 43).

Percebe-se que, diante da reação de sua filha, Dona Cacilda adverte-a de que o melhor é renunciar àquela paixão.

Já tardava.... Que lhe disse eu? É necessário que evite agora a situação. Poderá complicar-se (DUBOIS, 1971, p. 43).

Enquanto isso, lemos, em outra narrativa sobre a mesma festa, Dona Selma interpelando Rogério:

Então que beleza a sua festa! A única falha foi o intrometimento de Diva (DUBOIS, 1971, p. 44).  
 É que (...) não é digna de você, meu filho... Tão sem sal... Judite, sim, que é bela e rica (DUBOIS, 1971, p. 44).

A aproximação entre Selma Saldanha e Diva Rezende personifica um ambiente de embates e conflitos. O viés de aproximação e diálogo que opera entre Diva e ela é o exercício da musicalidade, demonstrando, ao leitor, o poder da música em ultrapassar barreiras culturais e religiosas, unindo pessoas.

Simbolicamente, na narrativa ficcional, Dona Selma e Diva Resende representam um duelo de forças, valores e interesses contrários. Essa guerra subjetiva figura uma realidade que, além de antagonica, reflete as publicações do *Jornal Batista* no período. O catolicismo traz a representação do poder econômico e da influência política, enquanto os batistas buscam espaço para se afirmarem pelo viés da educação e expandirem suas crenças.

É nesse contexto que Stela Câmara Dubois reproduz suas memórias, utilizando o espaço autobiográfico para construir suas personagens com tessitura capaz de aproximar, dialogar e superar “várias guerras”, sem revidar discursos de ódio, cismas e sectarismos. Isso é um indício de que, em sua intenção comunicativa e na interação entre suas personagens, promove-se a

tolerância religiosa – só esta mostra-se capaz de apaziguar beligerâncias, aproximando desiguais.

Nos diversos embates entre Diva Rezende e Dona Selma Acioli, Diva se mantém paciente e mostra-se discreta no momento de dar a notícia do retorno de Rogério da guerra na condição de mutilado.

Acalme-se, minha senhora. Ele não telegrafou de propósito, para a mãe não se assustar. Deixei-o de pé, apenas hospitalizado para fortalecer-se. Não entre em pormenores. Não lhe compete entrar neles. Não é da família. Grande distância as separa. O orgulho de Dona Selma é um abismo insondável. Jamais lhe diria: “seu filho regressou mutilado (DUBOIS, 1971, p. 111).

Através das experiências pedagógicas e do resgate de suas memórias, Stela Câmara Dubois entrega-se à construção de suas personagens com aproximações e diálogos com outras pertencas, em um movimento pioneiro na educação confessional. Partindo de suas pesquisas sobre o folclore, apresenta suas composições em torno da cultura e da convivência para além de sua religião. Entre Dona Selma e Diva Rezende, a música se torna um elemento mediador capaz de se contrapor a riqueza e a altivez de quem a possui.

As outras duas personagens de nossa análise são Rogério Acioli e o Sr. Evaristo Soares. Eles também representam figuras ligadas na trama pelo antagonismo e que, através da tolerância, desenvolvem um relacionamento em que a confiança, a guerra e a amizade tornam-se elementos convergentes entre eles.

O Sr. Evaristo Soares, um famoso sociólogo, comete o crime de subtrair e publicar em seu nome o livro “Evolução da Raça”, do seu melhor amigo, o jornalista Álvaro Rezende, pai de Diva. Rogério é procurado como advogado e torna-se confidente e cúmplice do Sr. Evaristo Soares, tornando-se responsável pelo sigilo e pela herança deixada pelo pai de Diva através dos direitos autorais do livro roubado. Para isso, Rogério envolve sua irmã Judite como suposta benfeitora.

A seguir, transcreve-se a confissão do Sr. Evaristo Soares quanto ao crime cometido:

Fui um canalha, um facínora, um monstro! Roubei-lhe a obra-prima, que tantos anos de fadiga lhe custara, obra que lhe era como deusa, sonho, El Dorado, o célebre livro “A Evolução da Raça”! Apossei-me da obra do amigo que morreu tranquilamente, confiando em mim... somente eu conhecia o manuscrito e fora eu o encarregado de levá-lo à editora. Seria uma obra que lhe honraria o nome. Mudei-lhe apenas o título colocando este: “A Evolução da Raça (DUBOIS, 1971, p. 26).

Que vergonha, doutor! A minha febre, a minha loucura, era ser autor de um livro e, como nunca pude escrevê-lo, roubei-o. Agora celebrado, elogiado pelos jornais, pelas academias de letras, por toda parte, vivo como dentro de um inferno, acossado por todos os espíritos diabólicos... Maldita inveja! Que farei doutor, que farei? Pensei no suicídio, mas temi a eternidade (DUBOIS, 1971, p. 26).

A obra fora roubada dias antes da morte desse amigo, e toda suspeita recaía sobre o acadêmico Henrique Dória, o enamorado de sua irmã Judite (DUBOIS, 1971, p. 26).

Dessa forma, a personagem faz do que seria uma consultoria advocatícia uma confissão e, ao mesmo tempo, um pedido de ajuda em face ao tormento espiritual vivido.

Essas narrativas tornam-se significativas quanto ao símbolo que essas duas personagens exercem. Rogério Acioli, de origem socialmente privilegiada, embora sem representar um referencial religioso na trama, é procurado pelo homem que, como sociólogo, não foi capaz de resistir a seus próprios impulsos egoístas, cometendo um delito que prejudicou toda a família da amada Diva Rezende.

Esse encontro não é uma mera assessoria advocatícia. Antes, é um pedido de socorro espiritual de alguém que admite estar absolutamente atormentado por sua consciência. Como advogado, representando o ideal de justiça, em vez de se utilizar dessa circunstância em seu favor e passar a incriminar o Sr. Evaristo Soares, Rogério não esboça nenhuma intenção vingativa; pelo contrário, age com misericórdia e benevolência, tornando-se tolerante, permitindo inclusive que seu cliente se torne inspiração em sua decisão de também ir à guerra. Sua atitude é oposta às atitudes de sua mãe, Dona Selma.

Toda religião que se estabelece com um discurso em nome da absoluta verdade em seus dogmas e tradições reproduz atitudes egoístas e intolerantes em relação às demais. Ao longo do romance, os diálogos entre o Sr. Evaristo Soares e Rogério Acioli se constituem um pedido de ajuda confidenciada em face a uma necessidade espiritual.

Ontem adormeci fatigado, depois de várias noites de insônia. Num sonho muito nítido, apareceu-me o amigo falecido e, com o semblante descarnado e cadavérico, tal como o vi pela última vez, em cujos olhos eu lia toda reprovação ao meu vergonhoso ato, falou-me: “Ingrato! Cobriste de falsidade e mentira, o teu próprio nome!” “Abri os olhos, espantados. O quarto estava deserto, a luz acesa, pois durmo de luz acesa” .... Ajude-me, Dr. Rogério! Prefiro o suicídio e o inferno a essa vergonha tremenda! (DUBOIS, 1971, p. 27).

Stela Câmara Dubois, longe de fazer do proselitismo um enfoque para a família evangélica tentar “converter” a família católica, utiliza-se de uma personagem com total



descaracterização religiosa, sem nenhum título de representação clerical, sem nenhuma aproximação com rituais de qualquer tradição de fé, sem o “evangeliquês” e os discursos pietistas, apenas com sua musicalidade pujante, para fazer dela a representação simbólica de uma voz de aproximação e esperança para todos pecadores estigmatizados. Nesse caso, o Sr. Evaristo Soares representa esse pecador.

Rogério se torna o elo de acolhimento e esperança em que vale a pena acreditar que o amanhã poderá ser diferente. É aqui em que o verdadeiro sentido do termo *evangelizomai*, transliteração da expressão grega “evangelho”, ocorre no romance.

A personagem de Evaristo Soares é alcançada pela autêntica expressão da mensagem do evangelho baseada na misericórdia e no perdão. Ela representa um sobrevivente dessa força capaz de perdoar e ajudar quem lhe causa prejuízos. Para o perdão vencer a vingança e o ódio, é necessário chegar a tolerância e abraçar tanto a vítima quanto o vitimizador. Nenhuma expressão de fé é maior que o amor representado na igualdade e dignidade entre as pessoas.

A tolerância de Rogério, longe dos traços maternos, serve para se buscar justiça, mesmo que tardia, em prol de Diva Rezende, sem expor o seu mais novo cliente. A ajuda que o Sr. Evaristo Soares necessita é mais que uma causa a ser defendida, é um erro que necessita de ser reparado sem a imposição de regras, juízos e punições peculiares ao arbítrio da religião. É um pedido de socorro de alguém que sabe o quanto errou, mas que não encontra forças para, sozinho, reparar os prejuízos causados e encontrar o alívio da culpa. Para isso, Rogério não mediu esforços. Conversa com sua irmã Judite e a convence a assumir o papel de benfeitora nos repasses financeiros oferecidos pelo Sr. Evaristo Soares em prol de Diva, dando outra versão ao episódio.

O senhor conhece a minha irmã adotiva, Judite, pela qual se enamorou o Sr. Henrique Dória? Ela emprestará o nome para doar à senhorinha Diva parte da grande herança em mesadas mensais, digamos, abrindo para ela uma caderneta na Caixa Econômica. Judite é rica, como o senhor sabe. A mãe deixou-lhe uma fortuna, acrescida da herança do tio padre, que há dois anos faleceu. São boas colegas de curso, muito unidas, e, julgo, isto se arranjará (DUBOIS, 1971, p. 29).

Seu plano também envolve apaziguar os ânimos do Sr. Henrique Dória, por quem pesa a suspeita de ter sido responsável pelo sumiço do livro e que, agora se sabe, foi o sr. Evaristo Soares: “Quanto ao boato acerca das más intenções do Sr. Henrique Dória, que nada mais é se não o vírus da vingança, tratarei de tudo para apaziguar, ajudando-o a atear o fogo da grande paixão por Judite. Compreende?” (DUBOIS, 1971, p. 29).

Até os homens e mulheres mais equilibrados e dignos ao exercerem a fé estão passivos de fracassarem. Nesses momentos, a tolerância faz surgir a crença nos recomeços. Diante do desespero, o Sr. Evaristo Soares sugere sua própria sentença, como se lhe restasse dignidade para se penitenciar.

(...) Tenho uma ideia, doutor. Serei um voluntário da Força Expedicionária Brasileira. Darei o resto de minha vida a uma obra de utilidade em favor da pátria. Batalhando esquecerei... Tenho quarenta anos, boa saúde, espero que me aceitem... que me diz amigo? (DUBOIS, 1971, p. 27).

(...) E se o senhor voltar com vida? Se a guerra não o devorar? Terá de enfrentar o problema depois (DUBOIS, 1971, p. 28).

Essa tentativa de o Sr. Evaristo Soares se punir como voluntário da guerra serve de inspiração para Rogério seguir o mesmo rumo, por sentir-se condenado a corresponder a um amor que não lhe pertence, casando com sua irmã adotiva Judite: “Alistei-me como voluntário das Forças Expedicionárias, e esta resolução me veio em vista de mamãe querer obrigar-me a casar com Judite, a quem não amo...” (DUBOIS, 1971, p. 61).

A guerra servirá como fuga em busca da paz interior tanto para o Sr. Evaristo Soares como para Rogério, unidos pelo sentimento de fuga e, ao mesmo tempo, pela justiça própria. A confiança, a guerra e a amizade são elementos convergentes entre eles.

Além da confiança e da guerra, outra razão que faz com que as personagens de Rogério e Evaristo Soares se apresentem como antagônicas e, ao mesmo tempo, próximas é a amizade que ambos nutrem por alguém injustiçado. O pai de Diva, o Sr. Álvaro Rezende, era o melhor amigo do Sr. Evaristo Soares e, mesmo assim, este fora capaz de lhe trair a confiança. Agora, Rogério, sabendo que o verdadeiro culpado pelo desaparecimento do livro do Sr. Álvaro Rezende não é seu amigo Henrique Dória, que ele ama sua irmã Judite, tenta reaproximá-los, enquanto aguarda a ocasião certa para declarar sua inocência: “Henrique é uma alma nobre. Devo-lhe uma soma incalculável de gratidão. Quase que diariamente me escrevia cartas descritivas, minuciosas. Apesar de tudo, Judite, desse seu aparente indiferentismo, ele ainda espera por você” (DUBOIS, 1971, p. 95).

Desta maneira, como Rogério teria de guardar o segredo do Sr. Evaristo Soares, ele também mantém discrição sobre o amor e a inocência de Henrique Dória, revelando à Judite apenas em seu retorno da guerra.

Acha você, Judite, que não devo simpatizar com o problema do Henrique? Se ele me confessou que é somente a você que ama, que somente com você se

casaria e com nenhuma outra, acha você que sou capaz de colocar-me entre os dois, destruindo assim a felicidade do meu amigo? (DUBOIS, 1971, p. 96).

A personagem Rogério torna-se mediadora entre o Sr. Evaristo Soares, Diva e Henrique Dória, e entre seu melhor amigo, sua mãe e irmã adotiva: “Pois saiba que mamãe não crê mais em semelhante farsa. Henrique já está legalmente livre, tanto mais que ele e eu conhecemos o autor do grande furto, e as providências serão tomadas no devido tempo” (DUBOIS, 1971, p. 96).

Com isso, estabelece-se mais uma relação de tolerância no enredo, ante a natural indiferença que seria de se esperar entre eles. O papel de acolher e ajudar quem prejudicou sua amada, torna Rogério um elo de restauração.

#### 4.2 CORRELAÇÕES ENTRE PERSONAGENS E ESPAÇO AUTOBIOGRÁFICO

Até o momento, os elementos representativos da tolerância religiosa, em nossa análise, encontram-se simbolizados nas personagens Diva Rezende e Rogério Acioli, com suas pertencas distintas, e também na superação dos diferentes temperamentos de Diva Resende e de Selma Acioli. Vê-se, ainda, esse mesmo viés de tolerância no entrelaçamento fraterno de Rogério e Evaristo Soares, com a ajuda espiritual oferecida. Finalmente, segue-se a análise das personagens Arnaldo Saboia e os pracinhas, nas representações com o espaço autobiográfico.

A escolha dessas duas últimas personagens mantém o foco no envolvimento com o ambiente da guerra. O personagem Arnaldo Saboia surge embarcado rumo à guerra, sendo amigo de Rogério, desde os tempos estudantis: “(...) mais adiante, o Arnaldo Saboia, rapaz de bons costumes, que estudara na mesma escola que Rogério e se tornara um de seus melhores amigos.” (DUBOIS, 1971, p. 66)

Esse reencontro a bordo serve de consolo para Rogério diante de sua tristeza face à recusa de Diva não corresponder seu amor. Ao contrário de Rogério, que é de família católica, Arnaldo é evangélico e eles possuem uma relação de cumplicidade.

Arnaldo procura encorajar o amigo: Não há lenitivo maior para o sofrimento que derivá-lo, isto é, pensar e fazer outra coisa. O derivativo é a fuga para a liberdade. Pensemos na guerra, amigo, uma vez que estamos nela. Esqueçamos tudo mais, porque a luta, só por si, é suficiente. Quando as batalhas terminarem ainda não será o fim (DUBOIS, 1971, p. 68).

As palavras de Arnaldo transmitem segurança e, ao mesmo tempo, espírito cooperativo. O personagem foge do proselitismo para persuadir os combatentes. Seus discursos trazem encorajamento e motivação tanto para Rogério quanto para a tropa: “A luta é para a estabilização da paz. Para isso, é preciso fé, ‘o tesouro dos tesouros’. Li, certa vez, que nada de belo, de grande, de durável, nada de humano se faz sem fé” (DUBOIS, 1971, p. 68).

Quando perguntado, por Rogério, por que era tão forte, Arnaldo responde: “...Eu, forte? A força não é minha...”, “... Os fortes são mansos. Os fortes não esbravejam. Os fortes silenciam. Os fortes oram. Os fortes esperam” (DUBOIS, 1971, p. 69).

Arnaldo exerce liderança frente a um pelotão e, assim como sua amizade com Rogério, age de maneira inclusiva para com os demais combatentes: “Arnaldo e Rogério estavam sempre juntos. Naquela tarde de nevoeiro denso, Rogério falou: ‘Colega, as suas palavras, naquela noite, tiveram sobre mim o efeito de um tônico revitalizador. Quero animar os outros, quero que se fortaleçam como eu me fortaleci’” (DUBOIS, 1971, p. 73).

A aproximação entre Arnaldo e Rogério leva o leitor a perceber que, em muitas circunstâncias da vida, a tradição religiosa individual é um detalhe capaz de unir pessoas diferentes. Essa foi uma das características encontradas na trajetória de Stela Câmara Dubois. Conforme já citado anteriormente na publicação do *Jornal Batista* em 1945, o texto abaixo é um exemplo de como o fazer educacional sob a orientação de Stela Câmara Dubois, frente ao Colégio Taylor-Egídio, não se baseava na convergência identitária religiosa de seus atores, mas sim em uma pedagogia da tolerância por meio do respeito e da inclusão.

É nesse ambiente plural que surgem as pracinhas, liderados por Arnaldo. Pode-se fazer a seguinte comparação: se no ambiente privado, Rogério agiu como mentor espiritual, aliviando o sofrimento do Sr. Evaristo Soares, Arnaldo, por sua vez, no ambiente público da guerra, representa “o pastor” ou o guia coletivo durante os combates. Essa intenção de Stela Câmara Dubois fica evidente na maneira como ela constrói a personagem de Arnaldo, com uma identidade evangélica, mas com um discurso motivacional e inclusivo para a tropa, mesmo se utilizando de referenciais bíblicos. Mas quem são os pracinhas? Quem eles representam?

Nos últimos dias de setembro de 1944, os pracinhas chegaram às docas pela estrada de ferro, no mais absoluto silêncio. Elegantes na farda verde oliva, formando filas extensas, levando às mãos a ficha de vacinação e a caderneta de identidade. Penduradas ao pescoço, as placas metálicas e, carregando às costas o saco de bagagem, vai subindo os pracinhas (DUBOIS, 1971, p. 65-66).

De acordo com as memórias retratadas no espaço autobiográfico, a figura dos pracinhas encontra-se associada aos símbolos de pluralidade das diversas pertenças com que Stela Câmara Dubois dialogava e interagia. A memória do seu pai José Paulino, que, além de militar, também era músico, inclusive reflete um simbolismo próximo a essa representação. Em seu fazer pedagógico, sua liderança entre os alunos se estabelecia em torno da inclusão e da musicalidade. Em todo o trajeto rumo à guerra, há músicas e diversidade entre os pracinhas. É nesse ambiente simbolizado ficcionalmente pela pluralidade dessas personagens que sua pedagogia em torno da tolerância religiosa se fortalecia. Sua formação e as lembranças musicais dos projetos desenvolvidos no Colégio Taylor-Egídio podem ter sido o ponto de partida para estes apresentarem familiaridade com a música e as artes: “Três dias de viagem, muito divertidos, com os ‘shows’ dos pracinhas, o teatro cômico, as orquestras de samba” (DUBOIS, 1971, p. 70).

Embora exercesse juntamente ao seu marido uma função de liderança espiritual na igreja batista em Jaguaquara, Stela Câmara Dubois permitiu-se conviver ao lado de pessoas com diferentes tradições religiosas, trazendo vários amigos católicos e maçons para trabalhar no Colégio Taylor-Egídio. Diferente de muitos, não fez de seu ambiente de trabalho uma espécie de gueto como extensão de sua tradição religiosa.

Lamenta-se a forma com que essa conduta em nossos dias ultrapassou os arrais da religião e chegou ao primeiro escalão do atual governo. É um desserviço ver a fé sendo usada como moeda de troca política para sustentar no poder vários atores usados em manifestações favoráveis ao fundamentalismo.

Nessa perspectiva, quando voltamos o olhar para a personagem do Arnaldo Saboia, vemo-lo exercendo uma liderança responsável por um pelotão. É o único personagem que possui um papel de liderança na representação simbólica da tradição evangélica. No entanto, se a história é sempre escrita pelo olhar dos vitoriosos, Stela Câmara Dubois escolhe um representante de sua própria confissão de fé para “fracassar” em sua missão de proteger seus liderados pelo viés da fé: “Arnaldo usa de toda a franqueza: Hoje a nossa patrulha terá a incumbência de uma perigosa missão e, como você sabe, sou eu o responsável” (DUBOIS, 1971, p. 73).

A liderança de Arnaldo não evita que o pelotão seja alvejado. Como “representante de Deus”, por meio de sua fé, evidencia-se a fragilidade que os tornam suscetíveis às mesmas desventuras. Naquela noite, Rogério, que teve o braço amputado, é um, entre muitos combatentes feridos.

As bombas explodiram quando eles já haviam cumprido a missão. O lema, naquele momento memorável, fora o Salmo do Bom Pastor, que Arnaldo tomara a iniciativa de ensinar aos companheiros. E, daí em diante, a oração do rei Davi florescia como lírio agreste nos lábios dos soldados: “O Senhor é meu pastor, nada me faltará”. Na madrugada do dia 11, começou o tiroteio, que durou sete longas horas (DUBOIS, 1971, p. 74).

Rogério, atingido por alguns estilhaços de granada, estava lavado de sangue, havendo perdido os sentidos. Foi necessário levá-lo numa padiola (DUBOIS, 1971, p. 75).

O que teria acontecido ante a liderança e a fé de Arnaldo? Como explicar que o pelotão fora atingido se eles estavam sob a proteção de Deus? O que falhou no “pastor” que nada deixa faltar aos seus? A sequência da narrativa descreve o episódio sem nenhuma preocupação de caracterizá-la sob o viés da fé.

(...) Cessada a batalha, a última ordem: Os soldados são transportem os feridos. As baixas foram, proporcionalmente, poucas: dez feridos e dois mortos... esse combate fora apenas o princípio, uma pequena partícula daquela vitória que, à custa de sangue, suor, lágrimas, sacrifício, renúncia e destemor, haveriam de ganhar um dia (DUBOIS, 1971, p. 75).

A reação da personagem de Arnaldo também não responde a nenhum dos questionamentos, apenas faz o leitor refletir que todos, independentemente de sua tradição religiosa, estão vulneráveis às mesmas circunstâncias. Por esse motivo, o forte apelo que a personagem exerce em torno da tolerância religiosa: “Contemplando o companheiro ferido, ainda em estado de choque, Arnaldo lamenta” (DUBOIS, 1971, p. 75).

Na obra *Lenço-Relíquia*, as personagens dos pracinhas constroem essa premissa, revelando que, ante a fatalidade e a desventura, ainda há espaço para amizades e fraternidade. Assim, sem mais nada dizer, a personagem de Arnaldo encerra sua participação no enredo frente ao pelotão dos pracinhas. Seu amigo Rogério, a quem ele tanto investiu para catequizar, encontra-se mutilado de um braço e nenhuma palavra de consolo ou explicação pelo viés da religião lhe é apresentada.

Para surpresa do leitor, Stela Câmara Dubois reservou uma última lição entre as personagens Arnaldo e Rogério. Após desaparecer do cenário da guerra, Arnaldo volta à cena, não interagindo com Rogério, mas em suas lembranças, em que, embora amputado, alegra-se em ver que Arnaldo está bem, atribuindo à sua liderança um valor para além do resultado imediato da fé.

(...) Veja se consegue descobrir o vulto que acaba de chegar... Rogério solta uma exclamação de alegria: É o Arnaldo! O companheiro de guerra! Como estou feliz em sabê-lo de volta! Foi o melhor amigo, o melhor conselheiro e o melhor protetor que tive. Jamais me esquecerei de seus conselhos, de suas palavras de estímulo (DUBOIS, 1971, p. 145).

A narrativa não fala que Rogério ou qualquer outro pracinha se converteram à fé evangélica de seu líder, o Arnaldo. Aliás, não existe em todo o livro linguagem proselitista que induza o leitor a acreditar que dias melhores virão sob a influência de alguma tradição religiosa – o que seria previsível em se tratando de uma publicação de cunho religioso. Porém colocar uma das principais personagens sendo catequizada por um representante da fé evangélica, e este sob ataque do inimigo, ser ferido e ter um braço amputado, é no mínimo curioso.

Ainda mais pelo fato de que as narrativas trazem o Salmo 23, um dos mais conhecidos oráculos bíblicos, símbolo da segurança divina, sendo repetido como uma espécie de mantra pelos soldados. É como se Stela Câmara Dubois construísse uma narrativa contrária ao que estava acontecendo entre católicos e evangélicos em torno da Segunda Guerra. Enquanto na ficção ocorria a vitória brasileira na Itália, sem hegemonia evangélica ou cristã; no Brasil, católicos e evangélicos disputavam espaço político e religioso, em clima de intolerância e desejo de poder.

Em *Lenço-Relíquia*, além da participação de militares de diversas tradições religiosas, não se privilegiam as razões da vitória à liderança evangélica ou, muito menos, a questões de ordem espirituais. Pelo contrário, o infortúnio alcança a todos. Isso é significativo no atual momento político de nossa sociedade. Se alguns ainda acreditam em um salvador da pátria, associando-o a um imaginário líder representante dos evangélicos, esse romance reacende uma fagulha de lucidez, mesmo que ficcional, para apelar para a sensatez necessária aos nossos dias.

#### 4.3 EVIDÊNCIAS DE TOLERÂNCIA RELIGIOSA

Como descrito no início do capítulo, a obra *Lenço-Relíquia* foi citada por Elter Dias Maciel (1988), na pesquisa sobre romances e textos ficcionais batistas. Mesmo com um outro olhar, “O Drama da Conversão: Análise da Ficção Batista” (MACIEL, 1988) torna-se referência ao enquadrar *Lenço-Relíquia* na categoria de um romance ficcional em seu estilo literário, embora o faça pelo viés pietista. As obras por ele analisadas foram: “Antes que caiam as estrelas”, de autoria de Myrtes Mathias, publicada em 1972; “Tríplice vitória do amor”, de autoria de Munguba Sobrinho, 1977; “Outro nome para Mara”, um romance publicado em

1970, de autoria de Êrnani de Souza Freitas. Todos os três lançados pela Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira.

A importância da pesquisa de Elter Dias Maciel (1988), na análise de *Lenço-Relíquia*, deve-se pelo estudo que é feito acerca da influência estrangeira na construção ideológica dos romances e das novelas batistas, reforçando os argumentos em torno da brasilidade das personagens construídas por Stela Câmara Dubois. Esses aspectos colocam as pesquisas de Stela Câmara Dubois em um movimento de aproximação e distanciamento que incentivam a continuidade das construções literárias em torno da tolerância e da religião. A análise de *Lenço-Relíquia*, sob o viés do espaço autobiográfico, representa um olhar diferente daquele pesquisado por Elter Dias Maciel. Isso, por sua vez, enriquece a discussão dos resultados quanto à tolerância religiosa. Dos elementos de sua pesquisa, são elencados o Individualismo Conservador, o Estrangeirismo, o Moralismo e a Conversão nas obras de ficção batista e como esses elementos estão ausentes como elementos constitutivos na construção das personagens de *Lenço-Relíquia*.

O Individualismo Conservador é a crença de que a redenção da sociedade opera através da salvação do indivíduo. Com essa premissa, os artigos, os sermões e a produção literária ficcional transmitiam a necessidade de a sociedade ser reformada e aprimorada por meio da transformação das pessoas individualmente. A missão dos missionários batistas era, por meio da educação e do proselitismo, protestanizar o Brasil para reformá-lo e consertá-lo.

Não só a questão da ênfase na salvação individual pode ser considerada como expressão religiosa do individualismo burguês, como também os compromissos atuais e as atitudes da grande maioria das congregações protestantes no Brasil levam a uma confirmação genérica esta ligação (MACIEL, 1988, p. 89).

Ainda segundo o mesmo autor, não havia grandes problemas entre evangélicos e católicos, após superados os desentendimentos decorrentes das leis que limitavam a propagação da fé dos não católicos.

(...) Seguramente se pode dizer que, após o questionamento inicial em relação a algumas leis arcaicas que, na colônia, no Império e até na república, prejudicavam a prática e o crescimento de outras religiões, sua atuação foi sempre de acatamento e reforço. Isto é, os pequenos conflitos existiram na medida em que a relação oficial, de fato, entre Estado e Igreja Católica prejudicavam os interesses dos missionários. Após a resolução desses problemas, e principalmente após 1930, não há questionamentos por parte das igrejas que atuam sem maiores problemas (MACIEL, 1988, p. 90).



Ao contrário disso, as pesquisas mostram que, de acordo com diversas publicações do *Jornal Batista* em 1945, perduravam demonstrações de intolerância entre católicos e evangélicos, que reclamavam da hegemonia política da igreja católica e dos diversos ataques à democracia e à liberdade religiosa na propagação da fé.

Embora o Individualismo Conservador possa se apresentar arraigado em muitas publicações batistas, em *Lenço-Relíquia* observa-se que, sob o recorte da guerra, várias personagens refletem a complexidade dos relacionamentos e conflitos causados pela diversidade. Longe de simplificar as relações humanas, evidencia-se, nos distanciamentos e nas aproximações de suas personagens, a convivência possível, embora antagônica e oponente, dos diferentes, tal qual a vida se apresenta.

Seja no contexto social, econômico ou religioso, o enredo faz sobressair vários elementos da tolerância, com viés religioso, unindo desiguais. Não há entre suas personagens comportamentos atribuídos a crenças ou valores morais em seus resultados práticos. Não é por serem de realidades sociais ou pertenças distintas que as famílias e seus filhos não se unam na simbologia da espiritualidade representada pelo casamento, o que fica evidenciado no final do livro.

Eles se recordavam, com prazer, que Judite e Henrique lhes deram as mãos de parceria no idealismo altiloquente de ajudar a promover o nível social do pós-guerra. Iriam batalhar pela paz. Suas trincheiras seriam vilas operárias, creches, ambulatórios, enfim, a proteção aos sofredores até o máximo de suas possibilidades. Depois da luta sangrenta e animalésca,urgia que a mocidade se dispusesse a enfrentar agora outra guerra, mais renhida: a do ajustamento social (DUBOIS, 1971, p. 143-144).

Outra observação de Elter Dias é quanto à falta de contextualização histórica e à ausência de crítica das personagens em relação à ordem social contemporânea.

(...) Os problemas encontrados na trama são sempre os mesmos que aparecem em todas as outras obras, e a contextualização histórica é praticamente inexistente... O que tudo isso evidencia é a despreocupação com a ordem social que, em perspectiva pietista, sempre implicou a aceitação da ordem burguesa que se impunha quando de sua origem (MACIEL, 1988, p. 91-92).

Mas, ao contrário dessa perspectiva, as personagens em *Lenço-Relíquia* transitam entre mundos e realidades antagônicas como denúncia às desigualdades sociais.

O mesmo ocorre na relação entre o Sr. Evaristo Soares e Rogério. O Sr. Evaristo Soares não se arrepende do delito cometido por causa de alguma influência religiosa. Sua angústia é

movida pela incapacidade de se livrar da culpa e vergonha, que geram dor e desespero. Rogério, por sua vez, acolhe-o e o ajuda não por convicções religiosas ou por valores morais. O pragmatismo e a perspicácia o conduzem como advogado a assumir a mediação reparatória entre o criminoso e a vítima, garantindo total sigilo e presunção da inocência ao Sr. Evaristo Soares. Tudo isso sabendo que sua amada Diva Rezende poderia não aceitar sua convivência e acolhimento ao culpado. Sua decisão de ir à guerra também representa uma espécie de fuga igualmente identificada com a sugestão do Sr. Evaristo Soares.

Em relação à vitória brasileira na guerra, os detalhes da liderança espiritual de Arnaldo, frente aos pracinhas, apontam para a representação da diversidade tanto cultural como religiosa. Sua fé e catequese não livraram ninguém do ataque do inimigo. Seu amigo Rogério ficou mutilado e não abraçou a fé. Mas os leitores não se tornam influenciados por um discurso proselitista de um lado ou beligerante do outro. Rogério e Arnaldo continuam sendo amigos.

A guerra foi vencida por todos e não apenas pelos evangélicos. O reconhecimento da tradição religiosa do outro se manifesta quando nossas convicções acolhem outras possibilidades de fé. Quando não há privilégio para discursos de um único segmento religioso, abrem-se as portas para a tolerância chegar e fazer morada. Essas características vão na contramão do conceito de um Individualismo Conservador como elemento constituinte das personagens em *Lenço-Relíquia*. O espaço autobiográfico retratado nas memórias de Stela Câmara Dubois acentua, em sua estratégia narrativa, a construção de suas personagens, o engajamento e a pedagogia em torno da tolerância religiosa.

As pesquisas sobre sua pedagogia, musicalidade e literatura encontram-se documentadas no Colégio Taylor-Egídio, tanto na inclusão de outras tradições religiosas e cultura popular, quanto no trabalho de vários professores católicos e maçons dentro e fora do Colégio Taylor-Egídio. A influência dessa tolerância arrebanhou simpatizantes de várias matizes e se estendeu pela sociedade de Jaguaquara e municípios vizinhos, como consequência de seu engajamento em prol da defesa e da promoção da diversidade das manifestações culturais para além daquelas de interesse dos batistas de sua época.

Talvez, por isso, Stela Câmara Dubois obteve mais reconhecimento literário do público não evangélico – fato comum aos que se entregam à opção de palmilhar os entrelugares e as fronteiras para investigar e conhecer a cultura e a fé do outro.

Outro elemento que constitui a criação das personagens na ficção batista na ótica de Elter Dias Maciel é o Estrangeirismo. Esse elemento evidencia que, nos esforços missionários para fora dos Estados Unidos, os americanos trouxeram sua cultura em forma de vestimentas, instrumentos, hinários e cosmovisão da fé. Com isso, não conseguiram se colocar culturalmente

na perspectiva dos brasileiros. Esse Estrangeirismo torna-se alvo de sérias divergências entre os batistas por causa do domínio estrangeiro exercido no Brasil pelos norte-americanos.

Segundo Elter Dias, o problema focado entre os batistas, quanto a suas publicações influenciadas pelo pietismo, é a permanência do enfoque no modo de pensar e agir dos batistas no que concerne os modelos estrangeiros importados. Para ele, “com esses elementos entrelaçados, a condenação do pecado implicava, na maioria das vezes, a condenação da própria sociedade brasileira” (MACIEL, 1988, pp. 87-88).

Na obra *Lenço-Relíquia*, tanto as narrativas quanto suas personagens resgatam a linguagem, a religiosidade, a música, a culinária, a geografia, os lugares e as cidades da Bahia, de Pernambuco e do Rio de Janeiro. A brasilidade da obra nas representações culturais reflete o olhar de uma nordestina escrevendo para brasileiros.

Stela Câmara Dubois constrói suas personagens baseando-se em suas memórias e relacionamentos entre atores nacionais. A obra tem, como pano de fundo, os conflitos de ordem social, política e religiosa, envolvendo duas famílias com pertencas distintas, desafiadas pela tolerância a desenvolverem relacionamentos possíveis. Suas principais personagens estão diretamente envolvidas na Segunda Guerra e são marcadas por uma narrativa de representação geográfica, cultural e linguística brasileira e temporal; ou seja, ao leitor é apresentado um enredo com personagens com sotaques, vivências e representações da cultura brasileira, tanto nas cenas quanto na cronologia das narrativas. Tudo se baseando em situações de verossimilhança com o cenário social do Brasil e as memórias da autora. As músicas folclóricas, as danças e a religiosidade rompem com os estereótipos estrangeiros comuns ao contexto batista da época.

Os detalhes das cenas em que os pracinhas são descritos utilizam palavras e linguagem que os identifica com a região Nordeste, principalmente a Bahia. Não se nega a influência estrangeira na literatura batista, como afirma Elter Dias Maciel. Contudo, dois aspectos explicam uma possível ruptura dessa influência. Primeiro, o fato de Stela Câmara Dubois ter sido a primeira mulher brasileira a dirigir o primeiro colégio batista no Brasil, iniciando em 1937 e se estendendo por mais de cinquenta anos. Isso também reforça a tese de que suas opções contrárias ao sectarismo religioso da época, optando pela convivência com professores católicos e maçons, custou-lhe a invisibilidade literária e a ausência de projeção entre os próprios batistas, ao passo que recebe o reconhecimento da sociedade de Jaguaquara e em especial da maçonaria. Segundo, a construção de personagens com identidades e expressões impregnadas de culturas e tradições religiosas e características do povo brasileiro. A

verossimilhança evidenciada no diálogo com diversas pertenças aparece em outros elementos extratextuais, como exemplificado no romance *Corina*.

Essa possibilidade de basear uma ruptura na influência do Estrangeirismo, na literatura ficcional batista, torna-se uma releitura da visão de Elter Dias Maciel.

Outro elemento citado por ele é o Moralismo. Em sua concepção, os textos ficcionais batistas possuem a premissa de que:

Os líderes católicos e párocos, souberam conviver com outras formas e expressões de religiosidade popular. Ao contrário, o protestantismo pietista condenou abertamente todas as outras religiosidades. Será exaustivo separar e quantificar os intermináveis ataques, que, nos textos, representam essa condenação (MACIEL, 1988, p. 88).

Para além desse olhar, percebem-se a inclusão e o diálogo com os símbolos de outras pertenças como mensagem central entre as personagens de *Lenço-Relíquia*. Sob a influência da sua trajetória, como já explicitamos, Stela Câmara Dubois desenvolveu o espaço autobiográfico de suas memórias como estratégia narrativa na construção de suas personagens.

Na concepção eliana, o moralismo pietista se encarregou de propagar a necessidade da separação dos batistas da sociedade pecadora, colocando, em seu lugar, o ambiente da igreja como substitutivo seguro diante das opções mundanas de diversão e entretenimento para os jovens evangélicos.

Os textos refletem a condenação explícita às diferentes formas de diversão e descanso que caracterizam o comportamento de grande parte da população brasileira, o que implica o afastamento maior e a necessidade de procurar substitutos protestantizados para suprir as lacunas ocasionadas pelas suas proibições (MACIEL, 1988, p.73).

Acontece que, contrariando esse pensamento, todas as cenas de músicas, cânticos, bailes e festas dançantes retratadas em *Lenço-Relíquia* acontecem fora de ambiente simbólico de fé e de contexto religioso. As narrativas não apresentam templos, cânticos evangélicos, hinos ou cerimônias em ambientes religiosos. Pelo contrário, as festas, danças e músicas ocorrem nas casas, nos teatros e a bordo do navio, com a tropa, com destino à guerra.

Esses contrapontos apresentam-se para além da influência pietista nas obras de ficção batista, um olhar de complementaridade nos discursos em que a abordagem da tolerância religiosa é retratada na obra *Lenço-Relíquia*. Pelas memórias autobiográficas de Stela Câmara Dubois, elas tornam-se constitutivas na criação de suas personagens e de seu estilo literário.

Ainda exemplificando a presença do Moralismo na construção das personagens nas obras analisadas, Elter Dias Maciel afirma que os batistas pautaram sua ética entre o certo e o errado. Segundo ele:

Os batistas, mais do que qualquer outro grupo pietista, limitaram a área do pecado ao detectá-lo em tantas e tão diversificadas atividades. Ao definir com rigidez o comportamento possível de seus fiéis, ao traçar com rigor as linhas que separam as atitudes corretas, perderam gradativamente a visão crítica em seu sentido mais amplo (MACIEL, 1988, p.74).

Em outro trecho, ele afirma que a própria elaboração das personagens não condiz com a percepção humana em seus comportamentos e no enredo em si. “A separação rigorosa entre mundo e igreja vai resultar em uma elaboração de trama e personagens inverossímeis. A inexistência de ambiguidades e a redução do drama humano a questões de comportamento transformam indivíduos em simulacros grotescos e irreais” (MACIEL, 1988, p.75).

O último elemento citado como constitutivo nas obras de ficção Batista é a Conversão. Segundo Elter Dias, “(...) a conversão está presente no cotidiano das denominações protestantes brasileiras através de um sem número de atividades e pronunciamentos, quase todos dramáticos e que diferem pouco de uma denominação para outra” (MACIEL, 1988, p. 23).

Esse importante elemento se estabelece caracterizado no fazer missionário das religiões monoteístas e nas denominações protestantes. Boa parte das obras analisadas por Elter Dias transmite, através de suas personagens, uma mensagem de conversão. Os exemplos, por ele citados, seguem apresentando discursos proselitistas, demonstrando este elemento como desdobramento das práticas religiosas. Ao comparar a produção ficcional batista com os discursos das personagens, mostra-se, em sua análise, que a Conversão se apresenta como elemento-chave, juntamente com os elementos citados anteriormente.

Uma vez que a conversão é central na concepção pietista, a maioria de suas “novelas” e “romances” a tem como tema, na verdade como seu único enredo. Ora tratando da adesão de um “perdido”, de um “pagão”, de alguém que “não conhecia o evangelho”, ora tratando das reconversões quando relacionadas com crentes “carnais” ou “frios” (MACIEL, 1988, p. 51).

No enredo de *Lenço-Relíquia*, o tema Conversão é completamente ausente, como já dissemos anteriormente. Sendo a tolerância religiosa um vínculo entre as personagens, tal discurso não aparece.

Por último, precisa-se afirmar que as memórias autobiográficas de Stela Câmara Dubois se tornam lentes que, juntamente às experiências do leitor, emergem a centralidade da tolerância

religiosa. Esse viés hermenêutico se estabelece como um dos muitos caminhos palmilhados pela crítica literária. Nas pesquisas de Elter Dias Maciel, há exemplos de narrativas que apontam para a invisibilidade dos corpos na construção dos enredos sob o viés pietista. Vê-se, nesse mesmo elemento, a necessidade de que os corpos das personagens adquiram significado na expressão das diversas tradições religiosas. O domínio do corpo, sobretudo dos corpos femininos, continua sendo instrumento de controle social e ideológico. O enredo de *Lenço-Relíquia*, com tantas narrativas e expressões musicais, explora pouquíssimo essa realidade tão natural e espontânea da humanidade. Os detalhes limitam-se a descrições dos vestidos e das roupas das personagens, apontando para as mãos e os olhos como representação do estado emocional.

(...) Diva percorre os dedos pelo teclado e arranca os acordes (DUBOIS, 1971, p. 11).

(...) Os olhos verdes de Judite enegrecem com a dilatação das pupilas (DUBOIS, 1971, p. 16).

(...) D. Selma, que sabe enfeitiçar as pessoas com os ademanos artificiais, aduça a voz e faz das mãos duas plumas envolventes (DUBOIS, 1971, p. 16).

(...) A moça passeia, absorta, apertando as mãos” (DUBOIS, 1971, p. 21).

(...) Sim, parece-me, vejo a linha desse destino na palma da mão direita (DUBOIS, 1971, p. 22).

(...) Rogério cruza os braços, apoiando-se à mesa (DUBOIS, 1971, p. 27).

(...) Estava adorável no harmonioso conjunto rosa-chá. Talvez a mais graciosa e atraente, porque simples e natural, no seu trajar discreto e apurado (DUBOIS, 1971, p. 40).

(...) D. Cacilda, apertando-lhe a mão, apenas sorri (DUBOIS, 1971, p. 43).

(...) A moça tem lágrimas nos olhos, lágrimas na voz, e ela toda parece a lágrima da virgem dolorosa (DUBOIS, 1971, p. 58)

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos um tempo propício para a reflexão em torno das diversidades religiosas na sociedade brasileira. Além das consequências irreparáveis das vidas perdidas na pandemia, acrescentam-se as desastrosas influências e os prejuízos decorrentes dos discursos de ódio e intolerância no cenário político. Haveremos de reconhecer que o “campo de batalha”, assim como no enredo *Lenço-Relíquia*, continua sendo tanto político quanto religioso? Essa guerra declarada só será vencida à medida que nos convenceremos de que nenhuma sociedade se torna vitoriosa diante do preconceito e da discriminação. Primeiramente, afirmamos que a liberdade e a tolerância religiosa requerem continuidade de pesquisas com aprofundamento na produção literária e artística.

Se o impacto de diferentes tradições religiosas influencia no comportamento dos indivíduos, imergindo contínua e cotidianamente na intervenção pedagógica, a análise da experiência religiosa simbolizada pelas personagens em *Lenço-Relíquia* traz, pelo viés hermenêutico do espaço autobiográfico, indícios de práticas pedagógicas em prol da tolerância religiosa. Mas quantos protagonistas dessa reflexão continuarão à margem da história em sua invisibilidade literária? Como a primeira mulher brasileira a dirigir a mais antiga escola batista nacional, as práticas desenvolvidas por Stela Câmara Dubois representam, para as pesquisas sobre literatura e religião, um campo vasto de investigação sobre a formação cultural e sua influência no fenômeno religioso brasileiro. Ressalta-se a necessidade de que outras pesquisas investiguem seus textos, suas músicas e suas peças teatrais não publicadas e como se estabeleceu uma pedagogia em prol da tolerância na primeira escola confessional brasileira.

Vivemos um tempo em que os retratos e memórias autobiográficas se incorporaram ao dia a dia das pessoas através das redes sociais. Essa linguagem não requer contextualização devido à sua contemporaneidade. Da mesma forma, os símbolos da religião encontram-se no comércio, nas artes, na música, na literatura, nos nomes de ruas, praças e avenidas e, principalmente, nas manifestações da cultura popular. O romance *Lenço-Relíquia* se apresenta permeado da característica cujo movimento narrativo se realiza por meio de aproximações e distanciamentos entre personagens diferentes ou mesmo opostos. Após percorrermos evidências de que Stela Câmara Dubois, utilizando suas memórias, escreveu um enredo que trouxe como estratégia narrativa o diálogo entre personagens divergentes, faz-se necessário contextualizar o significado dessa intenção, lançando algumas perspectivas em torno da tolerância religiosa na educação formal e na sociedade como um todo.

As intervenções pedagógicas em prol da tolerância religiosa, na trajetória documentada de Stela no Colégio Batista Taylor-Egídio, alcançaram diversos atores envolvidos no processo educacional até às salas de aula, reverberando naturalmente por meio do diálogo e do respeito em toda a sociedade de Jaguaquara-BA. Quando há aceitação para com a religião do outro, também se percebe seu pertencimento e significado. Conhecer e se aproximar da cultura e das crenças torna humana a fé do outro, inclusive aceitando aqueles e aquelas que afirmam crer em nada. Demoniza-se menos quando se conhece mais a cultura, os símbolos e os rituais religiosos. Isso é simbolicamente apresentado no enredo de *Lenço-Relíquia*.

Sabe-se, porém, que, por trás da realidade cultural, existem uma ideologia e uma agenda política diretamente ligada à educação e às escolas. Em se tratando da tolerância religiosa, ela alcança crianças e adolescentes pelo viés do componente curricular do Ensino Religioso. Embora esse tema não seja objeto de nossa pesquisa, observa-se, na formação artística e musical de Stela Câmara Dubois, um diferencial que contribui para seu engajamento no exercício da tolerância, oferecendo uma leitura, evidenciada em suas personagens, de uma abordagem epistemológica do pluralismo religioso. Essa influência no engajamento de toda sociedade se mantém constante à medida que a representação política popular também está engajada contra discursos de ódio e fundamentalismos.

Outro aspecto constatado é que um longo caminho ainda se estabelecerá no desenvolvimento das pesquisas em torno das memórias autobiográficas no Brasil, conforme retratado nos diversos Congresso Internacionais de Pesquisas Autobiográficas (CIPA). Essa caminhada torna-se importante à proporção que os atores envolvidos no fazer pedagógico e literário e na própria Ciência da Religião participam da apresentação de estudos de casos, pesquisas de iniciativas e engajamentos em prol da tolerância religiosa, sendo retratados em músicas, filmes e teatro. A continuidade desse envolvimento se manterá ao passo que a pauta da tolerância religiosa permaneça na agenda das escolas e dos centros de pesquisas. Esse legado inclusivo do movimento pedagógico de Stela Câmara Dubois em torno da tolerância atravessou mais de um século e permanece vivo nas culminâncias dos projetos desenvolvidos no Colégio Batista Taylor-Egídio, conforme narrado por René Dubois, em 2018. A musicalidade africana e suas influências na cultura popular permanecem presentes como instrumento de inclusão e acolhimento.

No exemplo das diversas pertencas entre católicos e maçons no Colégio Batista Taylor-Egídio, emerge um resgate que aponta o caminho da alteridade e do respeito às diversidades religiosas, contrapondo-se com os discursos intolerantes retratados nas publicações do *Jornal Batista* da época. Esse olhar para a indústria do entretenimento, por meio das artes, músicas e



literatura, sinaliza a possibilidade da inserção da tolerância religiosa como elemento engajador que contextualiza os diversos movimentos já existentes na literatura em 2012, como a criação da Feira Literária Internacional Cristã (FLIC), e na dramaturgia em 2013, como a formação do FICC (Festival Internacional de Cinema Cristão).

Mas qual o método mais adequado para a implementação da tolerância religiosa? Partindo da premissa de que o conceito de fraternidade exigiria que o amor ao próximo se mantivesse como base no conceito de tolerância. Ao dogma cristão, acreditou-se que, pelo crivo da Igreja Católica Romana, essa fraternidade desembocaria na conversão dos povos colonizados. Desse modo, o ideal universal de fraternidade ficou reduzido ao conceito de igualdade, tendo como parâmetro a identidade cristã católica e fazendo surgir mais violências e guerras (CARDOSO, 2003).

Para pensarmos sobre o aspecto formal do ensino da tolerância religiosa, partimos do conteúdo proposto no Ensino Religioso nas escolas públicas estaduais. Embora a matrícula nesse componente curricular não seja obrigatória, sua oferta busca fomentar a importância dos valores que atravessam todas as tradições religiosas. A religião representa um conjunto de sentidos que norteiam o comportamento dos indivíduos. As tradições religiosas transmitem valores, que possuem uma dimensão pedagógica. Sendo assim, o ensino de religião requer que professores e professoras, em suas práticas pedagógicas, implementem a pluralidade religiosa nos temas transversais que envolvem a cultura da religiosidade brasileira, distanciando o proselitismo e os discursos influenciados em prol da manutenção da hegemonia religiosa vigente.

A luta dos simpatizantes da “escola sem partido” se estabelece como um entre diversos discursos em defesa de uma pseudoneutralidade ideológica, alimentando a ideologia de que as famílias decidem qual confissão religiosa se manterá em sala de aula. O equívoco se dá na interpretação de que tamanha oposição à pluralidade de pensamentos, crenças, ideologias e religiões representará a defesa de uma sociedade mais humana, igualitária e justa. Enquanto a maior contribuição da educação for não gerar indivíduos capazes de se aproximar, aprender e conviver com a diversidade, a tolerância religiosa não alcançará seu maior objetivo.

Esse movimento cristianizador efetuado por católicos e evangélicos se encontra em pleno vigor, alimentado amplamente pelo viés político. As representações religiosas ocupam variadas influências na manutenção da hegemonia colonial de outrora. As religiões minoritárias, longe de ocuparem espaços de poder, permanecem à margem em seus direitos e em suas representações.

A releitura de *Lenço-Relíquia* se estabelece contrária a essa percepção, aplicando-se a centralidade da interação entre a diversidade das suas personagens. Os movimentos de aproximações e afastamentos se estabelecem fora do ideário da influência hegemônica política, retratando o respeito e a alteridade entre os desiguais. Tolerar passa a ser uma convivência que não desfaz as diferenças, mas acentua, na aproximação da diversidade, uma experiência *sine qua non* para a vivência da tolerância. Sua prática se efetiva na inclusão e no respeito da diversidade a partir da exposição narrativa e literária dessa inclusão.

Enquanto a concepção eurocêntrica de humanidade estabeleceu uma suposta supremacia cultural de racionalidade, o etnocentrismo reduziu a razão ocidental como modelo único em que a tolerância religiosa se realizava pela ação cruel do colonizador. Com essa concepção, fracassa a universalidade do conceito de humanidade (CARDOSO, 2003).

Diferente dessa perspectiva, com a brasilidade exposta em *Lenço-Relíquia*, Stela Câmara Dubois, ao mesmo tempo que escancara nossa cultura e diversidade religiosa, também rompe com os símbolos da cultura estrangeira, enunciada nos discursos trazidos pelos missionários batistas americanos. A linguagem, como importante elemento de inclusão, torna-se explorada nas diversas estratégias narrativas de suas personagens. Tudo isso é feito trazendo a inserção da religiosidade e da cultura popular brasileira.

A tríade fé, arte e cultura, encontrada nos documentos e nas produções do Colégio Batista Taylor-Egídio, como já afirmado, não aparece nas publicações do *Jornal Batista* em forma de notícias ou divulgação de seus eventos ou programações. Isso pode ser um indício de que, no Colégio Batista Taylor-Egídio, havia uma espécie de movimento pedagógico em prol do diálogo e da aproximação com outras pertencas, aspecto este que não interessava à liderança nacional dos batistas por questões ideológicas.

Por essa razão, quando defendemos os valores de liberdade, respeito às diferenças culturais e convivência pacífica, estamos nos referindo à tolerância em sentido positivo e rejeitando atitudes de preconceitos e todas as formas de exclusão do diferente que constituem a intolerância em sentido negativo (CARDOSO, 2003). Reconhece-se, porém, que, para além desses desafios, há de se continuar as pesquisas sobre tolerância religiosa e produção de conteúdos literários, musicais e performáticos, que pretendam avançar no estabelecimento de práticas docentes inclusivas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Rute Salviano. **Vozes femininas no início do protestantismo brasileiro: escravidão, império, religião e papel feminino**. Rio de Janeiro: Hagnos, 2014.
- AMAZONAS, Maurício. **Os limites da Tolerância e a força do Evangelho**. Recife: Bagaço, 2018.
- ANDRADE, Daria Gláucia Vaz. **Colégio Taylor-Egídio, 100 anos**. Salvador: ArtGráfica, 1988.
- ARAGÃO, Gilbraz; VICENTE, Mariano (Org.). **Desafios dos fundamentalismos**. 1ed. Recife: Observatório Transdisciplinar das Religiões no Recife, 2020.
- BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BRASIL, Luiz Antônio de Assis. **Escrever Ficção: Um manual de criação literária**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- CALVANI, C. E. B. “Religião e MPB: um dueto em busca de afinação.” In: **Revista Eletrônica Correlato**, [S.l.], v. 14, n. 18, 2015.
- CARDOSO, Clodoaldo Meneguello. **Tolerância e seus limites**. São Paulo: UNESP, 2003.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2006.
- CHIZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1995.
- CRABTREE, A. R. **História dos batistas no Brasil até 1906**. Edição 2. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1962.
- DUBOIS, Stela Câmara. **Corina**. Rio de Janeiro: JUERP, 1987.
- DUBOIS, Stela Câmara. **Lenço-Relíquia**. Rio de Janeiro: JUERP, 1971.
- ECO, Umberto. **“Em narrativas”**. São Paulo: Universidade de Sorocaba, 2017.
- Folha de São Paulo**, São Paulo, 16 fev. 2022.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.
- HINOLOGIA CRISTÃ. **Stela Dubois**. Disponível em: <https://www.hinologia.org/stela-dubois/>. Acesso em: 22 de abr. 2022.
- ICHTER, B. H. **Vultos da música evangélica no Brasil**, [S.l.: s.n.].
- Jornal Batista**, Rio de Janeiro, Ano XLV, 1945.

KWOK, Pui-lan. **Globalização, gênero e construção da paz: o futuro do diálogo interfé.** São Paulo: Edições Paulus, 2015.

LAPLANTINE, F. **O que é imaginário.** São Paulo: Brasiliense, 1997.

LEJEUNE, P. O pacto autobiográfico. In: **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet.** Organização de NORONHA, J. M. G. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

LOCKE, J. **Carta acerca da tolerância.** São Paulo: Abril Cultural, 1973.

MACIEL, Elter Dias. **O drama da conversão: análise da ficção batista.** Rio de Janeiro: CEDI, 1988.

MARTÍN-BARBERO, J. **Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura.** São Paulo: Edições Loyola, 2004.

PURIM, Reynaldo. “Autoridade na Religião Cristã”. **Jornal Batista**, Rio de Janeiro, 1945

RECURSO ONLINE. Disponível em: <http://www.conservatorio.pe.gov.br/historico//>. Acesso em 10 fev. 2022.

RECURSO ONLINE. Disponível em: <https://www.festivaldecinemaficc.com/>. Acesso em 20 fev. 2021.

RIBEIRO, Claudio Oliveira *et al.* (org). **Dicionário do Pluralismo Religioso.** São Paulo: Editora Recriar, 2020.

ROSA, Armando Barreto. **Carlos Dubois, o artista da palavra.** Salvador: Editora Dacosta, 2000.

UNESCO. **Declaração de princípios sobre a Tolerância.** Brasília: UNESCO, 1995.

VILAIN, P. **L'Autofiction en théorie.** Paris: Les Éditions de la Transparence, 2009.

## ANEXO A

Cena que retrata o capítulo 8º do livro, “O Brasil vai à guerra”

“A Força Expedicionária Brasileira prepara-se, garbosa, para partir. Todos os estados do Brasil são representados por uma grandiosa mocidade, de que se orgulha da terra dadivosa do Cruzeiro do Sul. A Bahia deu grande número de voluntários, entre os quais figura popular e querido advogado, Dr. Rogério Saldanha Acioli.... Nos últimos dias de setembro de 1944, os pracinhas chegaram às docas, pela estrada de ferro, no mais absoluto silêncio. Elegantes na farda verde-oliva, formando filas extensas, levando às mãos a ficha de vacinação e a caderneta de identidade, penduradas ao pescoço as placas metálicas e carregando às costas o saco de bagagem, vão subindo os pracinhas” (p. 65,66).



ANEXO B

Em 11 de janeiro de 1945, publicou-se, na edição Ano XLV, página 03, um artigo de autoria de Ebenézer Gomes Cavalcanti, intitulado "Preconceito Antiprotestante no Brasil".



O JORNAL BATISTA

O Problema das Instituições

A administração de instituições religiosas não pode ser administrada da maneira pela qual se administra as instituições seculares. Estas, porém, por consequência, determinam-se por sua natureza. Não se trata de instituições religiosas, mas de instituições seculares. São os responsáveis pelas instituições seculares os seus administradores. Não se trata de instituições religiosas, mas de instituições seculares. São os responsáveis pelas instituições seculares os seus administradores. Não se trata de instituições religiosas, mas de instituições seculares. São os responsáveis pelas instituições seculares os seus administradores.

A Família Número Um dos Oficiais do Exército e Marinha na América

É constituinte pelas suas famílias. Há famílias que são boas famílias, mas há famílias que são más famílias. Há famílias que são boas famílias, mas há famílias que são más famílias. Há famílias que são boas famílias, mas há famílias que são más famílias. Há famílias que são boas famílias, mas há famílias que são más famílias.

PRECONCEITO ANTI-PROTESTANTE NO BRASIL

A existência desse preconceito não tem sido devidamente considerada pelos grupos evangélicos que operam no Brasil. Xé no entanto é um dos fatores mais poderosos no sentido de impedir o desenvolvimento do trabalho do Evangelho no Brasil. Há muitos preconceitos, mas este é o mais poderoso. Há muitos preconceitos, mas este é o mais poderoso. Há muitos preconceitos, mas este é o mais poderoso.

Pontos Salientes do Cristianismo

O ponto saliente do Cristianismo é a salvação cristã. A salvação cristã não é arbitrária, não é nenhuma processo mecânico de tirar o homem da sua condição atual. A salvação cristã não é arbitrária, não é nenhuma processo mecânico de tirar o homem da sua condição atual. A salvação cristã não é arbitrária, não é nenhuma processo mecânico de tirar o homem da sua condição atual.

Um Batista no Supremo Tribunal do Canadá

Deverá atuar neste tribunal no Supremo Tribunal do Canadá. Deverá atuar neste tribunal no Supremo Tribunal do Canadá. Deverá atuar neste tribunal no Supremo Tribunal do Canadá. Deverá atuar neste tribunal no Supremo Tribunal do Canadá.

Pontos Salientes do Cristianismo

O ponto saliente do Cristianismo é a salvação cristã. A salvação cristã não é arbitrária, não é nenhuma processo mecânico de tirar o homem da sua condição atual. A salvação cristã não é arbitrária, não é nenhuma processo mecânico de tirar o homem da sua condição atual. A salvação cristã não é arbitrária, não é nenhuma processo mecânico de tirar o homem da sua condição atual.



ANEXO D

A edição de 12 de abril de 1945, trouxe, na edição Ano XLV, página 15, um artigo intitulado "Propaganda do Unionismo Eclesiástico no Tempo de Guerra".

# O JORNAL BATISTA

SEMANARIO NOTICIOSO E DOUTRINARIO  
ORGAO DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA

Diretor-Editor — Moisés Sclavis  
Redator-Jornalista — Theodoro R. Teixeira  
Colaboradores Diversos

Rio de Janeiro, 12 de abril de 1945

Ano XLV      Rio de Janeiro, 12 de abril de 1945      Nº. 15

Redação — R. Paula Fernandes 21, Tel. 25-7031  
Endereço postal — Caixa 220 (ou 202)  
Endereço telegrafico — "BATISTAS".

---

De um editorial, publicado no jornal norte-americano, "The Watchman-Examiner", de 11 de janeiro de 1945, cujo título "Universal Military Training", que revela o sentimento e a reação de muitos americanos contra a idéia de se estabelecer novamente a instituição de lei de serviço militar obrigatório, extraiamos o seguinte resumo:

Certamente, grandes interesses estão felizes para que seja aprovada no novo Congresso o Atto de Treinamento Militar Universal, estabelecendo serviço militar obrigatório para jovens de 18 a 21 anos. Por várias razões não deve ser impedi-do de ser patrocinado de uma legislação, com o tempo de paz, semelhante medida nunca passara. Fariam, portanto, uma companhia de se aproveitar a ausência de guerra no país para trazer de volta a guerra, visando os anos de paz.

A aprovação do projeto em questão dependerá de opinião pública. Os senhores devem manifestar-se imediatamente e subseqüentemente contra a sua aprovação. Por correspondência e telegramas devem eles manifestar a sua opinião pública aos seus representantes no Senado e na Câmara dos Deputados. A opinião pública contra o serviço militar obrigatório não é somente uma opinião pública, mas uma opinião pública que se manifesta em uma forma, e é a consideração, como seu direito soberano. Em uma emergência nacional ela pode submeter-se a condições que um tempo seriam inaceitáveis. No entanto a americana resiste a idéia de conscrição para fins militares quando nenhuma emergência a exige.

## Reação de um Povo Democrático contra a Idéia de Serviço Militar Obrigatório

De pais que querem que os seus filhos cresçam na liberdade que lhes mesmos gozaram — liberdade esta pela qual o homem está pronto a morrer quando ele se acha amado. Isto explica a prontidão com que a sociedade desta geração submisso-se ao serviço militar para a defesa do país. Ela o faz porque não teme a conscrição e estabelece em que os seus sacrifícios são necessários para que seja mantida a liberdade em que eles orgulhosamente creem. Será que os americanos não sabem? Colocamos, portanto, a questão, não se que ainda não passaram a ameaça permanente de uma conscrição militar que queriam não ter ou não? Não tememos que o povo americano terá tal expectativa.

O treinamento militar universal deve ser repellido porque leva a um governo militar. As nações que o têm adotado são governadas, não por governos civis, mas por governos militares. Não há no mundo nenhuma democracia para em que exista uma lei permanente de conscrição a treinamento militar. Será a França com toda a sua paixão pela liberdade, a exceção disso. Ali os militares têm a última palavra a dizer. Nos países onde existe treinamento militar universal, direitos civis são, frequentemente, sacrificados pela força militar, tanto com referência ao operariado como ao capitalismo. O que é difícil resistir pela lei, resolve-se pela força militar. Quando a França enfrentou uma greve geral de ferroviários, o governo acabou, imediatamente, com a greve com mobilização militar. Nesta emergência de guerra, vemos actuações estranhas sobre a paz; vemos questões civis serem resolvidas pelo emprego de milhares. Não discutimos as isto está certo ou errado, em caso de emergência. No entanto isto mostra como a multidão para guerra ou para paz, não se julga sobre a base de princípios, mas sobre a base de sentimentos. Logo que o tempo chegou a ser ali a igreja, ele será convocado pelo estado para fins militares. A vida militar nunca foi favorável à cultura espiritual. De novo, a idéia estranha da conscrição da igreja como foram criados e serão colocados em um ambiente de guerra, estando mesmo a paz em sua. As igrejas já possuem muitos jovens devido a condições mundanas; elas poderão incomparavelmente mais se houver treinamento militar obrigatório.

Adoção do treinamento militar obrigatório em um país como os Estados Unidos é pregar desmoronamento. Para que fim, então, estamos perdendo milhares de vidas preciosas e gastando fins de milhões? Será ser jogado impetuosamente para a multidão de guerra por um momento? A vitória que não tem significado real, será uma vitória derrotada. Se é isto o que queremos dizer então as igrejas americanas terão perdido em vida e o alívio que terá sido para nada. Com isto se não estamos convencidos, uma outra razão no mundo, será que fazemos isto para que não haja militar para impedir a paz?

Não há nenhuma necessidade de se estabelecer agora uma lei de serviço militar obrigatório. O Atto de Serviço de Seleção é bastante para manter o nosso patriotismo humano para a vitória desejada. O atual arranjo é suficiente para o resto da guerra e para as necessidades posteriores de paz. De patriotismo do treinamento militar obrigatório para cada cidadão americano não há nenhuma necessidade imediata; ele, está preparando impo-

## Propaganda do Unionismo Eclesiástico no Tempo de Guerra

O tempo de guerra, situação confusa e anormal, serve de pretexto para certas pessoas fazerem coisas que, em tempos normais, dificilmente poderiam conseguir. Presta-se até para a propaganda do unionismo eclesiástico. Como prova disto, uma publicação em VE E VIII, de fevereiro de 1945, revista "relacionada com o Instituto de Cultura Batista, de São Paulo, da qual já se fez bastante propaganda até nos igrejas batistas, um "serviço" do Rev. Bentley Dumas, pregado em 1944, no Domingo de Armistício, com o título "Armistício na Guerra", do qual a dita revista "tem a grata satisfação de apresentar aos seus leitores." Neste "serviço" estão enumeradas várias coisas que, na opinião de muitos autores, constituiriam um "unionismo" na guerra. Entre outras coisas dá o autor:

"Na guerra os cristãos esquecem-se de suas tradições. Batistas se apressaram sem escrupulos para resolver a Santa Ceia das mãos de um simples presbiteriano. Na guerra, assistimos maravilhando recebendo comunhão de pastores protestantes; jovens judeus dedicaram suas vilas a palmas nos oratórios de um sacerdote católico; rabões judeus encorajaram cristãos no ho-

mo em que constituiriam um jovem católico que estava acreditando e assim provocaram-lhe alguns conflitos em seus próprios momentos. Na guerra os homens de diferentes crenças vivem e trabalham muito juntos e juntos encorajam uma espelhação de comunhão."

A finalidade destas coisas não é entrar nos méritos do referido "serviço", nem mesmo nos do tratado acima. Naturalmente, que o que não pode acontecer na guerra? Ali muitos serviram e "serviram". Não se deve, pois, deixar de lembrar de outros exemplos. Há uma história, no entanto, sobre a qual não posso mais definir. Por que não disse, ao menos, está quando e onde se deu o caso que tanto o empolgou? Quem eram esses "batistas" que não via no superlativamente se apressaram aos pés "da capela presbiteriana"? Do "batista" não se deveu ter o nome. Não é difícil contar histórias assim como que no sr, sem nenhuma evidência autêntica. Mesmo assim como está, sua história precisa-se e finalmente a finalidade do tratado acima, a qual ele revela lá mais adiante, no fim do seu "serviço", onde diz:

"Durante a guerra que se exa-



Dr. Ellis A. Fuller, Diretor do Seminário Batista de Louisville, Ky.

## Grande Progresso do Seminário Batista em Louisville

O nobre Seminário Batista de Louisville, a instituição que grande influência tem exercido sobre a vida dos batistas em muitos países do mundo inteiro, inclusive o Brasil, tem tido, nos anos recentes, um progresso maravilhoso. O progresso maravilhoso recebeu informações do seu diretor, Dr. Ellis A. Fuller, e outras coisas que têm sido no "Western Record", das quais aqui extraímos, o seguinte:

A família do Seminário — incluindo os estudantes solteiros, os casados e suas famílias, alunos da Escola de Teologia, membros da Faculdade e suas famílias, empregados e suas famílias — compõem-se de 1.318 pessoas. Dos estudantes casados, apenas uma porção, de 121 famílias, encontra residência nos apartamentos do Seminário. Os outros estudantes casados, uma 265 famílias, estão obrigados a residir fora do Seminário. Para os que residem no Seminário, a instituição tem uma necessidade imediata de "apropriação", ou seja também do "presbiteriano". Será para o Ilustre Reverendo José "Três" a diferença de doutrina e prática que aparece em denominações como as que estão se faz o conceito que o Reverendo faz desta diferença, sendo ele não muito diferente.

(Continua na pág. 43)



ANEXO E

Em 14 de junho de 1945, na edição Ano XLV, página 24, foi publicado um artigo escrito por Reynaldo Purim, intitulado "Perigos de Considerar a Democracia Apenas como Liberdade sem as suas Finalidades Práticas".



# JORNAL BATISTA

SEMANÁRIO NOTICIOSO E DOCTRINÁRIO  
ÓRGÃO DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA

Redação - R. Paulo Fernandes 24 - Tel. 25-7031  
Endereço postal - Caixa 329 (ou 352)  
Endereço telefônico - "BATISTAS".

Director-Redactor - Mayrêz Silveira  
Redactor-Honoriário - Theodoro R. Teófilo.  
Colaboradores Diversos

Ano XLV Rio de Janeiro, 14 de junho de 1945 Nº. 24

## Perigo de Considerar a Democracia Apenas como Liberdade sem as suas Finalidades Práticas

Reynaldo Purim

A democracia está hoje em grave perigo quanto à sua interpretação e aplicação prática. Este perigo surge diante de certas ideologias, regimes anti-democráticos ou extremistas, que clamam não só pelo direito de existir como também procuram um domínio auto-democrático na vida social e política. O fascismo, por exemplo, ainda que fundado nos terrenos militares, de modo algum ainda desapareceu, nem esqueceu, como ideologia, no pensamento de muitos, o que constitui um perigo que ameaça as nações e a humanidade.

Uma pergunta que se levanta hoje é esta: Será que uma ordem social em bases democráticas pode consentir no seu meio partidos anti-democráticos ou extremistas? Poderá permitir que indivíduos ou grupos lancem propaganda de idéias que visam a destruição das suas instituições? Ou será que um regime democrático deve eliminar os elementos que põem em perigo a sua existência? Esta é uma questão de atualidade que necessita ser esclarecida à luz dos próprios princípios democráticos. De qualquer modo, a democracia, está associada na sua aplicação prática na sociedade tanto por perigos externos como internos.

Um indivíduo não pode consentir no seu meio elementos extremistas está posto a prova o próprio conceito da democracia. Quem não tem uma noção adequada do assunto, pode equivocá-se, facilmente, num caminho anti-democrático. E em termo do próprio conceito, pois que surgem os sistemas. Os defensores de ideologias não democráticas se apresentam como partidários da democracia para enganarem os incautos.

Muitos consideram a democracia apenas como liberdade no método de indivíduos ou grupos podem manifestar-se livremente e procurar alcançar os seus objetivos pelo voto da maioria. Fazem-no, sem considerar as finalidades da democracia em si. Encaram a democracia apenas em parte, deixando de lado o seu elemento principal. Não basta, porém, considerar a democracia apenas como liberdade de palavra e de ação para, como por exemplo, escolher, pelo voto, alguém para dirigir a ordem social. Para muitos a democracia não passa disto. E só ter a liberdade de palavra e de ação para, como por exemplo, escolher, pelo voto, alguém para dirigir a ordem social. Para muitos a democracia não passa disto. E só ter a liberdade de palavra e de ação para, como por exemplo, escolher, pelo voto, alguém para dirigir a ordem social.

Se a democracia é interpretada apenas como liberdade ou método de indivíduos expressarem a sua vontade, e escolherem, por exemplo, quem deverá dirigir os negócios da coletividade, liberdade esta perfeitamente legítima, resultaria na sua própria destruição, isto é, o perigo de se considerar a democracia só como liberdade de escolha sem visar a qualidade do objetivo que se vai escolher. Este é o grande, senão o maior, perigo que hoje ameaça as nações. Já os propagandistas de extremismos se apresentam como se fossem os verdadeiros democratas para conseguirem, pelos métodos aparentemente legítimos, isto é, pelo voto livre na forma do emprego da força, finalidades ideológicas até as mais extremas, suas na sua propaganda, léguas da democracia. Seria, porém, um regime fascista ou comunista, por exemplo, um regime democrático caso fosse estabelecido pelo voto livre da maioria do povo? Mesmo que o fosse, seria uma negação da democracia. No entanto, pessoas há que imaginam que até o próprio comunismo seria perfeitamente legítimo e desejável desde que se estabelecesse sem violência, pelo voto livre da maioria do povo!

O valor da democracia não está na liberdade de escolher, mas sim nas próprias finalidades escolhidas. O Parlamento, como pre-requisito, a liberdade é essencial, mas o seu valor por excelência está na qualidade do objeto para cuja escolha é feita. Não basta, porém, considerar a democracia apenas como liberdade de escolha sem visar a qualidade do objetivo que se vai escolher. Este é o grande, senão o maior, perigo que hoje ameaça as nações. Já os propagandistas de extremismos se apresentam como se fossem os verdadeiros democratas para conseguirem, pelos métodos aparentemente legítimos, isto é, pelo voto livre na forma do emprego da força, finalidades ideológicas até as mais extremas, suas na sua propaganda, léguas da democracia. Seria, porém, um regime fascista ou comunista, por exemplo, um regime democrático caso fosse estabelecido pelo voto livre da maioria do povo? Mesmo que o fosse, seria uma negação da democracia.

na coletividade como uma abstração, representada por algum indivíduo ou por alguma pequena minoria que obscurece e aniquila os valores humanos em si e nos demais indivíduos. As democracias nem o estado, nem a sociedade se sobrepõem ao indivíduo, nem mesmo para usá-lo em benefício da coletividade. Certamente, o indivíduo deve buscar os interesses de todos, mas ele deve fazê-lo por si e por sua livre e espontânea vontade. De contrário, a democracia não existe e o indivíduo, virtualmente, nem é considerado como um ser humano. Na democracia todo indivíduo possui a liberdade para qualquer iniciativa e finalidade dentro dos limites próprios desta mesma democracia que respeitam a mesma liberdade nos demais indivíduos e a vontade da maioria ao que respeita à ordem social. Um regime semocrático, dependente, pode ser considerado como um ser humano. Na democracia todo indivíduo possui a liberdade para qualquer iniciativa e finalidade dentro dos limites próprios desta mesma democracia que respeitam a mesma liberdade nos demais indivíduos e a vontade da maioria ao que respeita à ordem social.

**"A PÁTRIA PARA CRISTO"**  
Programa irradiado através de PRD-2, Cruzeiro do Sul da Rio, 1.660 Kc, às segundas-feiras, entre 21.00 e 21.15 horas, pela JUNTA DE MISSÕES NACIONAIS

**Uma Alma Satisfeta** *Próximo Enredo Topinani*

Acheva-se o Senhor Jesus Cristo na calçada. Nas praias de Genebra, encontrava o povo da salvação, as verdades do Reino Celestial, Cabado, ozeiro, o povo, atravessou o lago e foi ferido. Quando ferido, não estava mais vivo, mas estava vivo. Quando ferido, não estava mais vivo, mas estava vivo. Quando ferido, não estava mais vivo, mas estava vivo.

Quantos recursos recorreu aquele desolado pai; em quantas portas batera; quantas orações; quantas lágrimas; quantas vigílias; quantas tribulações, melhor o saltem os que são pais e pais cujos filhos estão nas condições da filha de Jairo!

Abrado poderia dizer-se da situação de Jairo, pois ia perdendo seu sangue, filho único, herdeiro das promessas de Deus. Deus, o Pai, finalmente, quando viu morrer na cruz, miseravelmente, o seu Unigênito, o Senhor Jesus Cristo!

E assim, a alma de Jairo, hoje não osceva das tribulações. A tribulação, segundo E. Paulo, "produz fortaleza, a fortaleza a esperança e a experiência a esperança".

Da tribulação, a alma de Jairo passa para a ansiedade. Aquilo sobre pai patralmente foi do morto em porta preciosa aberta para seu filho. Falta-lhe, no entanto, a fé. Onde existe a fé, não existe ansiedade. Jairo era religioso, consagrado, bom, experimentado, afido às lutas da vida mas diante da moléstia incurável de sua filha, e vendo-a à morte, faltou-lhe a fé, a confiança no Verdadeiro Deus. E nas suas terríveis da ansiedade, vai ter com Jesus, última esperança para seu atribulado coração.

Temas essa uma alma suplicante. A primeira oração de Jairo é um ato: "prostra-te com os joelhos em terra diante de Jesus. Quanta eloquência nesse ato, quanta significação nessa atitude! Que elevado preço lhe custava essa genuflexão, sendo de Jairo e não chefe de sinagoga!

A segunda oração é um pedido insistente: "Minha filha está à morte". Pediu de maneira a não deixar escapar a oportunidade de alcançar a sua filha, e pediu insistente: "Minha filha está à morte". Pediu de maneira a não deixar escapar a oportunidade de alcançar a sua filha, e pediu insistente: "Minha filha está à morte".

**O PAN-AMERICANISMO**

Diccionario promulgado pelo Dr. Patrúrcio Morandé, em 1-2-1940, do século programado do Colégio Batista, irradiado todos os domingos de 8.30 hrs.

O espírito que rege a política de boa-vezinhança dos países americanos encontra-se em uma ampla liberdade no seu caráter democrático do povo brasileiro. Das estruturas mais altas do governo central às células mais distantes das administrações municipais, vive e atua em todos os níveis e em todas as unidades pan-americanas convergindo na ideia de Monroe e re-inventada na palavra cabocra e recente de Franklin Roosevelt, o campo da Democracia, o defensor nº. 1 da Civilização, o bálsamo da Vitória das Nações Unidas, que já neste momento está elaborando os planos que conduzem ao triunfo e à gloriificação imortal das ideias inspiradas pela evolução ascendente da humanidade.

Diante do portal da Vitória, a 2ª grande guerra entregava as palmas ao exército triunfante para que o 2º grande revolução dessempehe o seu papel na História, galvanizando os deuses da Civilização, a que os períodos celestiais obrigam os povos e as Nações na Hora imortal em que a lázula aponta o rumo a seguir, emergindo o fabrico da Tempo em função da História.

É chegado o momento de ascender à memorável conquista do momento Mestre: "GREGES que posso fazer isso?" A profetisa Orde declara: "O melhor, grande é tua fé, faça-se conforme CRISTE". A Maria e Maria Jesus disse: "SE GREGES verás a glória de Deus". Tudo o que Jesus fazia e faz é na base de fé: nunca nas das obras ou da justiça humana.

E hoje, porque uns se salvam e outros se perdem? Dependem, portanto, da fé. Será Jesus prodigioso? Não! Dependem exclusivamente das convicções: "O que será em vida eterna? O que não está condenado". Jairo confiou em Jesus e massa livre Jesus alcançou seu coração, para depois alcançar sua casa.

Aproximando-se Jesus da casa de

(Continua na pag. 3)

ANEXO F

Em 23 de agosto de 1945, foi publicado, na edição Ano XLV, página 34, o artigo "Falta de Liberdade Religiosa na Rússia Comunista", que contradizia a propaganda de liberdade religiosa na Rússia.

JORNAL BATISTA

Redator - Honorário - Theodoro B. Veloso
Diretor - Redator - Mayra Sbrera
Colaboradores Diretores

SEMANÁRIO NOTICIOSO E DOUTRINÁRIO
ÓRGÃO DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA

Redação - R. Paulo Fontenelle 24 - Tel. 23-323
Endereço Postal - Caixa 201 (An. 201)
Endereço telegráfico - "BATISTAS"

Ano XLV Rio de Janeiro, 23 de agosto de 1945. Nº. 34

NÃO CONTRIBUA PARA MISSÕES

Se achas que Jesus morreu em teu nome quando disse: "Tudo por todos, tudo por todos, tudo por todos, tudo por todos", não contribuas para as missões...

A Mensagem da Salvação

É uma palavra que nos alertamos em nossa jornada... A Bíblia é a história da salvação de Deus em favor da humanidade...

MISSIONÁRIOS MARTIRIZADOS

É realmente incrível a atitude de um país que se apresenta como tratado de liberdade de consciência...

Falta de Liberdade Religiosa na Rússia Comunista

Exercer liberdade religiosa no regime comunista russo? Pouco esta questão tem havido propaganda...

mas são proibidas, embora se possa ensinar a religião se através de cursos...

Recepção dos Expedicionários Evangélicos pela Mocidade Batista Carioca

Sei que não sou um homem que se dá por satisfeito com o que os expedicionários...

que se não movem e que depois se esperam. Comunistas em todo o mundo...

O Secretário Executivo ficou no seu escritório mais tempo para se preparar para a sua edição noticiosa...

ANEXO G

Outro artigo, publicado em 06 de setembro de 1945, na edição Ano XLV, página 36, anunciou "Inquisição ao invés da Liberdade Religiosa na Ordem Social Dominada pela Igreja Católica".

**JORNAL BATISTA**

SEMANÁRIO NOTICIOSO E DOUTRINÁRIO  
ÓRGÃO DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA

Réditor — Honorário — Theodoro R. Teixeira  
Diretor — Redator — Manoel Silveira  
Colaboradores Diversos

Ano XLV R. de Janeiro, 6 de setembro de 1945. N.º 36

Rodrigo — R. Paulo Fernandes 24 — Tel. 3112  
Fábrica: Dinal — Costa 33 (na 322)  
Endereço telegráfico — "BATISTAS".

---

**Inquisição ao invés da Liberdade Religiosa na Ordem Social Dominada pela Igreja Católica**

Depois da devota leitura da poderosa manifestação, a Igreja Católica lançou campanha de intensa propaganda para levar a notícia a cada um dos "desconhecidos" e "favoráveis à liberdade religiosa". Como exemplo desta propaganda dos romanos, veja, na "O Brasil", de 26.7.45, um artigo intitulado: "A Liberdade de Consciência e de Culto", da pluma de Ricardo Sáclis de Medeiros, S. J.

"No referido artigo, o autor, pessoa conhecida de uns leitores, afirma que a Igreja defende a liberdade de culto, desde o dia em que Cristo disse aos Apóstolos que fossem o rei mundo e progressos e depois, os que cresceram, foram batizados", e, empolgadamente, porém não se apresentando em qualquer sentido em tal liberdade religiosa. Os fatos da história estão aí e provam exatamente o contrário do que o Sr. Medeiros quis dizer. Ele não nos dá sequer a impressão de saber nada sobre a história da igreja Católica. Se sabemos a ser Medeiros que vive a uma vida inteiramente dedicada ao trabalho, não há de ser a Igreja defendida e lançada ao mundo. Esta tentativa não deixa de ser ingenuidade por parte do jornalista.

"Conservando-se no terreno doutrinário, o autor, Medeiros, abraça a doutrina que, desde a Igreja Católica tem de sempre defendido, ali a "nada inquisição" e liberdade, como que a Igreja defende a liberdade de culto". Claro que isto é mentira, o próprio autor do artigo afirma e se-

**Tentativa inútil de um jesuíta para apontar a Igreja Romana como democrática e favorável à liberdade de culto**

guinte da imprensa não tem a liberdade de expressão que, apesar de ser a Igreja Católica, defende a liberdade de culto, desde o dia em que Cristo disse aos Apóstolos que fossem o rei mundo e progressos e depois, os que cresceram, foram batizados", e, empolgadamente, porém não se apresentando em qualquer sentido em tal liberdade religiosa. Os fatos da história estão aí e provam exatamente o contrário do que o Sr. Medeiros quis dizer. Ele não nos dá sequer a impressão de saber nada sobre a história da igreja Católica. Se sabemos a ser Medeiros que vive a uma vida inteiramente dedicada ao trabalho, não há de ser a Igreja defendida e lançada ao mundo. Esta tentativa não deixa de ser ingenuidade por parte do jornalista.

"Conservando-se no terreno doutrinário, o autor, Medeiros, abraça a doutrina que, desde a Igreja Católica tem de sempre defendido, ali a "nada inquisição" e liberdade, como que a Igreja defende a liberdade de culto". Claro que isto é mentira, o próprio autor do artigo afirma e se-

**"UM PARTIDO DO CENTRO"**  
(A margem de um artigo de Hélio Silva, no "Jornal do Brasil", de 28 6-945)

Repetidas vezes contradição se encontram no artigo de Hélio Silva, e acentua-se mais quando se lê o artigo da margem de um artigo de Hélio Silva, no "Jornal do Brasil", de 28 6-945. O autor do artigo, Hélio Silva, afirma que a Igreja Católica sempre defendeu a liberdade de culto, desde o dia em que Cristo disse aos Apóstolos que fossem o rei mundo e progressos e depois, os que cresceram, foram batizados", e, empolgadamente, porém não se apresentando em qualquer sentido em tal liberdade religiosa. Os fatos da história estão aí e provam exatamente o contrário do que o Sr. Medeiros quis dizer. Ele não nos dá sequer a impressão de saber nada sobre a história da igreja Católica. Se sabemos a ser Medeiros que vive a uma vida inteiramente dedicada ao trabalho, não há de ser a Igreja defendida e lançada ao mundo. Esta tentativa não deixa de ser ingenuidade por parte do jornalista.

**BANQUETE DA ORDEM DOS MINISTROS BATISTAS AO CAPELÃO JOÃO F. SOREN**

Este é o banquete realizado no nosso capela João F. E. B. honrou um almoço que lhe foi servido no restaurante do Capela do Brasil, pela presença de Bartolomeu de Jesus, e pastor da D. M. B. B. Foi um almoço de caráter amigável e fraterno, no qual se fez o seguinte programa de ordem do dia.

O primeiro item do programa foi a leitura do relatório do Sr. João F. E. B. sobre a situação da Igreja Católica no Brasil, e a discussão sobre a liberdade de culto e a liberdade religiosa. O Sr. João F. E. B. afirmou que a Igreja Católica sempre defendeu a liberdade de culto, desde o dia em que Cristo disse aos Apóstolos que fossem o rei mundo e progressos e depois, os que cresceram, foram batizados", e, empolgadamente, porém não se apresentando em qualquer sentido em tal liberdade religiosa. Os fatos da história estão aí e provam exatamente o contrário do que o Sr. Medeiros quis dizer. Ele não nos dá sequer a impressão de saber nada sobre a história da igreja Católica. Se sabemos a ser Medeiros que vive a uma vida inteiramente dedicada ao trabalho, não há de ser a Igreja defendida e lançada ao mundo. Esta tentativa não deixa de ser ingenuidade por parte do jornalista.

**PARA QUE OS EVANGÉLICOS SAIBAM**

REV. SINCISO LARA, pastor da Igreja Congregacional da Rua General.

Nesta igreja, desde que se começou a publicar, há um ano e meio, há um grupo de pessoas que se reunem para discutir e debater as questões de ordem política e social. Este grupo, que se reúne no Capela do Brasil, tem o propósito de discutir e debater as questões de ordem política e social. Este grupo, que se reúne no Capela do Brasil, tem o propósito de discutir e debater as questões de ordem política e social.

**PARA QUE OS EVANGÉLICOS SAIBAM**

REV. SINCISO LARA, pastor da Igreja Congregacional da Rua General.

Nesta igreja, desde que se começou a publicar, há um ano e meio, há um grupo de pessoas que se reunem para discutir e debater as questões de ordem política e social. Este grupo, que se reúne no Capela do Brasil, tem o propósito de discutir e debater as questões de ordem política e social. Este grupo, que se reúne no Capela do Brasil, tem o propósito de discutir e debater as questões de ordem política e social.

ANEXO H

Em 04 de outubro de 1945, na edição Ano XLV, página 40, publicou-se artigo intitulado “A Liberdade Religiosa Mantida pelos Batistas na Obra da Educação: Diferença entre Liberdade Religiosa e Tolerância”.

# JORNAL BATISTA

SEMANARIO NOTICIOSO E DOUTRINARIO  
ORGAO DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA

Redator — Resumido — Theodoro R. Teixeira Diretor — Rufino — Moisés Sávio Colaboradores Diversos	Ano XLV      Rio de Janeiro, 4 de outubro de 1945.      Nº. 40	Redação: R. Paula Ferraz 24 — Tel. 22-7113 Rodovia Postal — Caixa 229 (su. 222) Endereços telegráficos: "BATISTAP".
--	--	---

---

## A Liberdade Religiosa Mantida pelos Batistas na Obra da Educação

### Diferença entre liberdade religiosa e tolerância

**Do aspecto de não ingerência na organização administrativa de um país, não se pode considerar que a liberdade religiosa seja um princípio absoluto. Ela é a liberdade de expressão, de consciência e de culto. Não se trata de uma liberdade de opinião, mas de uma liberdade de ação. Ela é a liberdade de expressão de uma consciência individual e não coletiva. Ela é a liberdade de consciência e não de consciência.**

**Admitindo-se, portanto, que a liberdade religiosa seja um princípio absoluto, ela é a liberdade de expressão, de consciência e de culto. Ela é a liberdade de expressão de uma consciência individual e não coletiva. Ela é a liberdade de consciência e não de consciência.**

**Desse ponto de vista, a liberdade religiosa é a liberdade de expressão, de consciência e de culto. Ela é a liberdade de expressão de uma consciência individual e não coletiva. Ela é a liberdade de consciência e não de consciência.**

**Portanto, a liberdade religiosa é a liberdade de expressão, de consciência e de culto. Ela é a liberdade de expressão de uma consciência individual e não coletiva. Ela é a liberdade de consciência e não de consciência.**

**Do ponto de vista da liberdade religiosa, a tolerância é a liberdade de expressão, de consciência e de culto. Ela é a liberdade de expressão de uma consciência individual e não coletiva. Ela é a liberdade de consciência e não de consciência.**

**Admitindo-se, portanto, que a liberdade religiosa seja um princípio absoluto, ela é a liberdade de expressão, de consciência e de culto. Ela é a liberdade de expressão de uma consciência individual e não coletiva. Ela é a liberdade de consciência e não de consciência.**

**Desse ponto de vista, a liberdade religiosa é a liberdade de expressão, de consciência e de culto. Ela é a liberdade de expressão de uma consciência individual e não coletiva. Ela é a liberdade de consciência e não de consciência.**

**Portanto, a liberdade religiosa é a liberdade de expressão, de consciência e de culto. Ela é a liberdade de expressão de uma consciência individual e não coletiva. Ela é a liberdade de consciência e não de consciência.**



Dr. A. R. Calvo



Dr. J. H. Howard

**Intromissão ilegítima da Igreja Católica na Vida Nacional**

**VIOLADO O PRINCIPIO DA SEPARAÇÃO ENTRE A RELIGIÃO E O ESTADO**

**Implantação do domínio estrangeiro do Papa**

**Do ponto de vista da liberdade religiosa, a tolerância é a liberdade de expressão, de consciência e de culto. Ela é a liberdade de expressão de uma consciência individual e não coletiva. Ela é a liberdade de consciência e não de consciência.**

#### EDUCANDÁRIOS BATISTAS DO BRASIL



COLÉGIO BATISTA MINEIRO — Edifício de interesse acadêmico no bairro Colônia de Floresta em Belo Horizonte

#### EDUCANDÁRIOS BATISTAS DO BRASIL



COLÉGIO BATISTA BRASILEIRO — "DA ANA RAGBY" — Sede principal, na capital de São Paulo.

## ANEXO I

Na cidade de Jaguaquara, um distrito recebeu o nome de Stela Câmara Dubois. Uma lei foi aprovada pela Prefeitura de Jaguaquara em sua homenagem, para preservar as manifestações públicas e a divulgação da história e da cultura em instituições de ensino, religiosas e culturais.



## PREFEITURA MUNICIPAL DE JAGUAQUARA

Praça J. J. Seabra, n.º 172 – Centro – CEP: 45345-000 — Fone/Fax: (73) 534-2323 — CNPJ: 13.910.211/0001-03  
Home Page: <http://www.jaguaquara.ba.gov.br> — E-mail: [prefeitura@jaguaquara.ba.gov.br](mailto:prefeitura@jaguaquara.ba.gov.br)

LEI Nº 693 DE 15 DE JUNHO DE 2007.

**Prefeitura Municipal de Jaguaquara**  
PROCURADORIA JURÍDICA  
REGISTRADA

Sob. o n.º 693 Fls. 074 do Livro n.º 013  
Jaguaquara, 15 de Junho de 2007

*[Assinatura]*  
ASSINATURA

"Institui DATA COMEMORATIVA DO DISTRITO STELA CÂMARA DUBOIS, no Município de Jaguaquara, Estado da Bahia e dá outras providências".

O PREFEITO MUNICIPAL DE JAGUAQUARA, ESTADO DA BAHIA, no uso das suas atribuições legais, conferidas pela Lei Orgânica do Município, faz saber que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono a seguinte lei.

Art. 1º - Fica instituído o dia **28 de agosto**, como o DIA DO DISTRITO STELA CÂMARA DUBOIS, no Município de Jaguaquara.

Art. 2º - Esta data é destinada a manifestações públicas, visando difundir e valorizar a história, as atividades culturais, sociais e educacionais, do Distrito Stela Câmara Dubois, devendo ser promovidas por entidades de classe, instituições de ensino, religiosas e culturais.

Art. 3º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

GABINETE DO PREFEITO, Jaguaquara/Ba, 15 de junho de 2007.

*[Assinatura]*  
Aldemir Moreira  
Prefeito Municipal

**ANEXO J**

Stela Câmara Dubois e sua família



Fonte: *Hinologia Cristã*.